



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIA APLICADAS E EDUCAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

VINÍCIUS GABRIEL DA SILVA

**"A PROFESSORA QUE SE VIRE": IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO
TRABALHO PRODUTIVO E REPRODUTIVO DE MULHERES MÃES E
PROFESSORAS DE ENSINO BÁSICO**

**JOÃO PESSOA (PB)
2022**

VINÍCIUS GABRIEL DA SILVA

**"A PROFESSORA QUE SE VIRE": IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NO
TRABALHO PRODUTIVO E REPRODUTIVO DE MULHERES MÃES E
PROFESSORAS DE ENSINO BÁSICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mónica Lourdes Franch Gutiérrez.

**JOÃO PESSOA (PB)
2022**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

ATA Nº 26/2022 - PPGS (11.01.15.73)

Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO

João Pessoa-PB, 05 de Dezembro de 2022

ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA BANCA EXAMINADORA COMPOSTA PARA AVALIAR
VINÍCIUS GABRIEL DA SILVA

Aos 28 dias do mês de novembro de 2022, às 09 horas, por videoconferência <https://meet.google.com/kof-jxie-dwy>, realizou-se a sessão pública de defesa de Dissertação, intitulada: "A professora que se vire': Impactos da pandemia de Covid-19 no trabalho produtivo e reprodutivo de mulheres mães e professoras do ensino básico" apresentado pelo discente **Vinicius Gabriel da Silva**, estando a Comissão Examinadora composta pelos docentes: Mônica Lourdes Franch Gutierrez (PPGS/UFPB), Charliton José dos Santos Machado (PPGS/UFPB) e Rosamaria Giatti Carneiro (ELA/UNB). Dando início aos trabalhos, a professora Mônica Lourdes Franch Gutierrez, na qualidade de Presidente da Comissão, convidou os demais integrantes da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida foi concedida palavra ao defendente para expor uma síntese de sua Dissertação que, após, foi arguida pelos membros da Comissão Examinadora. Encerrados os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a Dissertação, à qual foi atribuído o conceito de APROVADA. A seguir foi encerrada a reunião, devendo a Universidade Federal da Paraíba, de acordo com a Lei, expedir o respectivo Diploma de MESTRE EM SOCIOLOGIA.

(Assinado digitalmente em 05/12/2022 15:22)
CHARLITON JOSE DOS SANTOS MACHADO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1220709

(Assinado digitalmente em 05/12/2022 14:46)
MONICA LOURDES FRANCH GUTIERREZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1487317

Processo Associado: 23074.111441/2022-97

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: 26, ano: 2022, documento (espécie): ATA, data de emissão: 05/12/2022 e o código de verificação: **c0efa372ef**

RELATÓRIO N° 62/2022 - PPGS (11.01.15.73)

N° do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO

João Pessoa-PB, 05 de Dezembro de 2022

RELATÓRIO FINAL DA ORIENTADORA

Eu, Mónica Lourdes Franch Gutierrez, orientadora do trabalho final do aluno **Vinicius Gabriel da Silva**, matrícula **20201003256**, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia com área de concentração em Sociologia, da Universidade Federal da Paraíba, após exame da vida acadêmica do mencionado aluno, tenho a relatar:

A integralização do curso foi feita em 34 meses (Prorrogação de 06 meses deferida em reunião de Colegiado realizada no dia 21 de março de 2022. Prorrogação de 03 meses, nos termos da Resolução CONSEPE nº 23/2022, autorizada em reunião de Colegiado realizada no dia 30 de setembro de 2022).

Quanto ao desempenho acadêmico, constata-se que o discente cursou 24 créditos da estrutura curricular a qual está submetido e foi aprovado no exame de verificação da capacidade de leitura em espanhol.

Já na apresentação da Dissertação intitulada: "A professora que se vire': Impactos da Pandemia de Covid-19 no trabalho produtivo e reprodutivo de mulheres mães e professoras de Ensino Básico", realizada no dia 28 de novembro de 2022, às 09 horas, o defendente obteve o conceito APROVADO estando a banca examinadora formada pelos especialistas:

Profa. Dra. Mónica Lourdes Franch Gutierrez (PPGS/UFPB)

Profa. Dra. Charliton José dos Santos Machado (PPGS/UFPB)

Profa. Dra. Rosamaria Giatti Carneiro (ELA/UNB)

Diante do exposto, considerando que o discente **Vinicius Gabriel da Silva**, dentro do prazo regimental, satisfaz todas as exigências do Regimento Geral da UFPB, do Regulamento Geral dos Cursos de Pós-graduação *Stricto Sensu* da UFPB e do Regulamento deste Programa, considero que o discente está apto a obter o grau de **MESTRE EM SOCIOLOGIA**, a ser conferido pela Universidade Federal da Paraíba.

(Assinado digitalmente em 05/12/2022 14:45)
MONICA LOURDES FRANCH GUTIERREZ
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
Matrícula: 1487317

Processo Associado: 23074.111441/2022-97

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: **62**, ano: **2022**, documento (espécie): **RELATÓRIO**, data de emissão: **05/12/2022** e o código de verificação: **2d0a24c1da**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Vinícius Gabriel da.

A professora que se vire: impactos da pandemia de covid-19 no trabalho produtivo e reprodutivo de mulheres mães e professoras de ensino básico / Vinícius Gabriel da Silva. - João Pessoa, 2022.

96 f. : il.

Orientação: Mónica Lourdes Franch Gutiérrez.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Sociologia. 2. Trabalho. 3. Gênero. 4. Ensino básico - Professoras. 5. Maternidade. 6. Covid-19. I. Gutiérrez, Mónica Lourdes Franch. II. Título.

UFPB/BC

CDU 316(043)

*Dedico este trabalho a todas as professoras
mães do estado da Paraíba.*

AGRADECIMENTOS

Apesar de ser um item opcional nos elementos pré-textuais de uma dissertação, não poderia deixar de citar aqui algumas pessoas, projetos de pesquisa e instituições que contribuíram de forma única para a conclusão deste trabalho tão importante no nível pessoal e profissional. Agradeço eternamente a minha família pelo apoio, principalmente a minha mãe que sempre fez o que estava ao seu alcance para a educação dos seus filhos.

Aos amigos que a Sociologia e a Antropologia me trouxeram durante esses anos, Ana Olivia, Eveline Torres, Mari Borba, Eli Nascimento, Elma Maria, Valéria Ojuara, Tatiany Simas, Wilka Santos, Evelynne Tavares, Felipe Roque, Frances Maryna, Raysa Nascimento, Rosália muito obrigado por vocês existirem!

A Maysa, amiga e colega do mestrado, muito obrigado pela parceria nestes dois últimos anos, você é incrível e uma grande profissional.

À turma do mestrado, muito embora devido à pandemia da covid-19 não ter conhecido boa parte dos colegas pessoalmente, as discussões nas aulas remotas foram importantíssimas para meu crescimento profissional e intelectual.

Agradeço ao Projeto de pesquisa no qual faço parte como aluno de mestrado intitulado “Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social” pela oportunidade da bolsa de pesquisa por meio da Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da Universidade Federal de Pernambuco (FADE) que foi crucial para que eu pudesse desenvolver atividades relacionadas a pesquisa.

Ao grupo de pesquisa Antropo-covid por encarar o desafio de estudar a pandemia da covid-19 no momento em que ela acontecia e por ter me acolhido como pesquisador. Nossos momentos foram de grande valor não só para minha formação como também para enfrentar este período da história tão difícil para todo mundo. Nossas reuniões quinzenais foram muito importantes para que eu pudesse manter minha sanidade mental durante o período mais crítico da pandemia.

A Charliton Machado e a Rosamaria Carneiro por terem aceitado o convite para participar desse processo na qualificação e como banca avaliadora na defesa. Me sinto honrado em tê-los presentes.

A Mónica Franch, minha orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais e agora também minha orientadora desta Dissertação. Muito obrigado por me ensinar a fazer Antropologia, Sociologia e por todo o cuidado e carinho que você teve neste trabalho. Você é um exemplo de profissional que pretendo seguir onde eu estiver seja nas escolas ou na universidade. Gratidão!

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB

Às professoras mães, interlocutoras desta pesquisa. Muito obrigado por separar um tempo tão precioso para falar sobre suas vidas e a partir delas construir um trabalho sociológico tão importante para mim.

*“Fracassei em tudo o que tentei na vida.
Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não
consegui.
Tentei salvar os índios, não consegui.
Tentei fazer uma universidade séria e fracassei.
Tentei fazer o Brasil desenvolver-se
autonomamente e fracassei.
Mas os fracassos são minhas vitórias.
Eu detestaria estar no lugar de quem me
venceu. ”*

(Darcy Ribeiro)

RESUMO

Este trabalho situa-se no diálogo sociológico entre gênero, docência e maternidade, a partir da apresentação de dados qualitativos da minha pesquisa de Mestrado que consiste em compreender o impacto da pandemia da covid-19 no trabalho e na vida cotidiana de professoras das escolas do ensino básico, mães de filhos (as) até cinco anos de idade. A proposta é refletir sobre o trabalho das professoras que tiveram o cotidiano escolar interrompido pelo isolamento social obrigatório devido às medidas para mitigação da disseminação do coronavírus. Serão apresentadas informações colhidas por meio de entrevistas semiabertas com análises dos dados gerais das participantes, sua rotina de trabalho, suas emoções durante a pandemia, as suas condições diante do apoio — psicológico, formação, capacitação — por parte da(s) escola(s), se teve acesso a alguma rede de apoio para os(as) filhos(as) e como está se dando o trabalho no ensino híbrido. Neste sentido, se faz importante realizar pesquisas no âmbito das Ciências Sociais que se proponham a compreender o modo como essas transformações na vida doméstica e profissional têm se operado no cotidiano, buscando entender até que ponto desigualdades previamente existentes, sobretudo no que diz respeito aos marcadores de gênero e classe, podem ter se visto acirradas neste momento pandêmico.

Palavras-chave: professoras; covid-19; trabalho; maternidade.

ABSTRACT

This work is situated in the sociological dialogue between gender, teaching and motherhood, based on the presentation of qualitative data from my master's research, which consists of understanding the impact of the covid-19 pandemic on the work and daily life of teachers in schools in the primary education, mothers of school-age children. The proposal is to reflect on the work of teachers who had their school routine interrupted by mandatory social isolation due to the spread of the coronavirus. Information collected through semi-open interviews will be presented with analysis of the general data of the participants, their work routine, their emotions during the pandemic, their conditions in the face of support (psychological, training, training) by the school(s)(s), if they had access to any support network for their children and how the work in blended learning is going. In this sense, it is important to research in the field of Social Sciences that propose to understand how these transformations in domestic and professional life have operated in everyday life, seeking to understand to what extent previously existing inequalities, especially with regard to markers of gender and class, may have been fierce in this pandemic moment.

Keywords: teachers; covid-19; job; maternity.

RESUMEN

Este trabajo se sitúa en el diálogo sociológico entre género, docencia y maternidad, a partir de la presentación de datos cualitativos de mi investigación de maestría, que consiste en comprender el impacto de la pandemia del covid-19 en el trabajo y la vida cotidiana de los docentes de las escuelas de la educación primaria, madres de niños en edad escolar. La propuesta es reflexionar sobre el trabajo de los docentes que vieron interrumpida su rutina escolar por el aislamiento social obligatorio por la propagación del coronavirus. Se presentará información recolectada a través de entrevistas semiabiertas con análisis de los datos generales de los participantes, su rutina de trabajo, sus emociones durante la pandemia, sus condiciones frente al apoyo (psicológico, formativo, formativo) por parte de la(s) escuela(s) (s), si tuvieron acceso a alguna red de apoyo para sus hijos y cómo va el trabajo en blended learning. En este sentido, es importante realizar investigaciones en el campo de las Ciencias Sociales que se propongan comprender cómo estas transformaciones en la vida doméstica y profesional han operado en la vida cotidiana, buscando comprender en qué medida las desigualdades previamente existentes, especialmente en lo que respecta a los marcadores de género. y clase, puede haber sido feroz en este momento de pandemia.

Palabras clave: docentes; covid-19; trabajo; maternidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Meme: "Antes de morrer"	17
Figura 2. Algumas charges retratando professoras em situação de isolamento social	19
Figura 3. Charge “volta às aulas como iniciar o ano letivo em 2021”	22
Figura 4. A covid-19 e suas implicações no contexto educacional	26
Figura 5. Professora colocando seu filho para dormir	32
Figura 6. Charge aborda o trabalho remoto e o adoecimento físico e mental de profissionais de educação	38
Figura 7. Charge “pandemia e educação a distância: faz de conta e professores estressados”	53

LISTA DE TABELA

Tabela 1. Apresentação das interlocutoras da pesquisa	34
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BBC BRASIL – BRITISH BROADCASTING CORPORATION BRASIL.

CONASS - CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIO DE SAÚDE

COVID-19 – DOENÇA DO CORONAVÍRUS 2019

EAD – EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

EJA – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

FADE – FUNDAÇÃO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO

FENEP – FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ESCOLAS PARTICULARES

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE

PET-PB – PLANO EDUCAÇÃO PARA TODOS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA PARAÍBA.

PPGA – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

PPGS – PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

SCZV - SÍNDROME CONGÊNITA DA ZIKA VÍRUS

SINTEENP – SINDICATO DOS TRABALHADORES EM ESTABELECIMENTOS DE ENSINO PRIVADO DA PARAÍBA

TAG – TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA

UFPB – UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

UFSC – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

UNB – UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

UTI – UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - OS TRAJETOS DE UMA PESQUISA E DE UM PESQUISADOR ...	22
1.1 A docência: entre sujeito e objeto	24
1.2 As professoras e as entrevistas	30
CAPÍTULO II - GÊNERO, ESCOLA E PANDEMIA: UM OLHAR DESDE AS PROFESSORAS	38
2.1. Gênero como categoria analítica	39
2.2 Gênero e educação	41
2.3 E quando a pandemia entra na escola... Como ficam as professoras?	45
CAPÍTULO III - LINHA DE FRENTE DIGITAL: AS EXPERIÊNCIAS DAS PROFESSORAS MÃES	53
3.1 “SE VIRE” ou relatos da transição ao ensino remoto em meio a uma pandemia ...	54
3.2 “Eu tinha que ser um tiktoker”: As dificuldades do ensino híbrido	63
3.3 O “tempo roubado”: maternidade na pandemia	66
3.4 “A mulher que faz...”: trabalho doméstico na pandemia	70
3.5 Emoções e adoecimento mental	74
3.6 Ainda sobre o tempo: a professora mãe em tempos de pandemia da covid-19	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
Apêndices	93
Anexo	95

INTRODUÇÃO

(...) sabe qual a frase que mais ele fala pra mim: “Ah mamãe, você fica aí no quarto trabalhando e eu vou ali com o vovô”. Por que? Porque toda vez que ele me chama pra brincar, eu tô sentada e falando pra ele “filho, só um minuto que a mamãe tá trabalhando, já já eu vou”. Só que eu não paro de trabalhar (Pamela, transcrição de áudio, 2020).

Esta pesquisa tem como proposta compreender como professoras de escolas particulares do ensino básico, que são também mães de crianças com idade de até cinco anos, lidaram com o trabalho remoto e híbrido em tempos de pandemia da Covid-19 no período de 2020 e 2021, e como essa mudança nas formas de trabalho tem afetado seu cotidiano que inclui, também, responsabilidades com o trabalho reprodutivo. A ideia inicial foi acompanhar o trabalho de professoras do ensino básico de João Pessoa (PB) que tiveram a sua rotina escolar interrompida pelas medidas de isolamento social obrigatórias devido a disseminação da Covid-19¹, fazendo com que as escolas do ensino básico fechassem suas portas com a declaração de estado de pandemia pela Organização Mundial da Saúde no dia 11 de março de 2020². Na Paraíba, como em diversos estados, foi decretado estado de emergência³ no dia 13 de março de 2020, o que ocasionou mudanças profundas na educação brasileira.

Após um mês de aulas presenciais interrompidas, as professoras (majoritariamente do ensino privado) retornaram ao trabalho no formato de aulas virtuais. Sendo assim, o ambiente da casa se tornou também seu ambiente de trabalho. Essa realidade impactou ainda mais as mulheres com filhos pequenos que, além de terem que se adaptar às novas práticas de ensino, precisaram dar conta dos cuidados com as crianças de forma simultânea e no mesmo espaço físico (a casa) em que passaram a desenvolver suas atividades profissionais. Neste sentido, se

¹ Doença do coronavírus 2019.

² OMS, OPAS. “Histórico da Pandemia de Covid-19”. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> Acesso em: 28/02/22).

³ O então governador da Paraíba João Azevedo decretou estado de emergência no Diário Oficial do Estado da Paraíba, como podemos ver no link a seguir: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doe/janeiro/marco/diario-oficial-14-03-2020.pdf/> . Acesso em: 28/02/2022.

faz importante desenvolver pesquisas no âmbito das Ciências Sociais que se proponham a compreender o modo como essas transformações na vida doméstica e profissional têm se operado no cotidiano, buscando entender até que ponto desigualdades previamente existentes, sobretudo no que diz respeito aos marcadores de gênero, classe e raça, podem ter sido acirradas no momento pandêmico.

As pandemias do ponto de vista sócio-histórico acarretam mudanças significativas em diversas esferas da vida social, ou seja, as transformações nas relações sociais, afetivas, de trabalho, econômicas, nos sistemas de saúde, nas relações culturais são inevitáveis. Neste sentido, elas se apresentam como desafio não apenas para as Ciências da saúde, mas também para as Ciências sociais (HARVEY, 2020). O processo de disseminação da doença, o modo como ela afeta diferencialmente grupos humanos, os impactos sobre o cotidiano, as crenças e valores mobilizados, bem como as políticas de enfrentamento são algumas das questões que podemos refletir a respeito da chegada da Covid-19 no Brasil.

Assim, a preocupação da disseminação do vírus no Brasil tem chamado atenção diante dos descasos do Governo Federal e da negação da doença por uma parte da população. Segundo a reportagem da BBC BRASIL, em março de 2021, a Covid-19 no país já havia matado mais pessoas comparado a pandemia inteira juntando os 109 países. Uma realidade que já estava prevista diante da falta de investimentos do Governo Federal e o atraso na vacinação da população brasileira. Em 2020, Guilherme Loureiro Werneck e Marília Sá Carvalho já apontavam as especificidades e as dificuldades que o Brasil iria enfrentar neste momento pandêmico.

No Brasil, o panorama é incerto e as estimativas válidas e confiáveis do número de casos e óbitos por Covid-19 esbarram na ausência de dados confiáveis, seja dos casos ou da implantação efetiva das medidas de supressão, frente às recomendações contraditórias das autoridades em cada nível de governo. Entre as regiões do país, trabalhos preliminares baseados em dados de mobilidade interurbana apontam os caminhos potenciais da difusão da epidemia como instrumento de alocação dos recursos necessários à adequada assistência, já escassos. Pouco se sabe sobre como a epidemia se propagará e afetará as comunidades de baixa renda, um panorama completamente novo, considerando os países mais afetados até agora. [...] A epidemia de covid-19 encontra a população brasileira em situação de extrema vulnerabilidade, com altas taxas de desemprego e cortes profundos nas políticas sociais. Ao longo dos últimos anos, especialmente após a aprovação da Emenda Constitucional nº 95, que impõe radical teto de gastos públicos e com as políticas econômicas implantadas pelo atual governo, há um crescente e intenso estrangulamento dos investimentos em saúde e pesquisa no Brasil. É justamente nesses momentos de crise que a sociedade percebe a importância para um país de um sistema de ciência e tecnologia forte e de um sistema único de saúde que

garanta o direitinho universal à saúde (WERNECK; CARVALHO, 2020, p.03).

Com esse histórico de negligência por parte do Governo Federal em relação à pandemia, chegamos no ano de 2022, segundo o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS), com o número de mortos confirmado em 688.267⁴, o que representa um impacto no país não só pelas vidas que se foram, mas também pelas famílias que perderam seus entes ao longo dessa pandemia.

Se todas as esferas da vida social se encontram em dificuldades devido à pandemia, os impactos sobre cada setor de atividade apresentam especificidades e também estão regidos por normativas diferentes - que podem variar de estado para estado, e também se modificam ao longo do tempo. Nesse contexto, durante todo o ano de 2020, em diversos estados brasileiros, definiu-se que as aulas para o ensino básico ocorreriam de forma remota ou semipresencial: entrega de apostilas, aulas online, entre outros meios que não acarretassem em aglomerações de pessoas, tendo em vista que no funcionamento de uma escola há interações de diversos sujeitos, alunos, professores e equipe pedagógica em espaços fechados (em sua maior parte) e por um tempo prolongado. Esses profissionais do ensino básico (ensino infantil e ensino fundamental anos iniciais e finais) em sua maioria são mulheres⁵ (Censo Escolar 2020) que rapidamente tiveram que se adequar ao modelo remoto de aula e muitas delas, convivem com seus filhos dentro de casa, além de também vivenciarem a pandemia em seu sentido mais ampliado - o medo de adoecer, a eventual experiência de adoecimento próprio e de familiares e até possíveis perdas dos seus entes.

As questões que atravessam a docência, Covid-19 e aulas remotas foram amplamente abordadas pela opinião pública, aparecendo em notícias de jornais, sites e nas redes sociais por meio de imagens, charges, vídeos que “viralizaram” na internet. Uma mensagem que viralizou tornando-se “meme”⁶ nas redes sociais foi o comentário de um internauta sobre a suposta orientação da direção de uma escola para seus professores. Na primeira mensagem, reproduzia-se o seguinte: “Aviso na sala dos profs: favor deixar os planejamentos em dia para em caso de internação o trabalho seja facilitado. Ass: Direção”. A resposta do internauta explicitava de forma sarcástica o sentido implícito do aviso: “Antes de morrer, não esqueça de lançar as notas

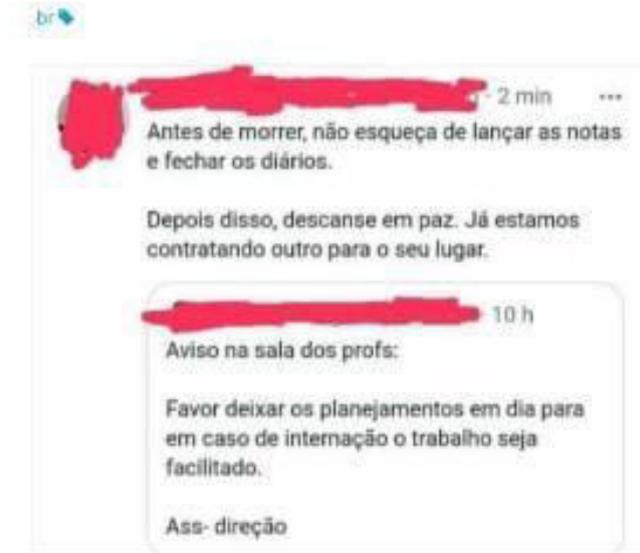
⁴ Para ver mais: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>

⁵ Segundo o Censo Escolar de 2020, as mulheres correspondem a 96% das professoras do ensino infantil, ensino fundamental anos iniciais 88%, 67% das professoras ensino fundamental anos finais e 58% no ensino médio. Ver em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>

⁶ Termo utilizado por pessoas que utilizam a internet para dizer que algo foi amplamente divulgado pelas redes sociais seja no Whatsapp, Facebook, Instagram, Tiktok, podendo ser imagens, vídeos entre outros.

e fechar os diários. Depois disso, descanse em paz. Já estamos contratando outro para o seu lugar”.

Figura 1. Meme: "Antes de morrer"



Fonte: Circulada em grupo de professores pela rede whatsapp, 2021

Mensagens como estas circularam amplamente pela internet, sobretudo no ano de 2020, repercutindo entre os professores. Com teor irônico em relação às ferramentas e condições de trabalho dos professores, os “memes” davam indícios que o debate a respeito do trabalho docente na pandemia atingia a internet e outros meios de comunicação, tendo em vista o número de pessoas afetadas por essa crise sanitária.

Em 2021, o site Tab Uol, por meio da coluna do jornalista e cientista social Matheus Pichonelli, destacou a história de uma professora que entrou em depressão durante a pandemia, intitulada “*Relatos da pandemia: saber quem eram os pais dos meus alunos me deprimiu*”. A coluna trazia informações a respeito do dia a dia da professora que mudou sua rotina durante a pandemia. Uma das informações apresentadas é de suma importância para pensar a precarização do trabalho docente no primeiro ano de pandemia.

Um ano depois, o saldo de exaustão se soma a um profundo desencanto, sobretudo quando se fala da escola particular. No período, muitos dos pais se revelaram arrogantes, ignorantes e autoritários. Alguns chegaram a printar o que os professores escreviam nas redes sociais e enviavam à escola pedindo providências. Associavam a recusa em voltar à aula presencial a uma recusa ao trabalho — que, na verdade, só aumenta. A patrulha sobre o conteúdo ensinado é recorrente. Clara já ouviu de alunos do sexto ano perguntas sobre

se era comunista e feminista. Sabia que a resposta seria ouvida pelos responsáveis. (PICHONELLI, 2021).

Ao ler a coluna é perceptível as repetições de situações vivenciadas pelos professores nesse período de pandemia, em que as aulas foram realizadas em formato remoto, não só a precarização do trabalho, mas também queixas que remetem à perda de legitimidade e ausência de reconhecimento de seu trabalho, gerando uma tensão permanente nos docentes. Que a pandemia afetou a saúde mental é uma narrativa bastante presente; “um saldo de exaustão se soma a um profundo desencanto” (PICHONELLI, 2021) faz parte de vários relatos de professores no que tange à situação de pandemia. Portanto, é possível encontrar em tabloides, sites e distintas redes sociais a narrativa sobre as mudanças sociais perceptíveis em relação ao trabalho docente durante a pandemia. Impacto na saúde mental, precarização do trabalho, cobranças excessivas em ambientes de trabalho que não mais se distinguem do espaço físico da casa. Diversas formulações contextualizam em formato de charge - gênero literário de teor crítico com desenho humorístico - alguns aspectos que retomarei nesta pesquisa.

Dentre momentos *online e offline* na vida durante a pandemia, desenvolvo na escrita o encontro entre pesquisador e professor que se propõe a fazer a análise de um momento pandêmico. Relato minha condição de professor de Sociologia em uma escola particular na cidade de João Pessoa-PB e assim como a Clara, citada na reportagem de Pichonelli (2021), senti na pele o quão difícil era ser um profissional da educação, tendo em vista as inúmeras demandas que não paravam de chegar através das telas do notebook e do celular, das cobranças da direção da escola, dos pais, dos alunos e da sociedade em geral. Recordo bem que ao utilizar aplicativos de transporte como a Uber e em conversas informais com motoristas, ao relatar que era professor, alguns deles falavam em tom de brincadeira “ah então você não está trabalhando”; essas situações corriqueiras me fizeram pensar como o professor era visto pela sociedade em geral neste período pandêmico. Como contra-argumento ao se falar a respeito dos professores, charges e figuras em geral foram sendo criadas para pensar os desafios do trabalho docente na pandemia, como podemos ver na imagem a seguir, que se volta especificamente para a experiência das mulheres que são professoras e mães, objeto desta dissertação.

Figura 2. Algumas charges retratando professoras em situação de isolamento social



Fonte: Grupos de professores no WhatsApp, 2021.

Nas charges acima, temos explícitas críticas às condições de isolamento e trabalho e o seu reatamento nas desigualdades de gênero. O antropólogo Jean Segata (2020) destaca as problemáticas causadas pelo isolamento social e como isto repercute na sociedade de forma geral e especificamente, no setor educacional.

O chamado isolamento social, estimulado como modo de mitigação do agravamento dos índices de contágio, tem posto em relevo inúmeras experiências de desgaste com as atividades remotas em meios digitais. Participantes de redes sociais na internet relatam com frequência as suas dificuldades em gerir o tempo do lazer, do descanso e da privacidade, com aquele do trabalho ou da escola online dos seus filhos. Na opinião pública e entre especialistas, também aumenta a preocupação com a precarização do trabalho e com a saúde mental de quem se expõe a estas novas práticas [...] Mas, a ubiquidade é uma via de mão dupla. Ela expande experiências de subjetividade, corporalidade, comunicação e relação de indivíduos e de coletividades, mas também potencializa o capitalismo e seus meios de exploração (SEGATA, 2020, p. 164-167).

Se algumas dessas situações afetaram todos os professores de modo geral, as professoras mães constituem um grupo especialmente relevante para evidenciar o impacto diferencial da crise sanitária causada pela Covid-19 (a partir do ano de 2020) e o aprofundamento das desigualdades que atravessam gênero, classe e raça e que se relacionam com precarização de trabalhos historicamente exercidos por mulheres, neste caso específico, o trabalho de docência.

As nuances desses fenômenos precisam ultrapassar os virais da internet e serem compreendidas de forma analítica pelas Ciências Sociais. Pesquisas sociológicas de cunho qualitativo que tratam desses assuntos são necessárias para evidenciar o impacto deste contexto pandêmico na vida das mulheres, tendo em vista que socialmente elas são ainda associadas ao cuidado da casa, dos filhos e ao trabalho docente, apesar das mudanças ocorridas nos últimos anos. Nesse sentido, serão apresentados neste trabalho as discussões de Carneiro e Muller (2020), Costa (2022), Sales (2021), Rocha (2022), Segata (2020), entre outros, que ao longo da pandemia da Covid-19 trouxeram reflexões acerca do impacto deste acontecimento mundial na educação.

Adriana Piscitelli aponta as discussões de gênero como um “novo olhar sobre a realidade, situando as distinções entre características consideradas femininas e masculinas no cerne das hierarquias presentes no social” (PISCITELLI, 2002, p. 1). A pesquisa desenvolvida faz parte dessa continuidade das discussões e de novos olhares a respeito do trabalho das mulheres em tempos pandêmicos e se insere numa rede de pesquisadoras, estudantes e grupos de pesquisas que partem desta crise sanitária para pensar questões referentes à Covid-19, no projeto intitulado “Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social”, coordenado pelas professoras Sônia Maluf

(UFSC, coordenadora geral), Mónica Franch (UFPB) e Soraya Fleischer (UNB), ambas coordenadoras adjuntas. O objetivo geral da proposta é analisar as diferentes respostas não farmacológicas praticadas tanto através das políticas públicas de saúde, quanto das políticas locais de diferentes populações em situações de precariedade social, em risco e vulnerabilidade; o projeto foi aprovado pelo parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da UnB.⁷

O recorte específico deste projeto, todavia, se relaciona com a minha trajetória acadêmica e com a minha experiência como professor de ensino básico em escola privada. Quanto a primeira, destaco que na graduação em Ciências Sociais (UFPB), debruicei-me sobre temas que faziam a interface entre gênero e educação. Já no que tange à experiência profissional, atuo como professor desde o ano 2012, tendo acompanhado as mudanças que me interessam neste projeto.

Para se chegar as conclusões desta pesquisa, busquei identificar e traçar o perfil socioeconômico de professoras de ensino básico, mães de crianças em idade escolar, que tenham realizado trabalho remoto na pandemia de Covid-19 e também analisar como as professoras lidam com o ensino em plataformas virtuais e o ensino híbrido com crianças e adolescentes, incluindo aspectos como: as negociações com a direção da escola, o tempo dispendido com as novas tecnologias, o tipo de relação estabelecida com os alunos e com as famílias dos alunos, as condições materiais para desenvolvimento do trabalho, a organização do trabalho reprodutivo em meio às mudanças no cotidiano promovidas pela pandemia, entre outros assuntos.

Desta forma, a estrutura dos capítulos da dissertação está dividida em *Capítulo 1*, no qual é feita uma descrição da trajetória do pesquisador e sua relação com a docência como também a apresentação das interlocutoras que participaram da pesquisa.

No *Capítulo 2*, intitulado “O impacto da Covid-19 nas professoras e na educação” é feita uma discussão teórica da categoria gênero e suas implicações para a educação. Logo em seguida, também é pensado o momento pandêmico da Covid-19 e as questões de gênero.

No *capítulo 3* são apresentadas e analisadas as experiências das professoras de escolas particulares da cidade de João Pessoa por meio de categorias de análises como: o impacto da pandemia na vida familiar, o ensino remoto e híbrido, como as escolas lidaram com a pandemia e o adoecimento das professoras.

⁷ O parecer consubstanciado do CEP pode ser verificado no Anexo.

CAPÍTULO I - OS TRAJETOS DE UMA PESQUISA E DE UM PESQUISADOR

Figura 3. Charge “volta às aulas como iniciar o ano letivo em 2021”.



Fonte: Nando Motta, 2021⁸.

A imagem que abre o capítulo, de autoria do chargista Nando Motta, circulou nas redes sociais no ano de 2020. Ela aborda os murmurinhos de uma volta às aulas ainda em 2020 no mês de agosto, o que não aconteceu devido à permanência dos altos números de casos de pessoas infectadas pela Covid-19. A charge representa a chegada de um aluno utilizando máscara e com o novo coronavírus na mão entregando-o para a professora que transparece preocupação com a situação. Ao trazer a imagem como abertura neste capítulo, chamo a atenção em como o risco e a biossegurança integraram o cenário das pesquisas no período pandêmico.

⁸ Disponível em: <http://www.ptdf.org.br/novo/2020/07/31/volta-as-aulas-no-df/>. Acesso em: 12/12/2021

Esta pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa com estudos de referências bibliográficas e documentais na área da Sociologia e da Antropologia. Os instrumentos metodológicos utilizados foram as entrevistas semiestruturadas ou “parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso” (GIL, 2002, p. 117), com o intuito de recorrer às experiências das interlocutoras da pesquisa diante da pandemia.

As entrevistas semiestruturadas buscaram informações como os dados gerais da participante, sua rotina de trabalho, suas emoções durante a pandemia, as suas condições diante do isolamento social, as mudanças ocorridas na escola durante a pandemia, se houve algum apoio (psicológico, formação, capacitação) por parte do trabalho para a professora, se teve acesso a alguma rede de apoio para os filhos e se já houve um retorno para as aulas presenciais em 2021. O roteiro completo da entrevista encontra-se no apêndice desta dissertação.

As entrevistas foram realizadas entre setembro de 2020 e junho de 2022. Como medida de biossegurança, optou-se por fazer uma pesquisa que respeitasse o isolamento social, medida preconizada pelas autoridades sanitárias internacionais e estaduais, e que se configurou como importante medida preventiva num momento em que as vacinas ainda não estavam disponíveis. A ideia foi conhecer as professoras via plataformas Whatsapp e Google Meet, por meio de redes de contato, fazendo uso da técnica da bola de neve. Como indica a autora Juliana Vinuto, a “vantagem dessa forma de amostragem é o fato de os entrevistados serem recrutados a partir da relação pessoal das pessoas dispostas a indicar contatos, o que pode emprestar confiabilidade ao entrevistador” (VINUTO, 2014, p.208). Essa técnica converge com a minha experiência profissional, tendo em vista que fui professor de Sociologia da rede privada de ensino e tive acesso a grupos de professores nas redes sociais.

Ser um docente do ensino básico na pandemia, trouxe uma experiência profissional desafiadora que irei carregar para toda a vida, tanto do ponto de vista emocional como de desgaste físico, como discorrerei ainda neste capítulo. Recorri a pesquisar as narrativas das professoras do ensino básico com filhos⁹ em casa para refletir a respeito dos marcadores sociais e de gênero que tensionam ainda mais em momentos delicados como a da pandemia da covid-19, e acredito que minha experiência na docência contribuiu de forma substancial nas conclusões deste trabalho.

Por fim, informo que a pesquisa seguiu a resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que prevê a garantia dos direitos dos participantes, mantendo seu anonimato e

⁹ Durante a coleta de dados tivemos contato com professoras que tinham filhos de até cinco anos de idade.

segurança nos percursos metodológicos, tendo em vista o contexto pandêmico da covid-19 no Brasil.

Neste capítulo, descrevo os primeiros momentos da pandemia, os decretos relacionados a esse tema e como este evento impactou a vida dos professores. Destaco também, a minha vivência como professor de uma escola particular no momento em que todas essas medidas educacionais baseadas no ensino remoto foram impostas e como eu consegui lidar com elas.

Na segunda parte do capítulo, escrevo sobre as professoras com base nas entrevistas cedidas por elas por meio do Google Meet e pelo WhatsApp; apresento o perfil de cada professora e um quadro que disponibiliza informações cruciais para pensar como era o cotidiano dessas professoras que vivenciaram a pandemia da covid-19.

1.1 A docência: entre sujeito e objeto

Com a confirmação da presença da doença do coronavírus no Brasil, foi só uma questão de tempo para os estados brasileiros adotarem medidas preventivas para evitar ainda mais a contaminação deste vírus. A Paraíba declarou em 13 de março de 2020, situação de emergência no estado e foram iniciadas campanhas para deter a infecção em massa, estimulando o uso de máscaras, a higienização contínua das mãos, a utilização de álcool em gel e a indicação do “fique em casa” para quem podia ficar.

DECRETO Nº 40.122 DE 13 DE MARÇO DE 2020.

Declara situação de Emergência no Estado da Paraíba ante ao contexto de decretação de Emergência em Saúde Pública de Interesse Nacional pelo Ministério da Saúde e a declaração da condição de pandemia de infecção humana pelo Coronavírus definida pela Organização Mundial de Saúde. (PARAÍBA, 2020, p.02)

Apesar da situação de emergência, estas indicações ainda sutis foram dando lugar a decretos mais incisivos, tendo em vista a rapidez com que o coronavírus se alastrava. O Governo Federal, nesse momento, ainda não dava orientações para a população que encontrava-se confusa à respeito do que estava acontecendo, e muito menos esclarecia como proceder com as escolas e com o ano letivo que acabara de iniciar. Deste modo, ficou a cargo dos estados e prefeituras decidir os passos para conter a covid-19 em todos os âmbitos, inclusive os educacionais. Com os passar dos dias, em 17 de março de 2020, na cidade de João Pessoa-PB, como em diversos lugares do país, as aulas presenciais foram paralisadas em todos os níveis. Ou seja, escolas, cursinhos, faculdades e universidades passaram a não funcionar mais devido

a situação emergencial da transmissão da covid-19 no Brasil. A primeira medida foi conceder férias aos profissionais de educação até que a situação sanitária se resolvesse.

Art. 10. Estão suspensas até o dia 18 de abril de 2020 as aulas, sem prejuízo da manutenção do calendário recomendado pelo Ministério da Educação, nas unidades da rede pública e privada de ensino, incluindo educação infantil, fundamental, nível médio, EJA – educação de jovens e adultos, técnico e ensino superior. (JOÃO PESSOA, 2020, p.04).

As escolas ficaram fechadas para as aulas presenciais durante todo o ano de 2020 na cidade de João Pessoa-PB. Nas escolas particulares, foram utilizados recursos tecnológicos para poder diminuir o impacto da pandemia na educação. Antes mesmo de anunciar o fechamento das escolas no formato presencial, no dia 13 de março de 2020, a Federação Nacional das Escolas Particulares (FENEP) anunciou orientações para as escolas e indicou a importância de se preparar para aulas virtuais com o uso de plataformas de ensino a distância, como podemos ver na citação a seguir:

Diante da classificação de pandemia do Coronavírus (COVID-19) pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a Federação Nacional das Escolas Particulares (FENEP) reforça a importância da adoção permanente de medidas preventivas ao contágio do vírus em ambientes escolares. Embora ainda não haja recomendação dos órgãos oficiais para interrupção das atividades letivas, a FENEP orienta que a rede particular de escolas avalie potenciais planos de contingenciamento, a fim de amenizar ao máximo os possíveis danos ao ambiente educacional do país. O nosso objetivo principal é preservar a integridade dos alunos e, conseqüentemente, diminuir o impacto no calendário letivo. Desta forma, orientamos, também, que as escolas considerem a possibilidade de substituição excepcional das aulas presenciais por virtuais, tendo como apoio o uso de ferramentas tecnológicas. Sugerimos, inclusive, que esta opção de atendimento ao aluno seja contabilizada como atividade letiva. Apesar de a nossa legislação não trazer norma específica para a situação que o país se encontra, recomendamos, como dispositivo utilizado em situação semelhante, a leitura do Decreto nº 1.044/1969, que dispõe sobre o tratamento excepcional para alunos portadores das afecções. Para as escolas que já disponibilizam plataformas de ensino a distância, sugerimos o reforço dos servidores e dos respectivos planejamentos pedagógicos. Já aquelas escolas que ainda não utilizam tais plataformas, sugerimos que estudem a sua implantação em caráter emergencial, diante de um possível avanço da doença no país. Também orientamos que, por precaução, as instituições adiem eventos extracurriculares, como feiras culturais, gincanas ou torneios desportivos, assim como eventuais atividades internas em locais de grande circulação, como bibliotecas, cantinas, teatros e afins (FENEP, 2020).

A FENEP previu o que aconteceria ainda naquele semestre, entretanto, a responsabilidade maior caiu nos braços de professores e professoras das escolas particulares, que tiveram que assumir, em caráter emergencial, as aulas no formato online, gravar aulas, responder alunos via Whatsapp, aprender a utilizar plataformas digitais, preparar materiais que

fossem coerentes com recursos digitais, além de vivenciar uma pandemia que, a todo momento que passava, assustava ainda mais a população brasileira.

A autora Miriam Fernanda Costa, em sua dissertação de mestrado intitulada “Os conflitos vivenciados em torno do trabalho docente na perspectiva de professoras da educação básica no contexto da pandemia”, publicada em 2021, elaborou uma síntese do que aconteceu com a educação brasileira nos primeiros meses da pandemia, como podemos ver a seguir:

Figura 4. A covid-19 e suas implicações no contexto educacional



Fonte: Retirado da Dissertação de Mestrado de Miriam Fernanda Costa

É importante salientar que na síntese feita por Miriam Fernanda Costa, a autora afirma que não houve uma unidade conjunta em relação às medidas tomadas a respeito da covid-19 nas escolas, devido à falta de posicionamento do Governo Federal e do Ministério da Educação na conduta para conter a doença. Sendo assim, os estados e prefeituras foram assumindo as decisões e em cada lugar os direcionamentos foram feitos de forma diferente. Informação destacada também pela autora Ana Luiza Honorato de Sales, na dissertação de mestrado

intitulada “Eu sou mãe, não sou professora: mediação familiar no ensino remoto durante a pandemia de covid-19”, como podemos ver a seguir:

[...] cabe lembrar que não houve, a nível nacional, uma orientação às instituições de ensino, de forma a planejar as atividades remotas e a assistência dada às famílias. Isso fez com que as escolas tivessem que compor seus próprios planos de ação, perante as desigualdades sociais e educacionais existentes [...] (SALES, 2021, p. 102).

Como pano de fundo para pensar a respeito dessa temática, cito a seguir minha experiência com a chegada da covid-19 enquanto professor de uma escola particular em João Pessoa-PB. Conforme estabelecido, a rede privada de ensino também seguiu o Decreto e foi dando férias aos professores. Mas, apenas um mês após o anúncio das medidas de isolamento, as escolas particulares anunciaram o retorno por meio do ensino remoto. Nesta época, a escola em que eu trabalhava, a equipe pedagógica convocou uma reunião por uma plataforma online para a discussão desse retorno. Deste modo, fomos informados que as aulas online iriam começar já na semana seguinte. Nas reuniões que antecederam as aulas, algumas interferências aconteceram, o que me fez pensar na viabilidade destas aulas. Em alguns momentos das reuniões, as professoras que eram mães precisavam dar atenção aos seus filhos em casa. Enquanto as reuniões aconteciam, era comum ouvir um “mãe!”. Acontecia também de os filhos das professoras aparecem na tela do notebook sem entender bem o que estava acontecendo ali, ou seja, o ambiente de trabalho naquele momento invadia, e sem aviso prévio, o ambiente doméstico. Os ruídos de televisão, conversas paralelas e músicas também eram comuns. A partir disso, já dava para imaginar como seria o processo de adaptação. As aulas online deveriam ocorrer em tempo real. Busquei um planejamento que fosse viável para o processo de ensino-aprendizagem. No início, pensei que as videoaulas gravadas seriam o ideal e fui pesquisar técnicas, aplicativos, plataformas que me dessem suporte para o processo de criação da aula.

No primeiro dia, para produzir duas aulas para o oitavo ano, contando com pesquisa, vídeoaula, erros e edição, fiquei das 10h até as 22h tentando aprender a lidar com essas tecnologias. Nesse dia desisti da ideia da gravação de vídeo aulas, por não ter tanta experiência em ser “youtuber”.

Desta forma, optei pelas aulas ao vivo com alunos, tendo em vista as dificuldades de produção de vídeo com um curto espaço de tempo para estudar técnicas e também por pensar que, no espaço ao vivo, os alunos poderiam ter dúvidas sobre o conteúdo e aquele espaço online facilitaria o diálogo e o esclarecimento dessas possíveis dúvidas. Apesar de ter desistido das aulas gravadas, as aulas ao vivo em salas de reuniões virtuais necessitam de planejamento e

produção prévia, construção de slides em *Power Point*, exibição de vídeos educativos pela plataforma, criação de jogos online, ou seja, instrumentos que demandam tempo, conhecimento prévio e criatividade acerca da utilização dos meios virtuais.

Nas conversas em grupos de WhatsApp, colegas de trabalho de diversas instituições de ensino particular relatavam as dificuldades com as aulas virtuais e contavam que só conseguiam ir dormir às duas ou três horas da manhã na produção das aulas, para estarem conectados às sete da manhã. Os alunos e alunas constantemente afirmavam que sua conexão da internet tinha caído e me perguntavam via WhatsApp: “E agora, professor, como assisto a aula?”; “O que faço?”; “Teve atividade de casa?”; “Professor, esqueci o número das páginas que devem ser lidas...”; “Olá professor, aqui é a mãe de aluno, pode me tirar uma dúvida?”

Questionamentos que apareciam a qualquer hora do dia, às 3h da tarde ou às 3h da manhã, o que dificultava lidar com todas as demandas de ensino e aprendizagem que circundam o “ambiente escolar” no contexto de pandemia, sobretudo, quando se tem um pouco mais de 200 alunos e alunas. O contato com os discentes no espaço físico, o lugar que antes era o espaço para serem respondidas todas as questões do âmbito escolar, naquele momento, desapareceu. O que foi chegando nesse lugar (WhatsApp, plataformas de reuniões etc.) ficou transbordando todos nós, professores e professoras, alunos e alunas, sem falar nas famílias, sobretudo as professoras que são mães. Dessa forma, passei o ano de 2020 buscando aliar o trabalho como professor do ensino básico nesse contexto, e cumprir as disciplinas do mestrado até que tive a oportunidade de adquirir uma bolsa de pesquisa por meio do projeto Antropo-covid já citado na introdução deste trabalho. A partir deste momento, encerrei minhas atividades enquanto professor para me dedicar às atividades do mestrado.

Durante todo o ano de 2020, o ensino híbrido começou a ser cogitado, tendo em vista a pressão de alguns setores da sociedade que queriam o retorno das crianças e adolescentes na escola. As escolas particulares foram as primeiras a levantarem essa bandeira. Na cidade de João Pessoa, o ensino híbrido retomou no início do ano de 2021 e ocorria da seguinte maneira: os professores davam aula nas salas das escolas e os alunos escolhiam se iriam assistir as aulas no formato online ou presencial. O professor tinha disponível uma câmera, microfone e álcool em gel em sua mesa. Outra estratégia adotada pelas escolas da cidade foi a divisão dos alunos em grupos: uma semana assistia um grupo e na semana seguinte assistia outro grupo. Desta forma, o modelo híbrido de ensino-aprendizagem na Paraíba começou a valer a partir do decreto estadual, em 07 de fevereiro de 2021, conforme a citação abaixo:

Decreto Nº 41010 DE 07/02/2021 CAPÍTULO I - DO PLANO EDUCAÇÃO PARA TODOS EM TEMPOS DE PANDEMIA - PET-PB. Art. 1º Fica estabelecido o PLANO EDUCAÇÃO PARA TODOS EM TEMPOS DE PANDEMIA - PET-PB, que dispõe sobre o processo de retomada das aulas presenciais dos Sistemas Educacionais da Paraíba e demais instituições de ensino superior sediadas no território paraibano. Art. 2º O PET-PB objetiva assegurar o retorno às aulas presenciais de modo seguro e dentro do panorama de convivência com a COVID-19, considerando os aspectos pedagógicos, administrativos, de infraestrutura e de proteção à saúde física e mental dos membros da comunidade escolar e dos profissionais da educação. Art. 3º O PET-PB é constituído por quatro fases que preveem a retomada progressiva ao ensino presencial nas redes de ensino públicas e privadas, a partir da adoção do modelo híbrido de ensino-aprendizagem, considerando as análises realizadas pelas autoridades sanitárias (PARAÍBA, 2021, p.1).

Neste período, eu já havia feito algumas entrevistas, todas pensadas a partir de um modelo de aulas remotas; com a chegada do ensino híbrido, precisei pensar também como isso iria impactar na vida das professoras mães. Neste tempo, tive uma proposta que iria me auxiliar na compreensão deste fenômeno. Após cinco meses fora da sala de aula, recebi um convite de um professor de Sociologia e Filosofia para substituí-lo em uma escola privada, com a finalidade de lecionar essas disciplinas no ensino fundamental dos anos finais (6º ao 9º ano) e no ensino médio (1º ao 3º ano). A orientação dada por ele seria de que a substituição teria o tempo em torno de uma semana, mas ao chegar na escola fui informado que na verdade o atestado médico constava que o afastamento do professor seria de dois meses, o que me pegou um pouco de surpresa, pois não tinha me preparado para esse retorno por esse período de tempo em um sistema de ensino híbrido. O medo de adoecer pelo coronavírus ainda era muito presente já que só havia tomado uma dose da vacina, mas resolvi aceitar o desafio como uma forma de buscar novos contatos para a pesquisa e para compreender melhor a realidade das professoras em outras escolas privadas da cidade.

Essa instituição de ensino fica localizada em um bairro nobre de João Pessoa, diferentemente da realidade da escola anterior na qual trabalhei, que estava inserida num bairro periférico da cidade. Em questão de estrutura física e suporte tecnológico, a nova escola estava bem mais preparada para receber os alunos e alunas. Todas as salas tinham caixa de som, datashow, câmera, microfone e internet disponíveis para os alunos e professores, quase todo o corpo docente estava trabalhando no modo presencial, menos duas professoras que estavam grávidas e que continuavam a lecionar suas aulas em casa.

A respeito dos alunos, eles escolhiam como queriam assistir as aulas; se seria de forma presencial ou em casa em tempo real, através da plataforma Zoom. Nesse tempo em que fiquei lá, era comum a rotatividade de alunos nessas modalidades, alguns dias ficavam em casa e

outros estavam na escola, quando estavam em casa dificilmente ligavam a câmera e geralmente interagiam por chat, quando estavam na escola percebia que a participação acontecia de forma mais interativa e fluida.

A minha preocupação no ensino híbrido era em planejar aulas que fossem interativas, dinâmicas e que contemplassem todos os alunos e alunas, sejam em sala de aula ou no modo virtual. Não sei se consegui pelo pouco de tempo que passei, mas fui testando diferentes formas de metodologias de ensino. A sensação ao final da aula era que os alunos que estavam em sala tinham um desempenho melhor no processo de ensino-aprendizagem.

Algo que me chamou atenção no ensino híbrido foram as estratégias dos alunos em obter melhores notas nas avaliações. As provas estavam disponíveis tanto no formato físico como na plataforma online da escola, nas semanas das avaliações que pude acompanhar poucos alunos arriscaram-se em fazer a avaliação em sala de aula, preferiam fazer no conforto de suas casas e com possibilidade de consultas na internet apesar de formalmente não ser permitido consultas para a prova. A escolha de fazer somente as avaliações em casa indica que os alunos e alunas utilizam do ensino híbrido para outros fins que não o medo de se contaminar com o novo coronavírus. Era comum ouvir reclamações vindo dos professores na hora do intervalo sobre as estratégias que os alunos criavam para se beneficiar com o ensino híbrido. Com essa experiência no ensino híbrido tive acesso ao cotidiano escolar e também a contatos de professoras que cederam um espaço de tempo para entrevistas e também indicaram outras professoras criando assim uma rede de pessoas que me ajudaram através de suas experiências de vida a chegar nos resultados da pesquisa até o momento.

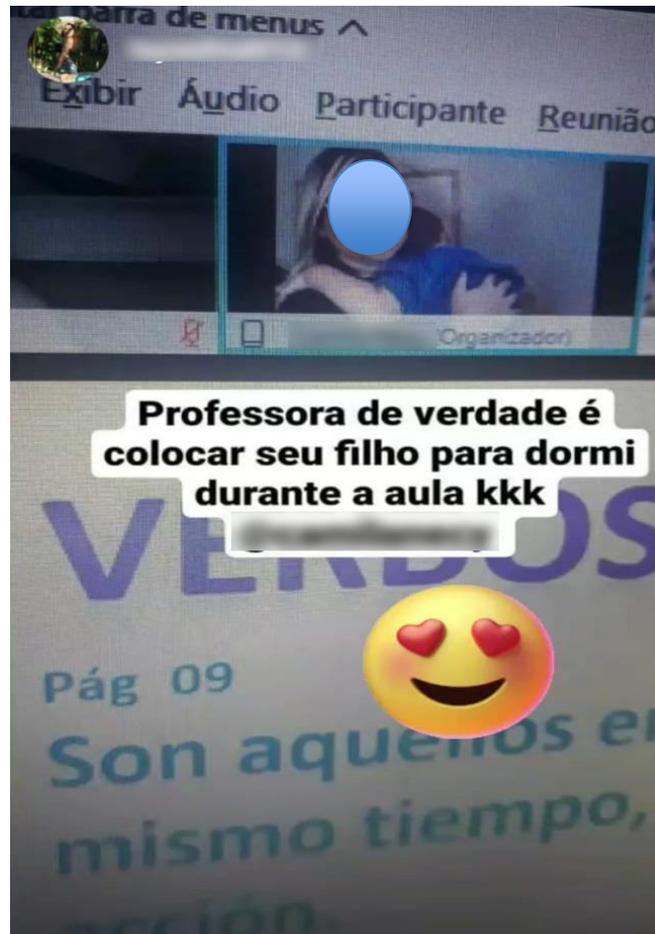
1.2 As professoras e as entrevistadas

Neste percurso metodológico, foram entrevistadas oito professoras: seis da cidade de João Pessoa-PB, todas de escolas particulares, e duas professoras que residem fora da cidade e trabalham em escolas particulares e públicas. As professoras que não moram em João Pessoa, ajudaram-me a pensar e compreender as diferenças e semelhanças do ensino remoto nos âmbitos públicos e privado e como está se dando o ensino em outras regiões do país. Ambas entrevistas foram feitas via Google Meet com uma professora do Macapá-AP, em plena crise energética, deixando a cidade sem energia por mais de 20 dias, e outra de Fortaleza-CE. Entretanto, para o texto da dissertação utilizei as narrativas de seis professoras residentes em João Pessoa-PB e que trabalham em escolas particulares. Os dados foram coletados por meio

de entrevistas feitas com o auxílio do Google Meet gravadas e transcritas pelo próprio pesquisador. Para preservar o anonimato das interlocutoras da pesquisa, utilizei pseudônimos ao mencioná-las. Aqui, farei uma breve descrição de cada uma delas. Com isso, pretende-se dar mais concretude a análise que se segue. As apresentações precisam ser cotejadas com a Tabela 1, onde são apresentados dados socioeconômicos de cada uma das entrevistadas.

Começarei com Pamela, professora de Espanhol e Dança em uma escola privada de bairro periférico em João Pessoa. Ela trabalha também com artesanato de acessórios, como pulseiras, e é mãe de um menino. Conheço Pamela desde 2016 na escola em que eu trabalhava, em 2020. Com o início da pandemia, o filho dela começou a estudar nesta escola em que eu atuava, então era comum chegar pela manhã para trabalhar ver a professora com seu filho e marido, que também era professor da escola. Ela foi uma das pessoas que me fez pensar na importância de uma pesquisa dessa natureza. Participamos das reuniões a respeito das aulas remotas juntos e logo no início delas, um fato me chamou bastante atenção: alguns alunos e alunas da escola postaram uma foto dessa professora nas aulas online com o filho no colo. Uma das alunas compartilhou a imagem no status do Whatsapp e escreveu “professora de verdade é [aquela que] coloca seu filho para dormir durante a aula kkk” e marcou o perfil do Instagram da professora. Esta publicação me marcou de forma muito significativa, tendo em vista que estavam acontecendo ali transformações nas relações de trabalho para as professoras mães: os seus papéis no ofício e na maternidade estavam ocorrendo de forma simultânea no tempo e no espaço.

Figura 5. Professora colocando seu filho para dormir



Fonte: Arquivo pessoal

Ao saber da pesquisa, Pâmela logo se prontificou em ajudar e quando iniciamos uma conversa prévia pelo Google Meet, antes da gravação, ela me mostrou suas unhas roídas em função do estresse sofrido, tendo em vista o trabalho escolar, as atividades domésticas e a preocupação com o filho.

Eduarda, professora de Inglês, trabalha em uma escola privada e é mãe de um menino de três anos. Conheci Eduarda por meio do método bola de neve; enviei mensagens para professores com os quais tive contato pelas escolas por onde passei, e eles me indicaram Eduarda. Logo que mandei mensagem, ela sinalizou que faria a entrevista sem problema algum. Eduarda morava em Patos, interior da Paraíba, com o seu filho, e veio para João Pessoa no início da pandemia para morar com seu namorado e também assumir o emprego em uma escola

particular muito conhecida em João Pessoa, no centro da cidade. Também trabalha em uma escola de menor porte. A professora destaca na entrevista, que houve por parte da escola, um acompanhamento psicológico durante a pandemia, com o auxílio de um profissional da psicologia, contudo, apesar deste suporte, Eduarda teve que lidar com problemas em sua saúde mental, como depressão e ansiedade.

Maysa, professora de Espanhol, trabalhava em cinco escolas privadas, todas elas de bairros periféricos de João Pessoa-PB. Além disso, trabalhava vendendo cursos online como complementação pedagógica, segunda licenciatura e pós-graduação (*lato sensu*) de faculdades privadas que oferecem a modalidade de educação à distância (EAD). É mãe de um menino de cinco anos. Conheci Maysa porque trabalhei com ela em uma escola e, como as outras professoras, também se prontificou em ajudar. Entretanto, ela disse que não tinha como participar da entrevista via Google Meet devido ao tempo dividido entre as escolas e o cuidado da casa. Sugeri que fizéssemos via WhatsApp. Nunca tinha feito entrevistas assim, mas no auge da pandemia e do isolamento social considerei essa alternativa como uma possibilidade, tendo em vista o grupo em que eu estava pesquisando. A própria forma que ela escolheu para responder a entrevista já diz bastante sobre como o tempo, para essa interlocutora, é um recurso escasso. Dessa forma, eu enviei o roteiro de entrevistas e Maysa, nos seus intervalos, entre uma escola e outra, ia respondendo. Quando tinha dúvidas em relação a alguma resposta, ia enviando mensagens e ela prontamente sempre respondia as dúvidas. A dinâmica de perguntas e respostas durou cerca de uma semana.

Kátia, professora de Língua Portuguesa, trabalhava em três escolas em bairros nobres de João Pessoa-PB e lecionava também para alunos particulares (aulas particulares). É mãe de um menino de três anos. Ao substituir o professor de Filosofia e Sociologia no ensino híbrido, numa escola particular em João Pessoa, em agosto de 2020, tive a oportunidade de conhecer novos professores que me indicaram Kátia, pois ela também trabalhava na escola. Contudo, não a conhecia pessoalmente, já que trabalhávamos em dias diferentes. Com Kátia, a negociação para a entrevista demorou um pouco, pois ela não tinha tempo disponível. À medida que íamos conversando, fomos ajustando os horários e conseguimos o sábado pela manhã.

Raysa, professora de Inglês, trabalhava em três escolas de bairros nobres e periféricos de João Pessoa e também com tradução de textos, como resumos para trabalho de conclusão de curso (TCC), dissertações e teses. É mãe de uma menina. Conheci a Raysa pela técnica da bola de neve, sendo um processo parecido com o da Kátia, e demoramos um pouco para a realização da entrevista por causa do tempo. Quando a pandemia se iniciou, a filha dela tinha seis meses, ela morou um tempo com o pai da criança, mas logo se separou e passou a maior parte do tempo

na pandemia morando com a filha, a irmã e os pais dela. Durante a entrevista, Raysa enfatizou muito o fato de só poder planejar a aula e arrumar a casa quando a filha dormia, ou seja, no fim da noite e início da madrugada.

Maryna, professora de Física, trabalha em uma escola de um bairro nobre e em uma faculdade particular. Mãe de dois meninos, quando iniciou a pandemia tinha um filho pequeno e teve que prolongar as aulas remotas devido à gestação do segundo filho, tendo em vista que as gestantes estão no grupo de risco na infecção por Covid-19. Ela vivia em Recife-PE e veio para João Pessoa-PB porque o marido, também professor, foi convocado para assumir um concurso em uma cidade do interior da Paraíba. Conheci a Maryna por indicação de professores da escola que trabalhei como professor substituto. Ela também trabalhava na escola, entretanto, ainda lecionava em casa por meio da plataforma Zoom, enquanto os outros professores estavam em sala de aula dando aulas para os alunos no formato presencial e online. No primeiro momento, não consegui entrevistá-la, mas em 2022, no mês de junho, a conheci e realizamos a entrevista. Ela foi a última professora entrevistada e assim pude realizar a análise de dados por completo.

A seguir uma tabela com mais informações colhidas durante a entrevista com as professoras participantes da pesquisa:

Tabela 1. Apresentação das interlocutoras da pesquisa

Nome	PAMELA	EDUARDA	MAYSA	KÁTIA	RAYSA	MARYNA
Idade	30 Anos	34 Anos	39 anos	36 anos	27 anos	37 anos
Cor/Raça (autoidentificação)	Branca	Parda	Parda	Branca	Parda	Branca/Mestiça
Naturalidade	João Pessoa-PB	Patos-PB	João Pessoa-PB	João Pessoa-PB	João Pessoa-PB	Recife-PE
Estado Civil	Casada	Divorciada	Casada	Casada	Solteira	Casada
Número de filhos(a)s	Um filho	Um filho	Um filho	Um filho	Uma filha	Dois filhos
Idade dos Filhos(as) no primeiro ano de Pandemia	Dois anos	Três anos	Cinco anos	Três anos	Seis meses de vida	Três anos

Número de escolas que trabalha	Uma escola	Duas escola	Cinco escolas	Três escolas + Aulas particulares	Três Escolas	Uma Escola e uma faculdade particular.
Número de aulas por semana	50 aulas por semana	30 aulas por semana	20 aulas por semana	30 aulas por semana	38 aulas por semanas.	Mais de 30 aulas.
Número de turmas	15 turmas	6 turmas	19 turmas	12 turmas	25 turmas	12 turmas
Tempo de sala de aula	5 anos como professora de espanhol / 9 anos como professora de dança	15 anos	17 anos	10 anos	10 anos	8 anos

Fonte: produzida pelo autor. Dados retirados das entrevistas (2020-2022).

As entrevistas que foram realizadas exclusivamente pelo Google Meet duravam em média 30 a 40 minutos e foram em sua maioria, feitas no período noturno ou nos sábados. Todas as entrevistas tinham pausas porque elas tinham que atender as demandas dos filhos, como responder alguma pergunta que eles faziam, fazer lanches, colocar um vídeo que eles pediam no Youtube, colocar algum jogo no celular, explicar o motivo de estar no computador, pedir para fazer silêncio etc. Dava para perceber também que eles ficavam curiosos para entender a dinâmica da entrevista. Penso que eles estranharam o horário; a mãe deles estava na frente do computador falando com alguém. Todas foram receptivas e cordiais e percebi que elas abordavam o tema da exaustão e da precarização do trabalho e questões relacionadas à maternidade em forma de desabafo, o que contribuiu muito para compreender a vivência destas professoras.

Historicamente, o fazer sociológico e antropológico utilizou a pesquisa de campo para compor suas pesquisas e resultados. Em períodos pandêmicos, as Ciências Sociais sofreram impactos na condução de suas pesquisas e precisaram de novas formas de produzir conhecimento. Eu vivenciei de perto essa experiência, tendo em vista que ingressei no curso de Mestrado em Sociologia na UFPB, em março de 2020, mesmo mês e ano que se iniciou a pandemia da covid-19. Como forma de superar o desafio de fazer pesquisa em meio a uma pandemia, busquei transformar o projeto de pesquisa dando enfoque à pandemia, trazendo-a

para próximo de mim e não só vivenciá-la, mas também passar investigar os seus efeitos sociais, dando continuidade à produção acadêmica mesmo que distante fisicamente da Universidade e das interlocutoras.

Ana Paula Marcelino (2022), pesquisadora da rede Antropo-covid, na época, aluna do Mestrado em Antropologia na UFPB, descreve a sensação de iniciar uma pesquisa acadêmica nestas circunstâncias:

A “fome de campo”, como passei a nomear a angústia e confusão causada pela impossibilidade de não realizar trabalho de campo presencial, só cessou depois da primeira entrevista [...] o estranhamento inicial em conversar com alguém desconhecido por chamada de vídeo, justamente num momento em que esse tipo de comunicação passou a compor a intimidade das pessoas. Iniciada a gravação, conforme já havíamos acordado via Whatsapp, e explicados os termos éticos de condução da entrevista (MARCELINO, 2022, p. 34).

Ana Paula Marcelino (2022), assim como eu, realizou sua pesquisa com profissionais que majoritariamente são mulheres e que lidam com a questão do cuidado e enfrentam condições de trabalho que são inadequadas do ponto de vista salarial, estas profissionais, estudadas por Ana Paula foram as enfermeiras. Ela recorreu a grupos do nas redes sociais de enfermagem e a entrevistas por meio de plataformas online. Sua pesquisa tratou de refletir sobre as experiências do trabalho das profissionais de enfermagem da Paraíba, ou seja, das profissionais que lidaram diretamente com pessoas diagnosticadas com covid-19 estando na linha da frente em uma pandemia. As professoras, principalmente as do ensino privado, não estavam na rua, nos hospitais, no momento mais crítico da pandemia, mas precisaram assumir a linha de frente digital para atender a demanda da educação no país.

Maysa Carvalho de Souza (2022), também integrante do Antropo-covid, realizou uma pesquisa em sua dissertação de Mestrado sobre o trabalho das mulheres costureiras e a produção das máscaras artesanais. Do ponto de vista metodológico, considerou o modelo híbrido utilizando entrevistas online e presencial quando necessário, devido às suas condições no campo. Enquanto eu e Ana Paula conseguimos acionar grupos no Facebook, Whatsapp e redes sociais para categorias das professoras e enfermeiras, Maysa precisou ir além das redes sociais para identificar as costureiras da sua pesquisa. Tais quais as enfermeiras e professoras, Maysa aponta em seus resultados, a precarização e flexibilização do trabalho das mulheres causando danos e adoecimento aos corpos femininos (SOUZA, 2022). E assim, desde março de 2020, todos nós que propusemos a fazer pesquisa tivemos que nos adequar a produzir dados dentro de nossas casas. Fazer ciência sem estar expostos aos riscos sanitários, foi um dos grandes

desafios de pesquisadores que buscaram transformar um momento de dor e luta pela sobrevivência em produção científica, principalmente àqueles que trouxeram para o centro de suas pesquisas, os efeitos sociais da covid-19¹⁰.

¹⁰Como integrantes do grupo do Antropo-covid, eu, Maysa Souza e Paula Marcelino apresentamos o trabalho intitulado “Professoras, enfermeiras e costureiras: reflexões sobre gênero, trabalho e cuidado na pandemia de covid-19”. Também estamos escrevendo um artigo para ficar nos Anais do projeto, intitulado ‘Da prontidão à exaustão’: A experiência temporal das mulheres na covid-19 entre o trabalho produtivo e reprodutivo” juntamente com a nossa orientadora Mônica Franch e tem previsão para publicação em 2023.

CAPÍTULO II - GÊNERO, ESCOLA E PANDEMIA: UM OLHAR DESDE AS PROFESSORAS

Figura 6. Charge aborda o trabalho remoto e o adoecimento físico e mental de profissionais de educação



Fonte: Carlos Latuff, 2021¹¹.

A imagem que abre esse capítulo, de autoria de Carlos Latuff, ilustrador e ativista político, circulou nas redes sociais no ano de 2021 e sintetiza alguns dos elementos que orientaram minha pesquisa. Nela, é possível ver uma mulher acorrentada ao seu computador (detalhe para as correntes nas quais está escrito *homeoffice*), escrevendo freneticamente no teclado com aspecto aflito, enquanto uma criança, presumivelmente seu filho, se aproxima do fogão com uma panela fervilhando.

Este estudo busca ser uma contribuição à compreensão sociológica da pandemia da covid-19 no Brasil, focando nos impactos que a situação pandêmica teve para uma categoria profissional específica, num determinado momento do ciclo da vida: professoras de ensino básico, com filhos até cinco anos de idade. Para isso, a categoria gênero assume um papel central

¹¹ Disponível em: <http://www.adufsj.org.br/noticia/276/charge-aborda-trabalho-remoto-e-o-adoecimento-fisico-e-mental-de-profissionais-da-educacao>. Acesso em 12/12/2021.

na reflexão da dissertação. Neste capítulo, nos situamos no campo das teorias de gênero e trazemos uma discussão sobre gênero e docência bem como as primeiras elaborações acerca do impacto da pandemia no trabalho docente que percebemos, aqui, em sua forma generificada.

2.1. Gênero como categoria analítica

Diante das diversas possibilidades que há sobre a questão de gênero, adoto a perspectiva hoje já clássica de Joan Scott, que define gênero enquanto “um elemento constitutivo de relações baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e ainda afirma que “é a primeira forma de significação das relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21). As questões de gênero mudam conforme os processos históricos, o tempo, a atuação dos sujeitos, as dimensões políticas, tendo em vista a necessidade do Estado, as mudanças na organização da economia, as transformações culturais etc. Dentro dessas mudanças, penso a pandemia como um momento em que as relações de gênero se revelam, podendo se acirrar as desigualdades que estão presentes na nossa sociedade (HARVEY, 2020).

Como forma de compreensão desta categoria, Joan Scott ainda aponta quatro elementos constitutivos que explicam as diferenças percebidas entre os sexos e que estão relacionados entre si. Esses elementos dão conta de diferentes perspectivas: (1) dimensão simbólica; (2) conceitos normativos ou normatividade; (3) dimensão político-institucional e (4) identidade subjetiva.

Os símbolos produzidos culturalmente têm representações múltiplas e contraditórias da “mulher”, como por exemplo, tal como Scott cita as personagens bíblicas Eva e Maria. Essas figuras femininas centrais no mundo Ocidental cristão representam categorias antagônicas como escuridão/luz, poluição/purificação, corrupção/inocência.

A respeito dos conceitos normativos, Scott (1989) alerta para as interpretações que foram dadas no campo simbólico da categoria “mulher”, para o campo da restrição e da norma. A religião, a educação, a ciência, a política e as doutrinas jurídicas delimitam a oposição binária do que é ser feminino e masculino em sociedade.

No terceiro elemento, há uma preocupação com a dimensão político-institucional. A autora questiona os processos políticos, o papel das instituições e organizações sociais, tal como o mercado de trabalho e a educação na efetivação da coerção a que a mulher é submetida quando se delimita o que é próprio do feminino, legitimado pelas instituições. No quarto elemento, a identidade subjetiva é posta em análise pela autora. As diferenças sexuais dos corpos se

tornaram um meio de legitimação de implicações sociais. O imaginário e o simbólico produziram e estabeleceram relações de poder.

Assim, o domínio masculino se tornou a referência a ser seguida em diversas culturas e sociedades do Ocidente. O que diferencia o sexo masculino e feminino no campo biológico, segundo a autora, serve para legitimar os processos sociais e culturais das relações. Isso precisa ser discutido cientificamente, considerando que, a partir dessa legitimação, embasam-se valores, normas e constroem-se relações de poder. “O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1989, p. 23). Ou seja, o gênero é uma categoria utilizada para entender as relações sociais e de poder entre os indivíduos em contextos históricos e sociais determinados. Compreender os elementos constitutivos apontados pela autora é útil devido ao seu caráter analítico e explicativo dos problemas da desigualdade de gênero.

A autora Guacira Lopes Louro (2003), uma das principais expoentes no país no que se diz respeito às questões de gênero e educação, em seu livro “Gênero, sexualidade e Educação: um perspectiva pós-estruturalista”, afirma que o conceito de gênero está relacionado com o movimento feminista na contemporaneidade. Foram as estudiosas feministas que buscaram uma maior visibilidade das mulheres em diversas áreas da sociedade, tendo em vista, a segregação social e política imposta a elas (LOURO, 2003). Deste modo, não há como separar o desenvolvimento do conceito de gênero ao longo dos anos e a luta do movimento feminista, tampouco, a influência da educação e das educadoras nesse contexto, tendo em vista a participação das mulheres na produção do conhecimento e do seu papel na docência. Como podemos observar na citação a seguir:

Algumas obras hoje clássicas — como, por exemplo, *Le deuxième sexe*, de Simone Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedan (1963), *Sexual politics*, de Kate Millett (1969) — marcaram esse novo momento. Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e "contaminando" o seu fazer intelectual — como estudiosas, docentes, pesquisadoras — com a paixão política. Surgem os estudos da mulher. (LOURO, 2003: 16)

Meu objetivo aqui não é se aprofundar no conceito de gênero e na história do movimento feminista. Entretanto, é imprescindível citar a importância destes elementos para tratar da temática deste trabalho, já que foi a partir desse contexto que as mulheres de forma coletiva e com uma força maior de atuação, começaram a acessar os espaços, inclusive os educacionais, que precisavam de mudanças emergenciais em seu interior. Os espaços educacionais “são

atravessados pelos gêneros” (LOURO, 2003, p.16), como toda instituição social. Nestes lugares, as práticas ali realizadas constroem o que seria socialmente e culturalmente permitido para o feminino e o masculino e as teorias de gênero e sexualidade são fundamentais para lançar reflexões e críticas ao modelo patriarcal dentro das instituições sociais.

No Brasil, a escola como instituição foi formada no primeiro momento, como masculina e religiosa a partir da ação dos jesuítas, padres que pertenciam à Companhia de Jesus da Igreja Católica, bastante atuante no processo de colonização do país. Esse modelo escolar servia para repassar os ensinamentos católicos à população brasileira e permaneceu oficialmente até o fim do século XVIII. O perfil do educador, homem e religioso, e do educando foi se transformando ao longo dos anos. Com o passar do tempo, as instituições escolares passaram por processos de continuidades e de rupturas no seu interior, a partir da inserção de sujeitos mais diversos (LOURO, 2003), em que as transformaram em espaços cada vez mais complexos, passíveis de estudos sociológicos. Um dos fenômenos discutidos pelas teóricas desta área é a relação entre a mulher e a educação, a chamada feminização do magistério como podemos observar no item a seguir.

2.2 Gênero e educação

Na educação, as desigualdades de gênero historicamente dividem papéis que homens e mulheres devem desempenhar na escola. As mulheres são maioria na docência, principalmente no ensino infantil; a sociedade naturaliza o lugar do cuidado, do zelo, do educar as crianças como papel fundamental do ser feminino. Há várias explicações à respeito da feminização do trabalho docente.

A autora Jane Soares de Almeida (1998), em seu livro “Mulher e Educação: a paixão pelo possível”, afirma que no mundo ocidental a figura feminina estava ligada ao amar e ser amada e “cultivar-se para a vida em sociedade” (ALMEIDA, 1998, p. 32). Com o passar do tempo, a inserção da mulher na vida pública e no mercado de trabalho foi sendo aceito socialmente, porém, elementos considerados femininos deveriam ser mantidos nos exercícios laborais.

Situa-se aí a extrema ambigüidade da posição feminina a respeito de trabalho e instrução, representada pelo equilíbrio entre a condição desejável e a possível de se obter. O magistério, por sua especificidade, foi uma das maiores oportunidades com a qual contou o sexo feminino para atingir esse equilíbrio. Era aceitável que as mulheres desempenhassem um trabalho, desde que este significasse cuidar de alguém. O doar-se com nobreza e resignação, qualidades

inerentes às mulheres, era premissa com a qual também afinavam-se profissões como enfermeira ou parteira. (ALMEIDA, 1998, p. 32).

No sistema patriarcal, o trabalho para mulheres deveria ser uma extensão das atividades já exercidas em casa, cuidar dos doentes, educar os filhos, auxiliar nos partos. São papéis que historicamente atravessam as mulheres e isto foi posto como algo natural por muito tempo. Não coincidentemente, essas profissões são mal remuneradas e consideradas inferiores em relação à outras profissões ditas masculinas. O que também contribuiu para a precarização da docência foi quando a educação se tornou um direito de todos e todas, ou seja, ao envolver todas as classes sociais houve uma desqualificação profissional, fator próprio do sistema capitalista que valoriza profissões e cargos que estejam diretamente ligados às elites econômicas (ALMEIDA, 1998). Dessa forma, pode-se dizer que o trabalho exercido pelas mulheres sofre desigualdade a partir de marcadores de gênero, de classe e raça.

Conforme Guacira Louro (2003), a feminização do magistério no Brasil tem algumas especificidades, como o processo de urbanização no interior do país. A partir do século XIX, a sociedade brasileira passou por grandes transformações, os grupos sociais se tornaram mais diversos, principalmente devido à presença de imigrantes, influenciando veementemente as práticas educativas e em um novo estatuto de escola menos intolerante ao trabalho da mulher no mundo escolar.

Um discurso positivo sobre a feminização do magistério pouco a pouco crescia na sociedade brasileira, e os argumentos tinham relação direta com o papel dado às mulheres na educação dos seus filhos. Ora, se elas podem ensinar em casa, também podem ensinar nas escolas. E o que elas deveriam ensinar? As mulheres deveriam formar cidadãos, numa concepção de cidadania positivista ligada ao lema da bandeira do Brasil “Ordem e Progresso”, pautado também na higienização da família e na modernização do país (LOURO, 2003). Ou seja, uma educação pouco reflexiva, a partir de uma perspectiva capitalista que visava a reprodução de ideais higienistas e de papéis que homens e mulheres deveriam exercer na sociedade, pouco emancipatório para o aluno e para a professora.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres na educação, não podemos resumir suas trajetórias a essas questões. Jane Soares Almeida destaca diversas causas da inserção feminina na docência, inclusive, concorda com Guacira Louro quando cita também a contribuição do movimento feminista, como podemos ver na citação a seguir:

A feminização do magistério no Brasil pode ter tido várias causas, que vão das mudanças dos ideais burgueses no período, aliando-se a novas concepções

sobre o trabalho remunerado exercido pelas mulheres, acrescidas de uma ideologia que pregava a liberdade, a autonomia, a independência econômica para os homens e a submissão e subordinação das mulheres. As mudanças sociais que a industrialização e a urbanização crescentes estavam favorecendo, a emergência do movimento feminista e suas reivindicações por direitos políticos, educacionais e profissionais levaram as mulheres a vislumbrar no magistério um espaço profissional que se adequasse ao que delas se esperava em termos sociais e àquilo de que realmente precisavam para ir ao encontro de um futuro com mais independência e menos opressão. (ALMEIDA, 1998, p. 74).

Dessa forma, a educação se torna um lugar de disputas de ideologias, de autonomia intelectual e financeira das mulheres ao longo da história e uma tentativa de que as gerações futuras tenham consciência de classe e gênero numa perspectiva crítica e reflexiva. Numa sociedade capitalista e neoliberal, um dos seus pilares é a estrutura machista e tanto na educação, como em outras esferas de vida social, haverá tensões nas questões de gênero.

Os estudos de gênero e educação apontam a escola como um lugar de reprodução das desigualdades. Contudo, essa instituição também pode se tornar um lugar de autonomia e resistência, caso tenha condições e mecanismos para ser um agente transformador de sua realidade. O ambiente escolar tradicional tende a dividir o espaço em que meninos e meninas devem ocupar. As aulas de educação física são um exemplo antigo desta divisão: meninos jogam bola enquanto as meninas assistem (ALTMANN; AYONB; AMARAL, 2011). Aqui, o corpo como aspecto social também possui regras diferenciadas para os gêneros – meninos “despojados” de um lado, e meninas “recatadas”, de outro. E, aos que fogem ao padrão das identidades de gênero, como as travestis e transexuais, e das identidades sexuais, como gays, lésbicas e bissexuais, a escola pode servir como barreira para o desenvolvimento destes indivíduos face à evasão escolar, ao *bullying* e à violência. Guacira Lopes (1997) afirma as contribuições das instituições na formação dos gêneros e das sexualidades dos indivíduos:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado. Família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo. (LOURO, 1997, p. 18).

Dentre estas instâncias, a escola, aliada à família, destaca-se devido seu caráter de formação no processo de socialização logo nos primeiros anos de vida do indivíduo, processo que se perpetua até o início da fase adulta. Além disso, a autora afirma que não devemos somente atribuir a formação de um indivíduo à escola. Entretanto, “é preciso reconhecer, que

suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm efeitos de verdade” (LOURO, 2007, p. 18). Se, por um lado, as instituições reforçam as desigualdades de gênero por meio dos papéis que meninos e meninas devem exercer, de negação e exclusão de identidades sexuais e de gênero que estão fora da “normalidade” social, de outro, a escola pode “ir contra a maré”, buscando ser um instrumento de mudança social. E quem são esses profissionais nos dias atuais que estão presentes nas escolas e vivenciam a pandemia?

A Revista Piauí (2021) traz informações atualizadas a respeito do trabalho das mulheres na docência com base no Censo de 2020, e indica os problemas enfrentados por elas no dia a dia:

O Brasil é um país de professoras: elas são 81% dos docentes escolares, mas a presença de mulheres diminui à medida em que avança o nível das etapas de ensino. E, apesar de as escolas brasileiras terem proporções equilibradas de matrículas entre meninos e meninas, a desigualdade de gênero no ambiente educacional persiste. Os dados do Censo Escolar de 2020 mostram que, enquanto na educação infantil as mulheres correspondem a 96% dos docentes, no ensino médio o percentual diminui para 58%. A desigualdade também se reflete no salário: os professores ganham 12% a mais que as professoras. [...] Com a evolução das etapas de ensino, a presença de professoras diminui. Mulheres correspondem a 96% dos professores da educação infantil. No ensino fundamental I e II, elas representam, respectivamente, 88% e 67% dos docentes. No ensino médio, o percentual diminui para 58% (PIAÚÍ, 2021).

A desigualdade econômica e de gênero se faz presente nos dados acima, tendo em vista que conforme se avança no nível de etapa do ensino, o número de mulheres atuantes cai consideravelmente. Apesar dos desafios de alfabetizar e acompanhar o processo de ensino-aprendizagem das crianças, no que diz respeito à docência, são essas profissionais que recebem o menor salário da categoria. E a cada nível, o salário vai aumentando e as mulheres presentes vão diminuindo, dando lugar aos homens que disputam estes espaços. E é porque não estamos aqui inserindo informações sobre o ensino superior, onde essa discrepância é ainda maior. Para exemplificar as condições salariais dos professores, vamos analisar o piso salarial dos docentes da Paraíba.

Segundo o Sindicato de Trabalhadores de Estabelecimentos de Ensino Privado da Paraíba (SINTEENP), a tabela de reajustes para professores¹², nos anos de 2020 e 2021, era a seguinte: para professores polivalentes - Fundamental I, o piso hora/aula era de 8,52 reais com

¹² Disponível em: <http://sinteenp-pb.org.br/wp-content/uploads/2022/04/TABELA-DE-REAJUSTES-DOCENTES-2020-2021.pdf> . Acesso em: 10/08/2022

o piso salarial mensal de 1.180,92; para os professores do ensino fundamental II, o piso hora/aula era de 9,09; para os professores do ensino médio e profissionalizantes 9,35 reais; para os professores da 3ª série do ensino médio era de 10,48 reais; professores de cursos de idiomas, preparatórios, pré-vestibular e informática o valor era de 15,24 reais (SINTEENP [recurso online]).

As interlocutoras da pesquisa vivenciam essa realidade salarial e para manter seus custos é necessário trabalhar em mais de uma escola. Como podemos ver, dentre as entrevistadas somente uma consegue concentrar suas aulas em um único lugar, porém, durante a semana, a sua carga horária é de cinquenta aulas divididos entre aulas de espanhol e dança. A carga horária das professoras varia entre 20 a 50 horas semanais e ainda há aquelas que oferecem aulas particulares de suas áreas de ensino. Sem contar que, para cada aula dada é necessário um planejamento anterior que muitas vezes são cobrados pelas escolas semanalmente ou quinzenalmente, o que na prática afeta consideravelmente o tempo para si próprias.

2.3 E quando a pandemia entra na escola... Como ficam as professoras?

Como mostrei acima, a docência como um lugar predominantemente ocupado pelas mulheres, é colocada numa categoria desvalorizada socialmente. Tal desvalorização se acentua na pandemia, principalmente nas escolas particulares devido à precarização do trabalho em que estas profissionais estão submetidas. Nas escolas particulares, as cobranças para as escolas se manterem abertas, seja de forma online ou presencialmente, foram maiores devido aos interesses dos donos das escolas e dos pais dos alunos que justificaram essa exigência pelo pagamento das mensalidades. Ou seja, lidar com os “patrões” da educação particular, com a família dos alunos e com as demandas no ambiente doméstico não tem sido tarefa fácil e esse momento precisa ser relatado por essas profissionais e discutido pela sociedade civil e também na área acadêmica. Nesse sentido, os cenários vividos durante a pandemia também podem ser caracterizados por estas tensões de gênero.

Parece importante ressaltar que a mudança nas relações de gênero pode acontecer a partir das considerações sobre as necessidades do estado [...]. São os processos políticos que vão determinar os resultados de quem vencerá – político no sentido de que vários atores e várias significações se enfrentam para conseguir o controle. A natureza desse processo, dos atores e das ações, só pode ser determinada especificamente se situada no espaço e no tempo (SCOTT, 1989: 24-28).

Se os processos de mudanças nas relações de gênero também são mudanças nas relações de poder, as disputas nesse campo possuem como elementos chave as relações entre Estado, Família, Igreja e Escola, como afirma Scott, a depender das necessidades do Estado, essa desigualdade pode-se intensificar. Em situações extraordinárias como a de pandemias, os primeiros grupos a serem fragilizados nesses processos foram os grupos ditos minoritários. As mulheres da educação no início da pandemia, possuíam especificidades neste contexto por estarem em casa e aquelas que são mães, precisavam cuidar dos filhos que não estavam indo à escola e ainda realizavam atividades domésticas muitas vezes atribuídas a elas no dia a dia.

A atribuição feminina do trabalho reprodutivo, que inclui a realização praticamente exclusiva das tarefas domésticas, é tema importante no campo de estudos de gênero e para o feminismo. A autora Silvia Federici (2019), ao tratar do tema das atividades domésticas, a relaciona com a força do capitalismo na vida das mulheres por meio da manipulação e de violências sutis para essas trabalhadoras.

O capital tinha que nos convencer de que o trabalho doméstico é uma atividade natural, inevitável e que nos traz plenitude, para que aceitássemos trabalhar sem uma remuneração. Por sua vez, a condição não remunerada do trabalho doméstico tem sido a arma mais poderosa no fortalecimento do senso comum de que o trabalho doméstico não é trabalho, impedindo assim que as mulheres lutem contra ele, exceto na querela privada do quarto-cozinha, que toda sociedade concorda em ridicularizar, reduzindo ainda mais o protagonismo da luta. Nós somos vistas como mal-amadas, não como trabalhadoras em luta. (FEDERICI, 2019, p. 43).

A autora nos desperta para refletir como o trabalho doméstico exercido pelas mulheres está relacionado com o modo de produção vigente e como isto implica num trabalho não remunerado em que se tenta colocar a ideia de “trabalho por amor e cuidado”. A ideia que podemos extrair dessa discussão é que não é de hoje que as mulheres carregam o peso do trabalho da reprodução social no sistema capitalista, sendo para isso, mobilizadas a partir do apelo às suas emoções. Nesse sentido, podemos entender o contexto pandêmico como mais uma volta do parafuso das desigualdades. As antropólogas Rosamaria Carneiro e Elaine Muller destacam como a pandemia de covid-19 tem se traduzido em um fardo maior na vida das mulheres. O ponto principal que as autoras defendem é que o evento pandêmico, nesse quesito, não é extraordinário e sim da ordem do ordinário, pondo a cru a sobrecarga já existente sobre as mulheres na nossa sociedade:

“Fique em casa”! Esse é o imperativo que mais se escuta por todos os lugares do globo desde a eclosão da pandemia de covid-19, mais expressivamente a partir de março de 2020. De acordo com informações do mundo virtual, redes sociais em geral, famílias têm se concentrado em apartamentos pequenos ou grandes, em casas urbanas ou rurais em busca de proteção diante de tal crise sanitária. Ao menos nas camadas médias têm sido assim. Afinal, múltiplas podem ser as concepções de casa e de quem pode nela de fato “ficar”. Há três meses as pessoas recebem suas compras de comida, farmácia e insumos de limpeza por tele-entregas ou saem tão somente para realizá-las. Em Recife e João Pessoa, a partir de onde vivemos a pandemia, as praias estão interditadas, assim como parques infantis e esportivos. Os computadores funcionam em casa como os postos de trabalho, pais e mães trabalham home office; filhos estão sem escolas ou, muito pior, com atividades remotas em casa, sob a supervisão dos pais. (CARNEIRO; MULLER, 2020, p. 443).

Ao tratar das situações descritas pelas autoras em relação às professoras, podemos perceber que no contexto da pandemia elas foram levadas a aliar o ambiente doméstico com o ambiente de trabalho. Diante deste cenário, pode-se pensar algumas questões: como ocorre a conciliação entre o trabalho doméstico e o profissional para as professoras do ensino básico? Há uma rede de apoio para professoras que são mães de filhos até cinco anos de idade, levando em consideração o isolamento social? Quais as técnicas desenvolvidas pelas professoras para lidar com o ensino remoto e qual apoio elas obtêm (ou não) das escolas nas quais trabalham?

Se tratando das questões relacionadas à educação, as técnicas para o ensino em 2020, quando a recomendação foi pelo ensino remoto, dependeram de plataformas digitais como o *Google Meet*, *Zoom*, *Cisco Webex*, entre outros¹³. Nesse período, os professores possuíram mais uma noção da dimensão da sala de aula. Cada aluno tinha sua *webcam* que, muitas vezes, ficava desligada durante toda a aula e o docente na maior parte do tempo, não tinha certeza se o aluno estava ou não acompanhando as aulas, também não se sabia em que condições o aluno tinha acesso à internet: se estava funcionando no momento da aula, se estava conseguindo ouvir ou não. Criar novas técnicas para o ensino em tempos de pandemia foi feito em caráter de urgência e causou muitas discussões a respeito do processo de ensino-aprendizagem, consolidando-se como mais um desafio vivenciado pelas professoras do ensino básico. Se tem algum ditado que possa dar conta do que ocorreu no período de 2020 nas escolas particulares é o conhecido “trocar o pneu com o carro em marcha”.

No Brasil, já podemos encontrar produções acadêmicas que abordam o tema das aulas remotas durante a pandemia da covid-19, trazendo aspectos importantes sobre o cenário em que

¹³ Estas plataformas digitais são de corporações privadas, ou seja, o ensino básico dependia necessariamente da utilização desses meios tecnológicos.

esta pesquisa se desenrolou. Karla Saraiva, Clarice Traversini e Kamila Lockmann (2020) destacam os processos das aulas remotas vivenciadas por professores e alunos.

[..] nas escolas privadas, cujos alunos têm amplo acesso à internet e que podem prover soluções educacionais por meio de ferramentas digitais, durante o período de isolamento, têm sido realizadas muitas atividades síncronas. Ao ponto de que algumas escolas, principalmente nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, ministrarem aulas por meio do Google Meet ou do Zoom nos mesmos horários que haveria aulas presenciais. Toda a responsabilidade educativa está a cargo do professor, que pode planejar suas avaliações de modo mais personalizado [...] O trabalho vai além da carga horária contratada e o professor encontra-se disponível nos três turnos para responder às perguntas e tirar dúvidas por WhatsApp. Além disso, há a necessidade de planejar as atividades, enviar, seja em formato digital ou físico, e, ainda, ter tempo para receber e corrigir as atividades realizadas pelos alunos. (SARAIVA et al, 2020, p. 07-13).

A pesquisa das autoras reafirma com dados, aquilo que eu próprio experimentei na posição de professor e que também é posto em relevo nas charges e memes trazidas nesta dissertação. A migração para o remoto intensificou o trabalho dos professores, invadindo não apenas seus tempos domésticos, já comprometidos mesmo antes da pandemia, como também seus espaços, ao adentrar nas casas. Se acrescentarmos a essa constatação as reflexões das autoras que discutiram os impactos da pandemia no trabalho doméstico, como o artigo mencionado acima (CARNEIRO; MÜLLER, 2020), encontramos-nos diante de uma encruzilhada: o cotidiano das professoras tem se dado por uma rotina de trabalho doméstico intensificado, tendo em vista que as mulheres são atribuídas ao cuidado da casa e das pessoas que moram nela. Além disso, o trabalho formal neste período de isolamento social funciona de modo remoto e invade o espaço doméstico, de modo que a casa agora é também o lugar do trabalho, o que gera mais exaustão aos profissionais da educação.

Em um artigo intitulado “Diários de professores (as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde”, Souza Kr, et al. (2022) destacam os problemas do trabalho remoto com os professores do estado do Rio de Janeiro com base nos registros de diários feitos pelos professores. Muitos dos registros dos diários presentes no artigo foram vivenciados por mim enquanto professor e pelas interlocutoras da pesquisa. Segue abaixo registros dos diários publicados no artigo.

Hoje levantei às três horas da manhã, preparei minhas aulas. Às seis horas e trinta minutos terminei de inseri-las na plataforma digital, e às sete horas comecei a minha primeira aula com a turma, e às treze horas e vinte minutos terminei a última aula do dia. Só que os alunos continuaram me fazendo perguntas sobre as matérias até às vinte horas [...]. Os donos e diretores de

escolas acreditam que por ser virtual podem enviar mensagens para nós a qualquer hora do dia. (CADERNETA 4 apud SOUZA KR. et al, 2022, p. 6).

As diversas demandas colocadas como sendo do papel do professor estimulam situações vividas como a destes professores citados anteriormente. O “ficar em casa” para a categoria docente, para quem não compreende o processo de ensino-aprendizagem e o enxerga “de fora”, pode parecer algo fácil e preguiçoso, mas o que pude perceber com a leitura da produção feita com base na temática pandemia, educação e docência (além da minha própria experiência e das entrevistas que logo mais apresentarei), é o quão danoso este momento foi e está sendo para os professores e professoras. Como afirmam Souza Kr. et al:

No cenário atual de pandemia, as pessoas tiveram que enfrentar dificuldades relacionadas à própria saúde, de ordem tanto física quanto emocional, além de conviver com perdas de familiares, solidão, medo e angústia. Souza et al. alertam para o agravamento de sinais e sintomas de professore(a)s relacionados à saúde mental que já existiam antes da pandemia, caracterizados como sofrimento, nervosismo, esgotamento mental, estresse, ansiedade, irritabilidade, depressão, medo, cansaço e perturbações do sono [...] Importa considerar sentimentos de medo e insegurança vivenciados principalmente por professore(a)s da rede particular de ensino frente à possibilidade de desemprego, rebaixamento salarial, cancelamento de contratos temporários e diminuição da carga horária de trabalho (mas não da carga de trabalho) (SOUZA Kr, 2022, p. 3).

Com a saúde física e mental atingida devido ao agravamento da pandemia no ano de 2020 e 2021, os professores e professoras, principalmente os da rede particular, sentem ainda mais o “baque” devido aos modelos de trabalhos a que são submetidos. A maior parte das escolas só pagam o piso salarial (que varia entre 8,52 a 15,25 a depender do nível de ensino), principalmente as escolas de bairros periféricos. No meu caso, por exemplo, a escola em que trabalhava precisou solicitar auxílio do Governo Federal para pagar o salário dos professores. Eu, que ganhava em torno de mil reais antes da pandemia, durante os primeiros meses passei a ganhar quinhentos reais de auxílio do Governo e, em tese, o restante do salário deveria vir da escola, porém ela não conseguia pagar em dia. Eu não fui uma exceção para a categoria, até mesmo entre professores universitários no setor privado houve uma precarização do trabalho neste mesmo período. Segundo o site G1¹⁴, muitos professores sofreram com a redução drástica de salários e quase 30 mil destes profissionais foram demitidos.

¹⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/07/15/aposta-em-ensino-a-distancia-gera-demissao-em-massa-de-professores-universitarios.ghtml>. Acesso em: 05/10/2022.

Geovanne dos Santos da Rocha (2021), em sua dissertação de Mestrado, fez um estudo com professores do ensino fundamental dos anos iniciais, no município de Cascavel-PR, a respeito da saúde mental e a pandemia. O pesquisador trouxe informações importantes para pensar o impacto do ensino remoto no trabalho do professor:

Percebemos que o período de ensino remoto enfraqueceu esse aspecto por dificultar a execução das atividades pedagógicas dos professores; ao mesmo tempo, demonstrou a especificidade da função docente. Fatores tais como: poucas condições materiais dos alunos (falta de acesso à internet, ausência de adultos para auxiliar nas atividades, escassez de locais para estudo etc.) (57,1%), baixa adesão dos responsáveis (23,5%), pouca adesão dos alunos (15,3%), falta de retorno das atividades enviadas (47,6%) e carência de materiais adequados para a execução das atividades remotas (30,6%) foram apontados como causa para um aprendizado menos efetivo, denotando ainda mais a importância do papel do professor (ROCHA, 2021, p. 113).

Na pesquisa realizada por Rocha (2021), pudemos verificar que apesar do planejamento realizado pelos docentes no período da pandemia, há especificidades do aluno que foge da competência do professor. A dificuldade do acesso à internet, a participação dos responsáveis no processo de ensino-aprendizagem no modelo remoto, o acesso às atividades solicitadas pelo professor, se há um local de estudo propício para realização das atividades etc. Ou seja, para o ensino remoto acontecer é necessário uma série de circunstâncias que não somente aquela em que o aluno vai para sala e assiste a aula do professor.

Na minha experiência enquanto professor, no ano crítico da pandemia, muitos alunos reclamaram do acesso à internet. Vale ressaltar aqui que eu lecionava em uma escola particular da periferia de João Pessoa, onde muitos não conseguiam assistir a aula e solicitavam que as aulas fossem gravadas para que pudessem assistir em outro momento. Alguns dos meus alunos também não tinham locais para estudos, muitos utilizavam os celulares dos pais. Nesta ocasião, um fato me chamou a atenção: certa vez, quando solicitei a um dos alunos que ele falasse sobre determinado assunto em aula, deu para se ouvir músicas gospel e alguém cantando muito alto, ou seja, as condições para os estudos nem sempre eram favoráveis aos alunos neste primeiro momento.

Já na minha experiência com os alunos do ensino médio, haviam aqueles que não entravam nas aulas. Com o tempo, alguns deles me confessaram no final do ano, que eles buscaram neste período de pandemia aprender algum ofício para além do ensino médio. Foram atrás de cursos de barbeiros, vendedores(as), técnico de eletricidade, enfim... Buscaram outras alternativas, tendo em vista, a fragilizado que a educação se encontrava naquele período pandêmico.

A comunidade escolar não estava preparada para um momento como aquele. A categoria docente, como os professores de escolas privadas, precisou retornar um mês após o anúncio da pandemia. Houve uma dificuldade em compreender como realizar as atividades laborais. Rocha (2021) nos ajuda a compreender o grau de preparação dos professores com base nos dados de sua pesquisa:

Os dados obtidos na pesquisa permitem a visualização desse aspecto: 72,9% dos participantes relataram não terem sido preparados academicamente (graduação e pós-graduação) para trabalhar com o ensino remoto, enquanto 25,9% disseram terem sido preparados somente parcialmente e 1,2% alegaram ter tido amparo integral para trabalhar com essa modalidade de ensino. Como podemos perceber, uma parcela mínima de indivíduos esteve capacitada academicamente para as atividades profissionais não presenciais, segundo eles mesmos, estando a maior parte pouco ou nada preparada nesse aspecto. Há de se ressaltar também que um dos aspectos evidenciados pelos participantes ao serem perguntados sobre as principais dificuldades com o ensino remoto foi a insuficiência na formação profissional— 42,9% salientaram esse fator. (ROCHA, 2021, p. 129).

Conforme demonstra Rocha (2021) a maioria dos professores não estavam preparados para trabalhar com o ensino remoto. Uma parte dos alunos de licenciatura tem contato com o Ensino a Distância, e até esse momento, as universidades que preparam os licenciados para o ofício não ensinam aos futuros professores como lidar em períodos como esse por não termos passado por situações assim na história recente. Vivenciamos pandemias sim, como foi o caso da H1N1¹⁵, em 2009, mas não com esse grau de letalidade, não chegando a fechar a porta das escolas.

Neste sentido, não podemos confundir o Ensino a Distância (EAD), que já se encontra nas unidades como modalidade de ensino, com o ensino remoto. No ensino EAD as aulas e o processo de ensino-aprendizagem são pensados e preparados no formato online e o ensino remoto é uma adaptação do ensino presencial, que por alguma circunstância não pode continuar. Com isso, o ensino remoto segue a premissa de ser um ensino temporário enquanto o problema não se resolve.

Apesar das incertezas que a pandemia da covid-19 trazia, o desconhecimento da doença, as formas de contágio, os grupos mais vulneráveis ao vírus, a falta de medicamentos e vacinas, “a sociedade não podia parar”. Esse era o discurso daqueles que defendiam o “novo normal”. A forma como a educação, principalmente no ensino privado, lidou com isto foi recorrer ao ensino remoto e isto causou impacto em diversos aspectos da vida cotidiana,

¹⁵ Influenzavírus A.

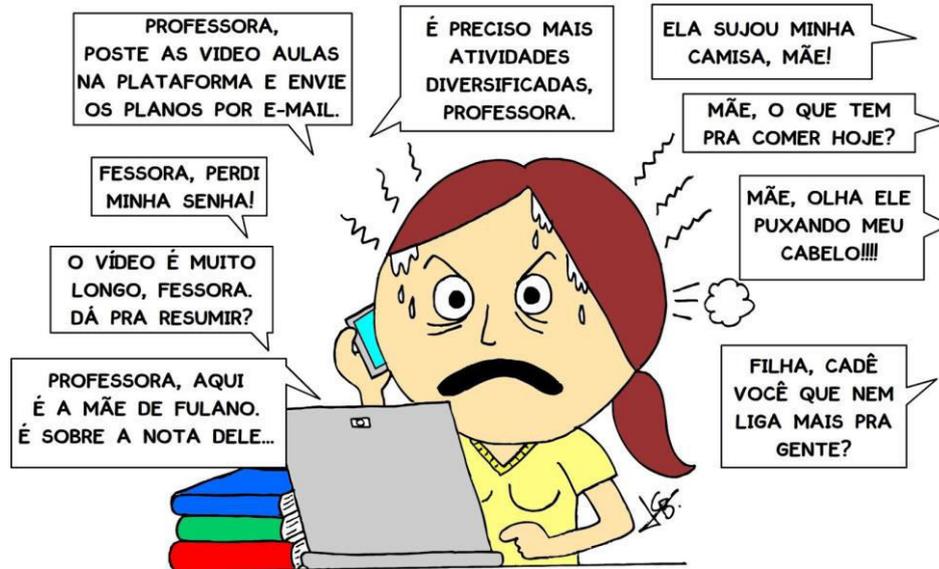
incluindo na saúde mental dos professores e, sobretudo, das professoras. Trago novamente as reflexões de Segata embora não necessariamente relacionadas com o ensino privado, mas podemos fazer essa relação direta com meu objeto de pesquisa, já que foram estes profissionais que tiveram que lidar primeiro com o ensino remoto e logo em seguida, com o ensino híbrido.

Ao facilitar uma infraestrutura para o trabalho remoto educacional, o digital sugere saúde e cuidado, evitando o agravamento da pandemia por meio da exposição ao vírus na rua. De outro, ela adoece, ao expandir e complexificar uma nova ordem de apelo utilitarista baseada na otimização do tempo dentro de casa. Além disso, o fetiche tecnocrático do tempo real que inculcou culpa no ócio, no cuidado de si, no respeito ao tempo da saúde e da doença, garante a outra parte do negócio. Ninguém fica parado sem a sensação de dívida. É preciso executar múltiplas tarefas: responder, informar, se manter inundado de atividades que maximizem o rendimento. (SEGATA, 2020, p. 169).

As empresas educacionais que estão no ramo do ensino básico tiveram que buscar uma saída para amenizar os impactos da pandemia nos seus lucros. Os seus clientes, ou seja, os pais dos alunos, cobravam uma posição das escolas que justificasse o pagamento das mensalidades. Na escola em que trabalhei, por exemplo, os pais cobravam por uma redução das mensalidades e justificavam o não uso de água, energia e toda a estrutura que uma escola deve oferecer. No final das contas, a estrutura escolar neste primeiro momento de pandemia se voltou para o professor. Abrir o link da sala virtual, dar aulas em tempo real, observar alunos não interagem e não ligavam as câmeras, pais vigiando as aulas, buscar por aplicativos e outras tecnologias que auxiliassem as aulas remotas, receber cobranças por parte da direção da escola, adicionar os contatos de pais alunos por meio das redes sociais principalmente o Whatsapp, apenas são alguns dentre outros elementos que ocasionaram problemas com a saúde física e mental e trouxeram impactos na vida doméstica, riscos do adoecimento, aumento das explorações trabalhistas. Diante disso, essas e outras questões serão melhor aprofundadas e analisadas no capítulo a seguir.

CAPÍTULO III - LINHA DE FRENTE DIGITAL: AS EXPERIÊNCIAS DAS PROFESSORAS MÃES

Figura 7. Charge “pandemia e educação a distância: faz de conta e professores estressados”



Fonte: Grooeland Blogspot¹⁶.

A imagem que abre esse capítulo, de autoria de Jaime Guimarães, educador e ilustrador, circulou nas redes sociais no ano de 2021 e condensa muitas das narrativas que apareceram nesta pesquisa. Nela é possível ver uma professora extremamente estressada ouvindo discursos de cobranças que vinham por parte de sua mãe, da gestão da escola, dos seus filhos, de seus alunos e da mãe de seus alunos. As frases foram: “professora, poste as videoaulas na plataforma e envie os planos por email”; “é preciso mais atividades diversificadas professora”; “ela sujou minha camisa, mãe!”; “mãe, o que tem pra comer hoje?”; “mãe, olha ele puxando meu cabelo!!!”; “filha cadê você que nem liga mais pra gente?”; “professora, aqui é a mãe de fulano é sobre a nota dele...”; “o vídeo é muito longo, fessora. Dá pra resumir?”; “fessora, perdi minha senha!”. A simultaneidade das demandas sociais desse sujeito que se desdobra em distintos papéis sociais ocasiona de forma nítida a exaustão na personagem da charge, assim como das minhas interlocutoras.

¹⁶ Disponível em: <http://grooeland.blogspot.com/2020/04/pandemia-e-educacao-distancia-faz-de.html>. Acesso em: 10/12/2021

Para uma melhor compreensão das experiências das professoras de escolas privadas no período pandêmico, dividi o conteúdo das entrevistas em seis tópicos que condensam as análises das experiências e relatos das interlocutoras.

3.1 “SE VIRE” ou relatos da transição ao ensino remoto em meio a uma pandemia

Uma parte importante dos relatos das professoras entrevistadas trouxe a experiência dos primeiros tempos após o Decreto estadual nº 40.122 de 13 de março de 2020. Como já foi relatado, ainda na expectativa do modo como a recém declarada crise sanitária iria se desenrolar, os professores das escolas públicas e privadas entraram em férias. Todavia, esse momento de espera foi rapidamente superado e as escolas demandaram de seus professores e professoras a transição ao modo remoto de aula. Como poderemos observar a partir dos diferentes trechos de entrevistas, essa transição trouxe consigo uma intensificação do trabalho, um maior investimento de tempo na preparação das aulas e uma indistinção dos tempos de trabalho e dos tempos de não trabalho, que não reverteu, por óbvio, numa maior recompensa financeira. Pelo contrário, as escolas passaram a pagar 50% do salário, sendo a complementação financeira de responsabilidade do Governo Federal. Outras pesquisas realizadas nesse período também chamam a atenção para o aumento da carga de trabalho dos professores no período pandêmico, (COSTA, 2022), (SALES, 2021), (ROCHA, 2022), (SOUZA Kr., 2022).

Esse “trabalho embutido”, invisível, foi realizado dentro das casas, competindo com outras demandas de trabalho e atenção e com apoio desigual por parte das escolas. A maioria das escolas que empregam minhas interlocutoras operaram apenas na “cobrança” aos seus professores, dando-lhes prazos e ordens para a transição. No entanto, uma delas se destacou pelo apoio ministrado tanto em termos de capacitação e recursos disponíveis, como de apoio aos professores. Apesar do tamanho limitado do universo de pesquisa, penso que a diferença apontada remete a um aspecto maior ao considerar a significativa diferença de condições de trabalho existentes no setor privado da educação. Começo pelos relatos mais comuns, representados pelas escolas que jogaram a responsabilidade da transição ao remoto no colo dos professores e das professoras, foco desta pesquisa.

A primeira interlocutora que chamo aqui é Maysa, que trabalhava em cinco escolas particulares situadas em bairros periféricos de João Pessoa, voltadas ao público de menor renda. Nos dois trechos abaixo, extraídos da entrevista realizada em 2021, ela chama a atenção para o silêncio das escolas diante da emergência sanitária. Para o que proponho entender enquanto

uma “colonização” do tempo de trabalho para todos os tempos da vida (aumento na carga horária “para 24 h/dia”), somam-se a falta de apoio na transição para o digital, a redução salarial e o reconhecimento de exigências que a própria escola sofreu:

O governo decretou isolamento e as escolas ficaram sem dizer como seria (perdições). Depois de uns 15 dias fomos informados que estávamos de férias e silêncio total das escolas. (...) houve redução de 50% no salário e um aumento na carga horária para 24 h/dia (com alunos mandando msg pelo whatsapp, e-mail, ligando até de madrugada) ... Optei por pedir desligamento, pois o valor não compensava tanta demanda e as aulas nas escolas voltaram de forma "SE VIRE". As aulas estavam para regressar na segunda e foi feita reunião dias antes ...mais precisamente no sábado e anunciaram que o retorno seria na segunda e que queriam aulas gravadas e ao vivo...sem nenhum treinamento ...nenhum aviso antes para nós programarmos nem uns dias depois do anúncio para nos ajustarmos.

(...)

Sou professora e tive dificuldade de fazer o acompanhamento daí questioneei a escola, pois a sobrecarga para a idade era fora do aceitável.... Compreendo a escola em querer mostrar serviço temendo a perda de alunos até porque este mesmo excesso em mostrar que estávamos na ativa era igual nas outras escola em que trabalho. (Maysa, transcrição de áudio, 2021)

A segunda interlocutora é Kátia, que trabalha em três escolas particulares situadas em bairros considerados nobres de João Pessoa. Apesar da diferença de público das escolas das duas interlocutoras, as condições para a transição foram muito semelhantes as descritas por Maysa: muita cobrança e pouco apoio. Kátia explicita, ademais, suas próprias dificuldades em lidar com plataformas como o Google Meet, que passaram a ser exaustivamente utilizadas no contexto da pandemia. Escrevendo este texto em 2022, depois de dois anos de uso intensivo dessas plataformas, como professor, como aluno e em minhas interlocuções à distância, penso ser importante não esquecer o desafio que implicou num primeiro momento utilizar recursos que nunca antes haviam sido acessados, não apenas de modo esporádico, mas como a base para a atividade profissional. Nesse sentido, chamo a atenção para o trecho em que Kátia fala de seu estresse na primeira vez que entrou numa reunião da escola pelo Google Meet, e em que uma discussão em casa foi ouvida pelas demais pessoas que estavam participando da reunião. Situações em que “o áudio vazou” ou em que uma cena do registro da intimidade foi compartilhada inadvertidamente (alguém passando com uma toalha de banho enrolada no corpo no fundo do quarto onde uma aula é dada), além das interrupções provocadas pelas crianças, pelos/as companheiros/as, pelas mães e outros familiares, pelos interfonos e campainhas tocando insistentemente, fazem parte do cenário que busco descrever aqui, em que a simultaneidade de papéis e demandas sociais colidem, a partir do deslocamento não apenas do

trabalho, mas da própria escola para o espaço doméstico, mediada pelas tecnologias de ensino remoto.

Elas não pararam, né. Assim que foi decretada a pandemia. A gente entrou de férias, então nós tivemos nossas férias antecipadas e aí depois nós pegamos direto praticamente. E aí não teve... Uma das escolas, ela não diminui nem a carga horária: ela continuou normal, só que a aula era de maneira online. Só que o horário normal, como sempre.

(...)

Capacitação não. Capacitação foi se vira nos 30. A gente não teve, recebeu capacitação zero. Então, assim, a gente teve que... Eu lembro que a minha primeira reunião pelo Google Meet que eu não sabia, eu não sabia utilizar.

Assim mesmo que eu não sou tão nova. E já mexo com tecnologia, mas eu não sabia. A primeira reunião que eu participei, então não conseguia conectar o áudio, eu estava discutindo, até fiquei estressada e todo mundo me ouvindo, sabe? Mas, assim a gente recebeu zero capacitação, foi só pressão mesmo para participar, para fazer as aulas dinâmicas porque o aluno tinha que ficar atento e hoje também não mudou muita coisa porque hoje a gente está trabalhando no sistema híbrido. (Kátia, transcrição de áudio, 2021)

A interlocutora Eduarda, que veio do interior da Paraíba para trabalhar em duas escolas da capital no ano que em iniciou a pandemia, destacou o diferencial de sua escola na relação com os professores. Eles tinham direito às sessões de terapia, a formação continuada, cursos, plano de saúde, além de terem investido em tecnologia por uma rede colégios presentes em vários lugares do país. Apesar disso, ela aborda a pressão que os pais faziam para que as escolas voltassem no modelo presencial, ou seja, se por um lado a questão estrutural, os alicerces para o ensino remoto neste local eram mais seguros para o professor, por outro lado, a pressão externa tinha um forte impacto para os professores, inclusive na sua saúde mental. Pela lógica capitalista e neoliberal as escolas, como diria a professora, acabam se tornando reféns dos seus clientes, os pais dos alunos, e a figura em destaque, como representante das escolas, é o professor.

Inicialmente mudou tudo né, porque as escolas entraram em ensino remoto, então nós ficamos no início da pandemia dentro de casa durante muito tempo. E eu tinha acabado de me mudar pra João Pessoa também, foi ano passado isso né, que eu morava em Patos, então é, eu passei, nós passamos muito tempo dentro de casa. Eu passei muito tempo sem ver a minha família, que mora em Patos, minha mãe, os meus tios né, e o meu filho também ficou dentro de casa, em ensino remoto. E assim, a convivência quando, uma coisa é quando você convive normalmente você trabalha passa o dia trabalhando o seu companheiro, ou a sua companheira também e o seu filho na escola, e a noite todos estão em casa. E outra coisa é quando você está 100% do tempo em casa com essas pessoas, então você se estressa mais, com situações mais corriqueiras né. (Eduarda, transcrição de áudio, 2021).

No trecho acima, a entrevistada recupera a tensão de ter vivenciado uma experiência intensiva de convívio familiar, um processo que, nesse caso, podemos chamar de “re-nuclearização” da família, com a ausência do suporte não apenas prático, mas também emocional dos parentes e a exclusividade da convivência com o companheiro e o filho. Uma domesticidade forçada e exacerbada, responsável por uma situação de estresse que se soma às demandas profissionais. Como mencionei acima, o caso de Eduarda é emblemático, houve uma “boa prática” por parte da escola na provisão do suporte para a adaptação ao modo remoto, como podemos ver no trecho abaixo. Chama a atenção o destaque feito pela entrevistada para a disponibilidade de apoio psicológico e espiritual, bem como a declaração de que até o dia da entrevista, ela estava em tratamento com uma psicóloga, tema que retornará mais adiante.

A escola oferece... A escola tem uma parceria com uma plataforma que oferece é, terapia online. Então a escola oferece e a gente tem direito a 2 sessões de terapia, a gente tem um monte de psicólogos que a gente pode escolher, psicologia viva eu acho o nome da plataforma. Então vários psicólogos, a gente escolhe, de vários lugares do Brasil, e aí as terapias são online as sessões e aí a escola oferece 2 sessões gratuitas e se a gente quiser ter mais sessões a gente paga por fora, né. Então eles ofereceram sim, a gente tem uma, existe uma formação continuada de professores lá na escola, então toda semana a gente tem e durante esses momentos de formação eles fizeram algumas, a escola que eu ensino é uma escola confessional que a gente chama né, que é uma escola católica então eles faziam os momentos de espiritualidade né, com apoio psicológico também né e falaram sobre essa questão, que na verdade nem eu sabia que tinha essa parceria da escola. Então eles falaram pra quem não sabia ou pra quem sabia e tinha esquecido também que existia isso, inclusive eu usufruo dessa, desse privilégio digamos assim né, mas aí depois eu passei a fazer terapia com uma psicóloga daqui de João Pessoa mesmo, eu ainda continuo fazendo terapia com ela.

(...)

A escola ela oferece muita, muito curso pra gente né, tudo isso gratuitamente, além dessa questão desse apoio psicológico a escola também tem outros tipos de privilégios como plano de saúde né, o meu filho tem é, pra mim e pra o meu filho, ele também tem bolsa de 100% pra estudar lá na escola né. Então tem todas essas vantagens né, e a escola onde eu trabalhava lá em Patos com essa pandemia, por ser uma escola de idiomas né, sofreu bastante, principalmente uma cidade pequena que as pessoas encaram o inglês como um supérfluo, então teve uma evasão muito grande de alunos, então muitos colegas meus foram demitidos né, perderam o emprego, perderam, tiveram diminuição significativa na carga horária. (Eduarda, transcrição de áudio, 2021)

Pâmela, professora entrevistada no ano de 2021, relembra os primeiros momentos da pandemia e seu relato converge com os de Maysa e de Kátia, que também sentiram dificuldades para se adequar ao sistema remoto. Pâmela indica que para ela o tempo se transformou. Apesar de, formalmente, o número de horas de aula terem diminuído, no dia a dia, o fato de estar isolada

em casa, deixou a impressão de que o trabalho é maior. No relato dela, do qual transcrevo um trecho abaixo, reencontramos a situação de tensionamento que vimos em Eduarda, decorrente da convivência forçada com outros membros da família de modo intensivo, dentro de casa, sem a possibilidade de sair, de contar com redes de apoio, num claro empobrecimento do cotidiano. Maysa (segundo trecho transcrito abaixo) destaca como os aplicativos de mensagens tipo Whatsapp e as redes sociais se tornaram não apenas instrumentos de trabalho, mas uma via de acesso rápido ao professor, o que ampliou o tempo para o atendimento aos alunos e pais, se considerarmos o tempo que era disponível em um regime presencial. No trecho transcrito, fica evidente que as redes e aplicativos criam uma expectativa de disponibilidade integral da professora, que passa a ser procurada a todo momento tanto pelos pais como pela direção da escola. É interessante observar o modo como Maysa tenta recuperar o controle do tempo, estabelecendo horários de trabalho e horários de não trabalho docente, nos quais ela se volta aos cuidados com o filho e a seu próprio descanso. Já Kátia relatou que a hora da aula que costumava ser de 50 minutos diminuiu para 35 minutos e teve um impacto salarial, tendo em vista a redução da carga horária. Entretanto, o tempo disponível para fazer outras atividades relacionadas a aula aumentou. Planejar e gravar, segundo as professoras, não são tarefas fáceis quando se é colocado de uma forma impositiva. No relato de Kátia, o trabalho com a “casa” perde totalmente o espaço diante da demanda redobrada de trabalho para preparar as aulas - aparentemente de menos tempo, mas com muito mais trabalho de preparação invisível por trás dessa diminuição aparente. O excesso de trabalho com a preparação das aulas por meios tecnológicos reaparece na fala de Maryna, uja entrevista também reproduzimos parcialmente:

É, eu tô trabalhando mais, tipo eu tô trabalhando menos horas, mas parece que eu estou trabalhando mais né, porque a gente não tem nem, assim, de ir ali tranquilo pra poder, não podia né, agora tá liberado, mas eu ainda não consigo, eu tô esperando ao máximo pra sair de casa. Então, é, eu acho que o fato do isolamento também tem contribuído muito, você tá trancado dentro de casa, só trabalhando, só se estressando, porque quando eu não tô trabalhando eu tô cuidando de [filho], o dia todo corrido. (Pamela, transcrição de áudio, 2021)

No segundo mês do retorno às aulas comecei a definir minha planilha e expus algumas regras para as escolas que extrapolavam o limite do bom senso...por exemplo algumas mandavam cobrança final de semana, feriados também não tinha horário para telefonar tipo mandavam msg no Whatsapp às 22h se você não respondesse te ligavam às 23. Algumas mães do infantil também não viam o limite, já houve ocasião de receber ligação de mães do 2º ano fundamental. I às 23:30 ...porque mandava mensagem ao não responde elas ligavam, tomei as seguintes atitudes: deixei claro para as escolas e as mães o meu horário disponível para atendimento.... Coloquei msg no e-mail da coordenação, na plataforma para os alunos e mães e em meu whatsapp. No início ainda houve o descumprimento do mesmo, porém eu só atendia no dia seguinte dentro de meu horário.... Só assim consegui dar conta de acompanhar o filho tanto no

estudo quanto no lazer ... Consegui lavar roupa, limpar a casa, interagir com marido e cuidar de mim, é claro. Passei a ter meu horário para almoço, já que na parte da tarde poderia começar a aula às 13:15 para tomar um banho e almoçar. (Maysa, transcrição de áudio, 2021).

(...) As aulas não pararam, elas são síncronas, né? E aí eu tinha essas aulas, aí tinha que gravar aulas também porque a hora aula diminui, né, o tempo. Então ela saiu de 50 para 35 minutos o ano passado por conta da pandemia, mas aí a gente tinha que gravar, tinha que toda semana mandar um vídeo que era para a complementação da carga horária dos alunos. Então a gente tinha é (...) as aulas para dar, aulas para planejar, aulas para gravar, a casa para tomar conta porque como saía de manhã o dia todinho, então eu não me preocupava com casa. Então assim era uma vez por semana. (Kátia, transcrição de áudio, 2021).

Quando deu o início da pandemia eu lembro que eu estava no colégio que eu trabalhava e trabalho atualmente e aí foi a ordem para tudo todo mundo volta pra casa até segunda ordem e aí foi uma loucura eu fiquei muito perdida porque a gente não tinha nenhuma experiência com aula remota, fazer vídeo, nunca fui de fazer vídeo. No início mesmo a gente não sabia como ia proceder essas aulas como cada uma dava uma opinião diferente, o coordenador também não sabia dizia olha vamo tentar gravar aula cada um grava aula com seu celular e a gente bota no sistema pro aluno e aí o sistema ficou sobrecarregado ninguém conseguia acessar então foi uma loucura.... E nós professores né eu pelo menos me senti muito perdida nesses momentos por que não sabia lidar com a ferramenta não sabia nem pra onde ia e também o trabalho triplicou sobrecarregou geral por que ... porque além dessas aulas remotas que a gente tinha que gravar aula e depois veio também a utilização de ferramentas online do Google Meet, do Zoom.... e a gente tinha que aprender tudo do zero... [um minutinho] [Filho interrompe] E aí foi horrível... E aí, depois os trabalhos começou a sobrecarregar demanda das reuniões, muitas reuniões online, trabalhos, provas pra aplicar, aulas pra fazer online, responder questionário... eu sei o que o trabalho triplicou.... A gente pensa não tá em casa né? Vai ser mais fácil ... de jeito nenhum ... muito mais difícil além de... o meu filho que ia todo dia para a escola ficava o tempo todo em casa porque a escola parou então eu tinha que tá dando aula online de olho nele porque ele só tinha três anos na época né? (Maryna, transcrição de áudio, 2022).

A respeito das capacitações e treinamentos para o início do ensino remoto, as professoras afirmaram que não tiveram. Segundo as professoras, como foi tudo muito rápido, não houve tempo para capacitações e treinamentos. O que a maioria mencionou foram reuniões online em que as escolas indicaram os procedimentos que deveriam ser feitos neste primeiro momento: gravações, aulas online, planejamentos e utilização das redes sociais. É necessário lembrar que nesse momento, a rede social *Tik Tok* que possui o objetivo de criar, compartilhar e viralizar vídeos curtos estava em ascensão, o que contribuiu para a produção de aulas no sistema remoto. Era muito comum observar professores e alunos utilizando essa ferramenta. Apresento aqui as narrativas das professoras a respeito deste tópico. Elas possuíam vivências muito parecidas, destacando também que de todas as professoras entrevistadas, só uma

trabalhou em uma única escola, as demais precisaram se adequar ao modelo, as plataformas digitais, as regras de planejamento de cada instituição. No início da pandemia, Maysa, por exemplo, em uma escola gravava aulas em casa desde a volta das férias forçadas no mês de março e em outra escola, os alunos assistiam às aulas de casa, mas elas eram produzidas na escola, ou seja, a professora tinha contato com funcionários e colegas de trabalho, inclusive dividindo o mesmo espaço com eles. Com o tempo, a escola adotou o regime de trabalho das outras escolas e ela conseguiu gravar em casa. Em síntese, não foram apenas a pandemia e as necessidades de isolamento social que impactaram negativamente o cotidiano dessas mulheres. Foi a precarização que tornou essa adaptação pior em alguns casos do que em outros: pior entre as professoras que tinham vários empregos e que trabalhavam em escolas de menor capital econômico. Abaixo, reproduzo parte da entrevista que fiz com as interlocutoras, em que as mesmas perguntas foram feitas para cada uma delas.

Vinícius: Você teve capacitação, treinamento?

Kátia: Não, não teve, não teve. É... Eles disponibilizaram, disseram que os técnicos, o pessoal do TI estaria lá para quem quisesse ir na escola saber como funcionava, só que a gente estava em plena pandemia, né. (...)Am: Eu ainda cheguei a ir na escola para gravar porque inicialmente as aulas gravadas estavam sendo lá. E aí eu cheguei a ir lá na escola gravar ainda uma aula, aí depois eu aprendi como, os colegas da escola ensinaram como e aí eu fiquei gravando só de casa para não ter que ter o deslocamento porque na escola tinha como, estava tudo, né. Todos os protocolos, mas a gente não sentia segurança. E além disso, eu tinha que... meu marido tinha que... a gente tinha que se deslocar, entendeu? Sair daqui para lá. Ele tinha que me deixar, tinha levar meu filho, enfim. (Kátia, transcrição de áudio, 2021)

Raysa: Mudou, mudou. Porque assim não era cumprir horário na escola, eu tinha que ficar em casa e de início as duas escolas que eu trabalhava, trabalhavam de formas diferentes durante a pandemia. Uma precisava ir na escola fazer a gravação, né. Mas, aí o material tem que preparar em casa, a gravação e enviar com um tempo de antecedência e a outra escola eu gravava em casa. Então assim, eu fiquei a maior parte do tempo em casa, gravando de casa e enviando e atendendo pais no Whatsapp, sabe? Mudou bastante em relação a isso, sabe? Então, meu tempo por estar em casa, né. Tendo que lidar com a rotina da criança e também com rotina da escola ao mesmo tempo, foi desafiador, estressante também e foi muito difícil, muito difícil mesmo. Porque ... Para cumprir os prazos de tudo, de envio de gravação, de material para mandar para os pais foi bastante complicado.(Raysa, transcrição de áudio, 2022)

Maryna: Então, depende da escola, entendeu? Em uma das escolas teve sim o mês de férias, né. Aí uma das escolas a gente estava gravando de casa e enviando o material para a escola e a escola postava (o material), né. E na outra escola, a gente precisava ir gravar, sabe?

Vinícius: Isso depois de um mês?

MA Depois de um mês já. A gente tinha que ir para escola gravar.

Vinícius: E tinha contato com as pessoas na escola?

Exatamente. Nessa escola, nessa segunda escola onde eu tinha que gravar depois de alguns meses, né. A gente precisou começar a cumprir o nosso horário, porque antes a gente só ia para fazer a gravação e voltava para casa, né que os horários eram separados para ninguém ficar se encontrando direto, mas depois de um tempo a gente precisou cumprir todo nosso horário letivo da escola. A gente foi liberado no horário da tarde, mas tinha que passar a manhã inteira. Então era a manhã inteira na escola, todo mundo trabalhando junto, né. Tem uma sala, a sala do laboratório, né. Com os computadores lá separados, mas todo mundo sentava junto na mesma sala para preparar material, né. Tirar dúvidas dos alunos, essas coisas todas. (Maryna, transcrição de áudio, 2022)

Nas falas acima, a exigência por parte das escolas para que as professoras se deslocassem até o local de trabalho, permitiu por um lado, uma troca de experiências que beneficiou o desenvolvimento das habilidades necessárias para o novo momento, por outro trouxeram problemas tanto no plano do cuidado dos filhos (num momento em que as escolas estavam fechadas e o acesso às redes de apoio, sobretudo às avós, não era recomendado¹⁷), como na exposição ao vírus. Ademais, a exigência de ir à escola parece responder mais a uma lógica do controle do tempo do professor do que propriamente de suporte por parte da instituição.

Como já foi comentado acima, aplicativos de mensagens e redes sociais como forma de comunicação com os pais e alunos foi um dos pontos mais mencionados nas entrevistas. As professoras citaram o Whatsapp como uma ferramenta de trabalho que nunca se encerrava, as mensagens chegavam o tempo inteiro e o teor das mensagens chegaram a ter tons de ameaça, como relata a professora Raysa, que precisou bloquear a mãe de um aluno devido as cobranças em relação às notas do filho. Já Maryna não teve problemas com os pais, pois a coordenação pedagógica mediava a relação professor/pais, entretanto, ela ainda mantinha contato com alunos e isso gerava exaustão devido ao número de mensagens que recebia diariamente, inclusive da coordenação pedagógica fora do horário de trabalho formal.

Vinícius: Como é que era essa comunicação com os pais e com os alunos?

Raysa: O Whatsapp foi uma tristeza. A melhor coisa que tinha, era quando nem aluno e nem pai tinha Whatsapp de professor porque o Whatsapp tem aquele negócio que é instantâneo você tem que responder na hora, então

¹⁷ Isso por que os idosos eram considerados um grupo social de risco, caso fossem contaminados com o coronavírus.

realmente vinha mensagem de madrugada, vinha mensagem dez horas da noite, então no final de semana, no domingo era pai exigindo nota, era aluno pedindo conteúdo de avaliação de atividade essas coisas todas e de início o que me estressou muito foi porque eu não estipulei horário e acabava na minha agonia de ter o Whatsapp cheio, eu acabava respondendo. Então, deu uma liberdade ainda muito maior, né para que eles ficassem mandando mensagens nesses horários assim. Teve pais ainda fazendo ligações no meu número do celular e tal. E isso não deveria existir, né. Então, já se sabe que o professor tem o horário dele, então só deveria estar disponível dentro do horário dele. Quando não tinha esse momento de pandemia, se você quisesse falar com o professor, você tinha que ir à escola dentro do horário dele. Então deveria funcionar o Whatsapp, dessa mesma maneira. Mas, não foi bem assim, se tirou essa liberdade ainda maior, ainda maior mesmo, né. E, principalmente por ser inglês, em momentos de avaliação às vezes colocavam a minha avaliação no dia que não era meu, “ah, vai tá lá elaborado, os alunos só vão responder”, eu só digo que avaliação está disponível, beleza. Mas, aí no momento eram os pais ligando, os pais reclamando, né. Já teve situação que eu tive que bloquear uma mãe do Whatsapp porque ela não gostou. “que o filho tirou nota ruim” começou a falar um monte de coisa, né. Ameaçou levar para a justiça via Whatsapp. Foi um *bololô* muito grande. Eu tive que acabar bloqueando-a, mandando para escola. Então, assim Whatsapp para mim é uma coisa que não deveria existir, deveria ter sido cortada há muito tempo.

Maryna: Eu nunca tive um Whatsapp tão lotado na minha vida de mensagem como nessa pandemia eram os alunos mandando mensagem fora do horário de aula, email, ... Cobrando nota, fazendo isso... Fazendo aquilo... Eu acho que todos os professores tiveram o Whatsapp muito usado nessa época viu? Eram muitas mensagens Como era tudo remoto ficavam cobrando cadê a nota que não apareceu né? Era muito ruim. Abria meu computador direto... Peraí... Deixa eu olhar. Aí abria o trabalho do aluno, ia ver no sistema, era problema demais! Eu não recebia de pais porque eles falavam direto com a coordenadora na época...então a gente recebia da coordenadora na época inclusive recebia mensagem fora do horário você tinha que dá uma resposta né?

Durante todo o ano de 2020, em meio ao desafio de lecionar no sistema remoto via plataformas digitais, os professores ainda foram bombardeados com notícias de que o ensino iria voltar no modelo híbrido, ainda no ano letivo de 2020. Apesar do alarme, isto não ocorreu na cidade de João Pessoa. O ensino híbrido só veio a ser validado no início de 2021, ou seja, mais um modelo educacional no qual os professores e professoras tiveram que compreender e assimilar às pressas. Algumas escolas dividiam os alunos por grupos e dias da semana em que eles assistiam aulas remota e aulas presenciais; já outras davam as opções dos alunos juntamente com os pais escolherem se iriam assistir as aulas através de notebooks e celulares ou se iriam para a escola assistirem as aulas com orientações a respeito do distanciamento social, uso de álcool gel e máscaras. Este modelo teve especificidades para as professoras. No próximo item destacarei as narrativas das interlocutoras a respeito deste tema.

3.2 “Eu tinha que ser um tiktoker”: As dificuldades do ensino híbrido

Começo os relatos das professoras a respeito do sistema híbrido com a fala da professora Eduarda, que traz um fato importante que ocorreu com o diretor da escola em que ela trabalhava, no final do ano de 2020 para início de 2021, período este em que as escolas estavam se preparando para iniciar o ensino híbrido. O diretor da escola em que Eduarda trabalhava precisou se internar devido à infecção pelo novo coronavírus, chegou a passar pela Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e pela intubação, esses procedimentos médicos são comuns para pacientes graves com covid-19. Apesar de ter tido uma experiência traumática com a doença, o diretor precisou seguir com o ensino híbrido na escola a partir das orientações da rede nacional. Eduarda destaca que ele também é um “empregado” e por isso abriu as portas da escola para o novo ensino. Entretanto, ela aponta algo positivo: os professores com comorbidade estavam lecionando em casa por serem grupo de risco, uma medida importante para a proteção parte dos funcionários desta escola.

(...) o nosso diretor, ele chegou muito perto de morrer porque ele teve covid, ele passou 9 dias entubado em estado crítico, gravíssimo e ele escapou né. Então ele é um sobrevivente e ele sabe os riscos né, e assim a gente sente que ele como pessoa se dependesse dele, porque ele não é o dono da escola né, ele é um empregado também né, porque o X é uma rede enorme, então a gente sente que por ele como pessoa a escola estaria só em ensino remoto mas ele não pode, não tem poder pra decidir sobre isso. Até porque ele passou por um processo bem complicado, ele passou o ano novo entubado no hospital, então foi gravíssimo mesmo, ninguém achava que ele ia conseguir escapar não e ele sobreviveu né. Então, mas a escola teve essa sensibilidade, está tendo ainda com os professores que estão no grupo de risco né (...). A escola investiu bastante nessa área da tecnologia em cada sala, então em todas as salas eles colocaram um computador, colocaram um projetor, colocaram um som porque a gente, o som sai na sala então quando o aluno que tá em casa fala a gente não escuta só no computador, todos escutam, né. Então, quem tá em casa fala, aí a gente é projetada a tela do computador no quadro da sala. Quem tá em sala consegue ver os colegas que estão em casa né. E do mesmo jeito a aula é gravada, então quem perdeu a aula pode assistir depois também, né.

(...)

Aí o que acontece é que o argumento da escola é a questão dos decretos né. Se houver um decreto, a escola está acobertada pra não abrir, digamos assim, mas se houver o decreto sempre vai abrir, sempre vão ter escolas que vão abrir então os pais vão questionar. Na verdade, é porque essas escolas privadas, elas são reféns dos pais, então os pais vão dizer "ah, eu vou tirar o meu filho daqui vou colocar em outra escola porque lá tá tendo aula presencial", porque na verdade os pais querem é se livrar dos filhos e jogar pra escola né. (Eduarda, transcrição de áudio, 2021).

Kátia e Maryna informam através de seus relatos que a mudança de trabalho para o ensino híbrido coloca o professor num lugar desafiante porque é necessário ter uma preocupação didática e pedagógica com os alunos que estão em diferentes espaços, seja no virtual ou em sala de aula, o professor precisa dar conta daquilo que é demandado. Kátia ainda alerta para os novos mecanismos didáticos que os professores deveriam utilizar para chamar a atenção dos alunos, quando ela afirma que tinha que ser *tiktoker* para atrair os discentes. Além de lidar com o retorno à sala de aula, precisava dialogar com os alunos em casa, que muitas vezes não ligavam a câmera, não ligavam o microfone e até os nomes que utilizavam nas plataformas eram de personagens de séries, filmes e animes. Como saber se os alunos estavam assistindo aula? Como mediar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos que estavam em casa e alunos que estavam na sala de aula? A professora Kátia ainda afirma a dificuldade que os alunos possuem em respeitar os protocolos de segurança para evitar o contágio por covid-19, o que também é assinalado pela professora Maryna. Ela afirma que, por serem adolescentes, eles querem estar “juntos e misturados” num período da vida em que se distanciar é importante para salvar vidas, algo que a vivência escolar ainda não está acostumada.

Vinícius: Sobre o ensino híbrido?

Kátia: A gente não é exatamente um sistema híbrido, né. A gente tem que dar conta dos alunos em sala e a gente tem que dar conta dos alunos que estão em casa [...] E aí está sendo desafiador da mesma forma por que...É... Correção de prova, dar aula para esses alunos, a escola fez uma enquete no meio de uma pandemia para saber de quem os alunos estavam gostando, os alunos saíram detonando todos os professores... Que as aulas não eram aulas dinâmicas porque preferiam assistir vídeos na internet do que assistir aula de determinados professores, então apoio mesmo das escolas, não. Eu tinha que ser um *tik toker*. É, as dificuldades do ensino híbrido é justamente essas assim... A gente tem que... Os alunos como sempre, os alunos de casa não ligam câmera, eles não interagem muito. A gente tem que preparar uma aula que corresponda para o aluno que está em sala ou aluno que está em casa. Então, às vezes a gente tem que copiar no quadro, aí o aluno que está em casa muitas vezes não entende o que está sendo copiado. A questão de prova, de realização de prova em casa. Então, muita cópia da internet. Eu sou professora de redação. Em uma das unidades que eu trabalho, eu sou professora de redação. Então assim, tipo, a maioria do... A maioria não acho que é um exagero, mas boa parte dos alunos são cópias da internet. Respostas que eles têm que responder pelo Google Meet, não pelo Google Drive, não, como é o nome? ... Google Forms, é copiado da internet mesmo. Eles não sabem nem tirar aquela ‘corzinha’ que a gente copia e cola, eles não sabem editar. Eles mandam copiado mesmo. Então tem sido isso e essa cobrança das escolas de que sua aula tem que ser dinâmica, entendeu? Então eu tenho que ser um *tik toker*, eu tenho que está fazendo graça na sala porque a aula tem que ser interessante porque o aluno precisa estar interessado na aula, entendeu? Acho que essa tem sido a maior dificuldade.

(...)

E sim, seguem... Quem não seguem são os alunos, mas a escola segue direitinho. É bem sinalizado, álcool em todos os lugares, todas as salas têm álcool. É... Cada professor tem seu material também. Então assim, com relação a isso tem uma escola que sempre deixa papel, o álcool para que o professor... Quando um professor saia o outro entra e higienize tudo. Então assim, com relação a isso a escola segue o protocolo: máscara, *face shield* também. Então, elas seguem. Agora os alunos é aquela coisa, né. Então assim, eles são super vigiados, então a gente tem que estar falando que tem que manter o distanciamento e colocar a máscara. Mesmo trabalhando com adolescentes, porque eu trabalho com adolescente, mesmo assim eu ainda tenho que fazer isso. Colocar a máscara, mantenha o distanciamento, sai de perto, a distância, cuidado.

Maryna: O que eu não gosto do ensino híbrido é porque você tem que dar atenção aos alunos que tão na aula presencial e ao mesmo tempo dar atenção aos alunos que tão online né, então você tem que está sempre se policiando pra não deixar o aluno sem resposta, desfocado... Tem que dá atenção a todos ao mesmo tempo. Tem a questão da câmera na sala de aula, a posição da câmera pra ver se o quadro tá legível. Quando a gente saiu do online para o modelo híbrido, eu senti uma diferença muito grande... A gente teve que se adaptar a um novo modelo no online fluía pra todo mundo de uma vez só... Tinha aquele ritmo. Quando foi pro modelo híbrido, o ritmo caiu bastante por causa das dificuldades das ferramentas daquele momento porque a gente não tinha prática com aquilo ali né? E particularmente eu não gosto do híbrido.... Nessa parte aí gente utilizada máscara, eles forneceram viseiras né, fizeram distanciamentos das cadeiras dos alunos, das cadeiras, eles forneceram álcool em gel, não utilizavam bebedouro, uma série de medidas que eles adotaram que a gente se sentiu um pouco seguro, mas não 100 % né, porque a gente sabe que o vírus é traiçoeiro. Agora, a parte dos alunos é complicado porque adolescente né, você sabe que querem tá tudo junto e misturado e a gente sempre dizendo se afastem, mantenham o isolamento social. Sempre a gente tava dando esses alertas.

Apesar de descrever situações muito parecidas com as professoras Kátia e Maryna, a professora Raysa vê o ensino híbrido “mais tranquilo” que o ensino remoto, a depender das condições de trabalho que são oferecidas. Ela descreve que enquanto em uma escola havia um aparato e suporte tecnológico, o que auxilia significativamente o trabalho do professor, na outra escola não há esse aparato o que inviabiliza o trabalho do professor que não tem um suporte tecnológico, e isso atinge outros aspectos da vida escolar, como o conteúdo que é ensinado e as notas que são lançadas durante o ano letivo. Outro ponto importante é o fato de intervenções dos familiares nas aulas por meio das plataformas, o que causa constrangimento aos profissionais de educação, como podemos ver no relato a seguir.

Eu acho o ensino híbrido mais tranquilo... No início, eu sentia muito medo né? Não achava que era o momento de se começar, mas... Ter alunos na sala. Uma das escolas que eu ensino é muito rigorosa com protocolo, com tudo, e assim a gente ficava realmente mais tranquilo porque a gente tinha zero contatos, mas era difícil administrar o computador na sala e os alunos aqui também. Então, às vezes eu explicava uma coisa e ficou claro para uns e outros não...

Então assim... Um falou no chat, e tem que olhar os alunos, tem que escrever no quadro e tem que ver os slides, sabe assim? É como se você estivesse administrado duas salas ao mesmo tempo então é um pouco complicado por conta disso... Mas essa escola que eu tô falando, a gente tem um auxílio técnico tem uma equipe só pra essa parte digital... Então é mais tranquilo... Na outra escola, a gente não tem isso, a gente trabalha com nosso computador, não tem um microfone a gente não tem uma câmera profissional que pegue direitinho o quadro, então é mais desafiador. Quando tem um problema de rede, não tem quem chamar, é a gente mesmo... Então isso é mais complicado ainda não somos experts em computador, em internet, nada disso né? Então ficava difícil, por exemplo, o aluno pra que no quadro quando a internet tava ruim é muito difícil. Então tudo que copia no quadro tem que tirar uma foto pra mandar no grupo, então é mais difícil quanto a isso... Recentemente o tio de uma aluna entrou na minha aula ao vivo né?? No ensino híbrido... ligou o microfone né, porque a sobrinha não tinha feito uma prova é... “olhe, abra ai a prova pra ela responder...” e passado o prazo da semana de prova e tudo mais, então gera um desconforto muito grande... Então tem aluno com câmera ligada e tem pai passando atrás, então você sabe que estão assistindo... e também tem essa dificuldade de você administrar essas duas salas então um aluno sente que você não tá dando atenção, você faz uma pergunta um aluno da sala responde e você ainda não viu a resposta do online né, então fica essa dificuldade. (Raysa, transcrição de áudio, 2022).

Seja no modelo remoto no primeiro ano de pandemia, ou no modelo híbrido como foi o segundo ano de pandemia, os professores precisaram se adequar a esses formatos de forma inesperada e muitas das vezes, sem formação adequada para lidar com a pandemia, para utilizar os recursos tecnológicos que foram cruciais para a continuidade das aulas mesmo de forma remota. Para Miriam Fernanda Costa (2022), “[...] não se pode transferir a responsabilidade apenas para os professores em que é emergente o ensino remoto, se faz necessário oferecer subsídios, orientações claras e objetivas” (COSTA, 2021, recurso online).

Neste sentido, o professor se torna o centro das demandas educacionais durante a pandemia, o que acaba por sobrecarregar aquele que deveria fazer parte de uma etapa do processo de ensino-aprendizagem, de ser um participante e não o único integrante da comunidade escolar. No ano mais crítico da pandemia, o professor se tornou o profissional que tinha que lidar com as novas tecnologias, com as redes sociais, um contato direto com os alunos, cobranças dos seus padrões para aulas dinâmicas e atualizadas com base nas demandas da pandemia e com as famílias dos seus alunos que, como foi demonstrado em alguns relatos, havia um tom muitas vezes de vigilância e cobrança por resultados.

3.3 O “tempo roubado”: maternidade na pandemia

No cenário descrito acima, a maternidade para as professoras se tornou um desafio ainda maior. Ter que cumprir as novas demandas de trabalho em meio à pandemia da covid-19 sem conseguir sair de casa e cuidar do(s) filho(s) que também vivenciavam o “fique em casa” e que não podiam ir às creches e escolas, não foi tarefa fácil para essas interlocutoras. Pamela e Eduarda descrevem este momento que colocava mães e filhos no mesmo espaço (casa), mas os separava pelo tempo indisponível juntos. A falta de tempo para exercer a maternidade é citada diversas vezes pelas interlocutoras. Se o momento pré-pandemia já lhes custava disponibilidade para o exercício da maternidade, quando a pandemia se iniciou, as novas demandas somadas ao cansaço impactaram a saúde mental das professoras, o que refletiu significativamente a relação delas com os seus filhos. Eduarda conta que houve uma melhora com a chegada da mãe dela, que morava em outra cidade, pois pôde ser uma rede de apoio por um tempo:

Sabe qual a frase que mais ele fala pra mim? "Ah mamãe, você fica aí no quarto trabalhando e eu vou ali com o vovô", por que? Porque toda vez que ele me chama pra brincar, eu tô sentada e falando pra ele "filho, só um minuto que a mamãe tá trabalhando, já já eu vou". Só que eu não paro de trabalhar!

(...) eu senti que eu dei menos atenção a ele. Ele ainda hoje, pede muito a minha atenção, ele me chama muito pra brincar, é pra ir aqui fora no condomínio com ele, pra assistir filme com ele: "mãe vamos assistir um filme comigo, vamos fazer um cineminha", aí o cineminha tem que fazer uma pipoca e tudo. Mas é muito, nem sempre eu tenho tempo, então eu tenho que decidir não fazer alguma coisa pra ir fazer alguma coisa com ele, então desde que iniciou a pandemia foi assim. Então eu não tenho esse tempo de dizer assim, aí então hoje à noite eu não tenho nada pra fazer assim, ou então algo urgente porque sempre tem alguma coisa pra fazer, mas eu não tenho nada urgente então eu vou brincar um pouquinho com [nome do filho], então não tem. (...)

Eu briguei muito com ele durante essa pandemia, quando eu comecei meu estado mental começou a deteriorar né, então foi bem complicado realmente a nossa a relação, a minha relação com ele ficou muito complicada por causa disso e ele sentiu né, ele pedia muito a minha atenção e eu não tinha condições. Hoje tá mais ameno, mas eu ainda, ainda tô assim muito impaciente ainda com ele, sem tempo realmente [risos] de né. É tanto que a minha mãe veio pra cá porque minha mãe tá afastada do trabalho também, porque ela é grupo de risco, ela não tá trabalhando. Então ela veio de [cidade da Paraíba] pra passar uns dias aqui comigo porque eu não tava dando conta de fazer minhas coisas, de acompanhar ele na aula, porque ele tá fazendo aula em casa, e como ele é pequeno ele tem que ter alguém sempre do lado dele, porque senão ele fica disperso durante a aula e alguém pra ajudar pra pegar o material quando a professora pede. E aí eu não tava dando conta né, porque o trabalho desse ano comparado do ano passado pra mim tá triplicado, então minha mãe veio pra me ajudar e assim, me salvou essa semana realmente, que foi uma semana que foi muito difícil, está sendo uma semana muito difícil. Então ela passou a semana com ele e tudo mais né, mas tá sendo bem difícil.

"(...) mãe, já terminou?" e eu: "terminou não [nome do filho], volte, volte pro seu quarto!", aí ele voltava, às vezes tinha dias que ele vinha muitas vezes "mãe já terminou?", "mãe, eu tô com fome eu quero um lanchinho", ele ficava esperando eu terminar a minha aula pra eu ir fazer um lanche pra ele né, mas muitas vezes ele vinha. Às vezes ele vinha falar de um desenho que ele tava assistindo aí ele esquecia que eu tava dando aula e vinha "mãe olha esse desenho!" aí eu "xiii! [Nome do filho] eu tô dando aula", aí ele, aí voltava, então aconteceu muito né.

(...)

Tinha a minha sogra, ela sempre foi uma rede de... a minha sogra e a minha cunhada né, aqui em João Pessoa, e eu tenho uma tia também, então elas sempre foram minha rede de apoio, mas quando iniciou a pandemia nós ficamos realmente isolados. Então a gente não saía, não ia pra lugar nenhum então era só, éramos só nós mesmo, nem minha mãe vinha pra cá também não né. A gente passou muito tempo assim né, aí depois foi que realmente eu fui flexibilizando porque realmente eu tava precisando dessa ajuda né, de alguém. Então a minha mãe veio algumas vezes pra cá, mas de início mesmo, era só, éramos só eu, nós três né. (Eduarda, transcrição de áudio, 2021).

Raysa e Maryna também tiveram dificuldades nas relações com os filhos durante a pandemia. Raysa destaca a importância da mãe como rede de apoio no momento em que ela ia ministrar as aulas depois de um tempo que se iniciou a pandemia. Raysa, como a maioria das professoras, tiveram apoio de uma outra mulher da família, principalmente a mãe. Nesse sentido, chamou a atenção na pesquisa o fato de não terem sido orientações médicas as que nortearam a presença ou ausência das mães ou sogras no apoio cotidiano ao exercício da maternidade. Embora num primeiro momento, estas orientações possam ter feito sentido, em seguida, a impossibilidade de dar conta de todas as demandas simultâneas mobilizou as avós para o cuidado dos seus netos. A ausência ou presença dessas mulheres no apoio às crianças se deveu mais a elementos como proximidade ou disponibilidade do que a preocupações com o vírus. Nesse sentido, a possibilidade de um “isolamento vertical”, como chegou a ser defendido pelo Poder Executivo Federal, na defesa de uma economia que não poderia parar, Raysa se viu impossibilitada pelas demandas habituais do exercício da maternidade, exacerbadas no momento da pandemia.

Já Maryna destacou as dificuldades do filho de três anos, na época, de estudar de forma remota. Ela não tinha como acompanhar as aulas do filho porque ela própria estava dando aulas e por esse motivo ela teve que interromper as aulas do filho. Ademais, por morar em outra cidade que não a da família, não contava com um rede de apoio, como outras professoras tiveram. As narrativas das interlocutoras chamam a atenção para pensarmos como elas se referem à "falta de tempo". Apesar de elas estarem nos mesmos espaços que seus filhos, não havia tempo disponível para eles, o que gerava angústia nas professoras. É perceptível que o trabalho como docente, no cotidiano destas professoras, rouba o tempo para a maternidade e a

noção de responsabilidade para com os filhos, que é um imperativo social fortemente incorporado (no sentido de vivenciado no próprio corpo) por elas, não é cumprida a contento.

Vinícius? Você teve alguma rede de apoio?

Raysa: Desde que minha filha nasceu eu conto muito com minha mãe e sempre que tá assim muito pesado né, doença, alguma coisa, eu sempre vinha pra cá no início da pandemia. A gente não se encontrava né, eu ficava muito em casa, mas depois de um tempo, sim, eu comecei a vir. Eu deixava minha filha com ela aqui na casa da minha mãe. São dois andares, então minha mãe ficava com ela aqui embaixo, eu ia pra cima. Então, quando as aulas passaram a ser ao vivo eu também vinha pra cá e ela ficava com minha filha e eu ia dar as aulas. Querendo ou não a gente precisa ser profissional né?

Sim, ele entrou na escolinha com dois anos, quando começou a pandemia ele tava com 3. Eram aulas remotas pra ele né? Então você imagina, pra ele foi horrível né? Tinha aula remota todo dia só que ele não acompanhava as professoras, muito perdidas. A conexão não era das melhores, então ele não acompanhava, e outra que a aula devia coincidir com as minhas aulas. Não tinha como eu dar aula e ele assistir a aula no computador. Então ele ficou um bom tempo sem ter aula.

Vinícius: Rede de apoio?

Maryna: Nenhuma... a gente mora em João Pessoa e nossa família é toda de Recife não tem ninguém aqui pra nos ajudar...

Apesar das mudanças significativas nas relações entre homens e mulheres e de parentalidade, as mulheres ainda assumem a maior parte das responsabilidades com os filhos (SCAVONE, 2001). E tais compromissos parentais se acentuam em períodos epidêmicos, tendo em vista as transformações que eles vão causar no cotidiano destas famílias. O cuidado com a criança na pandemia da covid-19 sugere que alguém vai estar de prontidão para lavar as mãos, utilizar álcool-gel, colocar e trocar as máscaras, não tocar em objetos que possam contaminar. Todo esse trabalho com as crianças em casa é esperado que alguém faça, e esse alguém são as mães. Essas mulheres também precisaram ensinar às crianças que estão em idade escolar, e que estavam tendo aula remota simultaneamente à aula que elas ministravam. Além disso, nossas interlocutoras tiveram que buscar estratégias no dia a dia para conciliar o trabalho docente que se viu intensificado ao extremo, por conta das novas modalidades de ensino (remoto e híbrido). Afora o trabalho formal, o trabalho da maternidade existe e precisa ser repensado tendo em vista que funciona como um dispositivo de desigualdade de gênero, devido à normalização do pressuposto de que ele deve ser feito primordialmente pelas mulheres. Simone Bittencourt (2019) discute esta questão, como podemos ver na citação a seguir:

Mesmo que atualmente haja homens que se empenham em cuidar dos filhos e dividir as tarefas domésticas, a maternidade ainda pesa sobre as

mulheres, especialmente para aquelas que dispõem de poucos recursos materiais para comprar os serviços de cuidado[...] Em relação às mulheres que se dedicam ao trabalho da maternidade, geralmente seus desempenhos são percebidos como normal, ao contrário dos homens, que quando se dedicam à paternidade, podem ser identificados como verdadeiros heróis (BITTENCOURT, 2019, p. 263).

Por outro lado, se compararmos o tempo que é destinado para o trabalho na docência e o tempo para os filhos, nas circunstâncias epidêmicas, o tempo do trabalho é apresentado de modo negativo, devido às responsabilidades que elas tiveram que adquirir ao longo desse processo, o que custou o tempo para os filhos e o que causou de forma significativa cansaço e exaustão para as interlocutoras da pesquisa. Já o tempo da maternidade aparece nos relatos com características positivas (brincar, dar atenção, cuidar), o que faz com que sua ausência seja sentida sob o signo falta, daí a metáfora usada neste item: o “tempo roubado”.

3.4 “A mulher que faz...”: trabalho doméstico na pandemia

Além das dificuldades com a docência e com a maternidade, no período da pandemia ocorreu também uma intensificação do cuidado com o trabalho doméstico. Usualmente tarefa dada às mulheres, o trabalho em casa se tornou mais um desafio para as interlocutoras, no momento em que as medidas sócio sanitárias para o controle da covid tornaram o espaço doméstico mais habitado - crianças e adultos convivendo 24 horas por dia no mesmo espaço social, no caso em que os adultos conseguiram trabalhar em home office. Por trás do lema “fique em casa”, podemos pensar numa série de outros desdobramentos em termos de trabalho doméstico, como “cozinhe em casa”, “suje mais a casa, logo, limpe mais a casa” etc. Entre as interlocutoras, foi possível perceber diferenças entre aquelas que conseguiam dividir os encargos da casa com os companheiros, e aquelas que embora contando com alguma contribuição do parceiro, eram entendidas como as principais responsáveis. No primeiro grupo, Maysa destaca que não tinha muito tempo para o serviço em casa e que o almoço ficava a cargo do seu companheiro. Já Eduarda conseguiu revezar com o companheiro tais atividades. Na entrevista, Eduarda afirma que durante a semana ela se dedicou quase que exclusivamente para a escola, para elaborar e corrigir provas, fazer o planejamento. Ou seja, questões relacionadas às escolas fez com que eles (ela e o companheiro) só fizessem as atividades de casa necessárias, como a preparação da alimentação.

Entre as mulheres cujos companheiros não partilhavam igualmente as tarefas domésticas, encontram-se Kátia e Raysa. Kátia destaca que escolher entre dar uma atenção

maior ao trabalho, ao filho ou às atividades domésticas, escolhe o trabalho. Ter que dar conta de todas essas atividades a deixava sobrecarregada e ela precisou criar estratégias para entreter o filho enquanto ela trabalhava, fazendo uso de telas, como celular, notebooks, televisão. Esses recursos foram importantes para ela poder dar conta de demandas diárias em relação às contribuições do companheiro. A interlocutora afirma que ele ajudava, porém, a responsabilidade da casa era com ela. Raysa tinha um cenário parecido com o de Kátia. Ela disse que a maior parte das demandas domésticas eram dela e o único momento disponível para a realização dessas tarefas era de madrugada, quando ela ia dormir. O bebê, na época, de seis meses, acordava para mamar. Com o passar do tempo, ela precisou recorrer à mãe que a ajudava nas jornadas diárias. Aqui, o que se observa é que embora a situação pandêmica tenha sido um potencializador de situações de excesso de demandas, tanto no trabalho doméstico como no trabalho na docência, são as relações de gênero desiguais que pesam mais no cotidiano dessas duas mulheres que não têm com quem partilhar as responsabilidades da casa, mesmo tendo um companheiro vivendo com elas.

As narrativas presentes nas falas das professoras possuem um conteúdo já alertado por Rosamaria Carneiro e Elaine Muller (2020), ao tratar a respeito das mulheres mães acadêmicas e o impacto da pandemia na rede de apoio das mães e das crianças conforme explicitado na citação a seguir:

Mas, é preciso dizer, que as mulheres mães e acadêmicas não têm vivido somente o ordinário, há também o extraordinário: o isolamento das redes de apoio em torno da maternidade é uma grande diferença nesse doméstico dilatado. Mulheres mães constroem, seja com relações de afeto ou parentesco, seja com serviços pagos, uma rede de pessoas com as quais podem contar no cuidado de crianças. Pessoas e serviços que cuidam das crianças para que a mãe tenha tempo para outras atividades, ou que ajudam em outras atividades para que a mãe possa cuidar de seus filhos. Escola, babá, avó, tia, ou “tia” sem laço consanguíneo, hotelzinho, creche, a pessoa que leva e busca da escola, a pessoa que fica com a criança à noite para a mãe sair, a pessoa que passeia, brinca, leva para aulas extras, a pessoa que alimenta, quem faz a faxina... quase sempre, mulheres. (CARNEIRO; MULLER, 2020, p. 44-45).

Com a chegada da pandemia da covid-19, as interlocutoras precisaram passar por um período de adaptação às novas demandas de trabalho, o cuidado com a casa e com os filhos, sobretudo as mães de filhos menores de seis anos de idade, o que requer uma atenção maior no cotidiano. Além dos cuidados que as mães costumam ter com filhos dessa faixa etária, havia uma preocupação ainda maior com o que poderia acontecer às crianças caso elas se contaminassem com o vírus da covid-19. Toda essa adaptação, no primeiro momento, precisou ser mais solitária do que costumava ser feita, contando com a participação exclusiva do

companheiro, considerando que as redes de apoio das professoras seja, escola, creche ou familiar (principalmente a avó da criança) precisaram também do isolamento social. Como posto no item anterior, a recomendação de isolamento precisou ser relativizada para dar conta do trabalho doméstico e de cuidado dos filhos, o que trouxeram as avós para o centro da economia de cuidados novamente em um momento em que a vacinação ainda não estava disponível.

As falas da Maryna também corroboram com a ideia de sobrecarga das participantes. Ela afirma que o momento que tinha para lidar com as atividades domésticas era nos finais de semana, pois não dava aulas. Durante a semana, tinham que se dividir entre dar aulas e cuidar do filho, tendo em vista que o companheiro e pai da criança também era professor. Um fato interessante é que o filho deles batia na porta dos cômodos em que eles trabalhavam pedindo “atenção”, já que ele só tinha três anos.

O serviço doméstico deu lugar às gravações... Questão do almoço era com meu companheiro, até porque alguns dias pegava das 7 às 12:30... Na parte da tarde, das 13 até às 16 e à noite seguia na preparação de slides, planejamentos, elaboração de atividade extra livro. (Maysa, transcrição de áudio, 2021).

A gente tenta se revezar nessas tarefas né, então uma hora eu lavo uma louça, e [nome do companheiro] que é meu companheiro também quando ele tá né, que ele tem uns horários mais vagos que eu, em outros horários então... Aí ele faz ou arruma a casa, ou quando eu tô muito atarefada eu digo pra ele "ó, eu não tenho como fazer isso hoje, arrumar a casa", então ele faz né. Então a gente vai fazendo essa, a gente não segue, a gente não tem tipo um horariozinho não. Segunda feira de manhã é você de tarde, sou eu não, a gente vai à medida que vai passando os dias. (Eduarda, transcrição de áudio, 2021).

(...)E aí essa minha semana toda foi só isso de fazer prova, de aplicar prova, de corrigir prova e de, de fazer planejamento que toda semana a gente tem que entregar o planejamento. Então eu não tive nenhum tempo assim de fazer tarefa doméstica nenhuma [risos] de arrumar a casa, de fazer nada, só coisas realmente necessárias como comida, fazer almoço, café da manhã, mas limpeza mesmo assim eu realmente não fiz, eu fiz só o necessário mesmo assim né. Então a gente fica nessa, nesse revezamento né, tem semanas que realmente é, fica mais difícil de realizar essas tarefas domésticas né, mas a gente vai cobrindo um ao outro na medida do possível. (Eduarda, transcrição de áudio, 2021).

Ficou uma sobrecarga porque não conseguia fazer nem uma coisa nem outra. Alguma coisa fica sobrecarregada. E aí geralmente essa coisa sempre ficava o filho ou a casa porque o trabalho não podia ficar porque a gente precisa trabalhar, tinha que dar conta do trabalho. Então... é... influência na casa e no filho, né. Na criação, entendeu? Meu filho passou a ficar muito mais tempo com tela. Eu precisei né? Eu precisava entretê-lo de alguma forma, então de tela ele passou a ficar muito mais tempo. E as coisas de casa, meu esposo me ajudou, mas ficava comigo, sobretudo comigo e quando dava mesmo, dando

eu ia fazendo. Casa nunca me estressou muito na verdade, sabe. (Kátia, transcrição de áudio, 2021)

As narrativas das interlocutoras trazem à tona as tensões existentes entre horários, responsabilidades e regras (ÁVILA, 2020), num contexto em que as demandas sobre as mulheres se intensificaram tanto na esfera do trabalho produtivo (as novas demandas atividades laborais na docência) como na do trabalho reprodutivo (a ausência de redes de apoio, a preocupação redobrada com a higiene). O cansaço, a exaustão, o adoecimento e seu correlato, a medicalização, emergem nesse cenário como expressão incorporada desses tempos pandêmicos (FRANCH et al., no prelo.)

A maioria das coisas eram minhas, querendo ou não. Infelizmente na sociedade que a gente vive, é a mulher que faz... Era muito sobrecarregado por conta disso né? Gravações que era feita em casa, material que era feito em casa, em relação ao trabalho, eu só fazia no horário que ela tava dormindo, quando ela tava acordado eu dava conta dela. Era essa divisão que eu fazia.... Para que dormir né? Eu dormia muito tarde da noite, quando eu ia deitar já era a hora que ela acordava de madrugada e era muito difícil por conta disso né? Depois de um tempo, eu comecei a vir é porque eu sentia um pouco de medo né? Mas depois de um tempo eu comecei a vir pra casa de mãe pra eu poder fazer as gravações aqui e ela ficar com minha filha. Os materiais e outras coisas eu fazia em casa, mas a gravação às vezes eu vinha fazer aqui na casa da minha mãe.... Quando chegava semana de prova, fazer avaliação, essas coisas todas, aí sim, complicou bastante...(Raysa, transcrição de áudio, 2022).

Um pouco bagunçado né? Como ele só tinha três anos na época, então eu dava remota no quarto né? Meu esposo na sala e ele ficava por aqui porque eu não tinha com quem deixar porque eu não tinha ninguém da família em João Pessoa. Ele ficava na sala assistindo televisão e eu botava brinquedo, botava vídeo, mas vez por outra, ele aparecia no quarto, batia no quarto, me chamava aparecia na câmera pros alunos umas duas, três vezes entendeu? Ele não entendia só tinha três anos ... então na parte do filho cuidar do filho a gente tinha essa dificuldade por que eu não tinha com quem deixar... Quando eu dava aula e meu esposo não dava aula, era ótimo porque meu esposo ficava com ele aqui na sala, mas quando os dois davam aula ao mesmo tempo por que às vezes coincidia, aí o problema era muito maior, porque às vezes ele atrapalhava meu esposo, me atrapalhava em relação às atividades domésticas da casa. A gente se virava pois a gente não dava aula nos finais de semana. (Maryna, transcrição de áudio, 2022).

As atividades domésticas constituem demandas que, se somadas ao trabalho parental, são tarefas no mundo capitalista destinadas às mulheres. Nancy Fraser (2020) em seu texto “Contradições entre Capital e Cuidado” discorre a respeito da “crise do cuidado” e defende que a sociedade capitalista só consegue funcionar segundo as suas premissas com base no trabalho socio reprodutivo das mulheres. Alguém tem que cuidar das crianças, alguém tem que limpar a

casa, alguém tem que estar disponível para preparar as refeições diárias da família e esse alguém sócio historicamente são as mulheres. Assim as “donas de casa” foram produzidas de modo que não foram e não são remuneradas por suas atividades.

A atividade socio reprodutiva não remunerada é necessária para a existência do trabalho remunerado, para a acumulação de mais-valor e para o funcionamento do capitalismo enquanto tal. Nada disso poderia existir caso faltassem o trabalho doméstico, a criação de crianças, a escolarização, o cuidado afetivo e uma gama de outras atividades que servem para produzir novas gerações de trabalhadores e repor as existentes, bem como para manter vínculos sociais e compreensões compartilhadas. A reprodução social é uma indispensável condição de fundo para que seja possível a produção econômica numa sociedade capitalista . (FRASER, 2020, p. 265).

E quando há uma maior necessidade do trabalho dessas mulheres, quando se inicia a pandemia da covid-19, são elas as que precisam estar disponíveis para que a engrenagem não pare, aumentando ainda mais sua sobre exploração. Não podemos esquecer que a maior parte do trabalho docente está com as mulheres, principalmente nos anos iniciais, na criação dos filhos e do trabalho doméstico. Em uma das suas falas, como podemos ver nas citações acima, Raysa diz: “na sociedade que gente vive, a mulher que faz”, ao se referir às questões relacionadas ao trabalho de casa. O lavar a louça, varrer a casa, passar o pano no chão, lavar a roupa são tarefas que demandam tempo no cotidiano das pessoas, e as interlocutoras da pesquisa sentiram o peso de se responsabilizarem por essas atividades. Nas falas, aparece a figura do companheiro das entrevistadas. Entretanto, elas ainda utilizam o termo “ele me ajuda” ao se referir às atividades domésticas, o que dá a ideia de que elas são as responsáveis por esses serviços e ainda vemos que, para manter as refeições e a casa limpa, elas buscavam alternativas como utilizar o final de semana ou ainda a madrugada, por ser o único tempo disponível que elas tinham o que de novo gerava cansaço e exaustão.

3.5 Emoções e adoecimento mental

No que diz respeito às emoções e o adoecimento físico e mental das interlocutoras, elas afirmam que, durante esse processo pandêmico, sentiam sintomas físicos e psicológicos que podem estar relacionadas às condições extremas em que passaram a conciliar docência e vida familiar, em um contexto de grande insegurança e marcado pelo cansaço e esgotamento. O adoecimento por covid também fez presença nas narrativas de algumas entrevistadas. Pâmela, por exemplo, acredita ter contraído a covid-19 por ter ficado indisposta para cuidar do filho, já

que não conseguia dar comida e banho. Ela relata que passou dois dias na cama, e como naquele momento não tínhamos informações precisas à respeito dos sintomas da covid-19, ela associou a doença. Não deixa de ser interessante que o critério para estabelecer a ausência de saúde e possível adoecimento por covid-19 tenha sido a falta de disposição para cuidar de seu filho, o que demonstra até que ponto o trabalho da maternagem é indissociável de sua condição de estar no mundo. Já Kátia e seu companheiro confirmaram o diagnóstico da covid-19 por meio de exames, porém apesar do filho ter tido sintomas parecidos com o dos pais, eles não realizaram exames na criança.

(...)Eu acho que eu peguei, só que, se liga na ideia. Eu tive muito mal, eu peguei a gripe, eu fiquei, eu sei que, de um dia pro outro é, eu tava, eu nunca fiz, eu nunca desde que [o filho] nasceu, se eu dizer assim "dá comida a ele por favor, vá dá banho nele" é porque realmente eu não tô bem. Eu sei que eu tava me sentindo fraca, quando foi no outro dia, quando chegou no finalzinho da tarde, eu olhei pra e fiz assim "cuida de [Nome do filho] que eu vou deitar, que eu não tô me sentindo bem", e eu vim deitei, eu sei que eu passei 2 dias de cama. (Pamela, transcrição de áudio, 2020).

De Covid sim. Eu e meu marido pegamos covid e meu filho, meu filho não foi diagnosticado exatamente, mas teve os sintomas muito parecidos e a gente não tem noção do que se foi, eu acabei não fazendo o exame dele. (Kátia, transcrição de áudio, 2021).

Nos seus relatos, Eduarda, Kátia, Raysa e Maryna descrevem suas emoções e o adoecimento mental que passaram durante o período pandêmico. Eduarda, que já havia sido diagnosticada com transtorno de ansiedade generalizada (TAG), entrou num quadro de depressão. Ela diz que os motivos seriam estar muito tempo dentro de casa em uma cidade nova e não ter uma rede de apoio que a pudesse auxiliar nos cuidados com o filho. O lidar com as demandas de trabalho, casa e filho acentuou o seu adoecimento mental e ela precisou se afastar por uns dias do trabalho e tomou medicação tanto para o tratamento de ansiedade e depressão, como para conseguir dormir no período da noite.

(...) eu entrei num processo de depressão e ansiedade por passar muito tempo dentro de casa, por não ter tanto apoio aqui em João Pessoa, como eu tinha em Patos. Porque eu não conhecia praticamente ninguém e aqui então eu não tinha, não tenho na verdade, muitos amigos, nem muitos familiares né, e o meu filho também por ter passado muito tempo dentro de casa. Ele era, lá em Patos. como é uma cidade pequena, ele era acostumado a sair muito na rua, brincar com os amiguinhos, tinha a casa da minha vó que era, que é a bisavó dele, então ele ia, todos os dias, ele ia pra lá, então ele tinha uma rotina bem diferente. Então ele ficou muito ansioso, ainda está, porque não voltou ainda pra escola, né? Então teve todo esse, foi um impacto realmente muito grande no nosso, na nossa rotina e a gente teve que adaptar as coisas, porque eu dava aula remota e aí todo mundo em casa... E na hora da minha aula, ele tinha,

meu filho tinha que ir pro quarto dele, meu companheiro tinha que se trancar num quarto também, porque a gente não tinha um quarto. Por exemplo, que fosse o escritório, então tinha que dar aula na sala. Então tinha que todo mundo ficar num canto lá, então isso gerava também um estresse né, porque ninguém podia passar perto que eu já tava reclamando que não podia fazer barulho, essa coisa toda né, então foi bem difícil. (Eduarda, transcrição de áudio, 2021).

Aii [respira fundo], é, então como eu falei né, eu, eu já vinha, eu já sou é, já tenho o transtorno generalizado de ansiedade, mas eu tava mais tranquila né e aí quando essa pandemia iniciou, então se avolumou né. Quando iniciou a pandemia eu não, não tava tomando nenhum ansiolítico, nada desse tipo não, e aí as coisas foram passando né, e foi o estresse do dia a dia, de exigências da escola, até a adaptação com a aula remota, que foi complicado pra gente, pra os alunos e tudo mais. Tudo isso gerou mais ansiedade e aí eu entrei num quadro depressivo né, e tive que voltar pra medicação, tive que passar uns dias também afastada do trabalho, porque eu estava realmente num ponto de ansiedade que eu não conseguia né, produzir mais nada. Então eu tive que passar uns dias afastada pra eu poder me, me equilibrar novamente né.

Eu não durmo bem, eu não tô dormindo bem, eu tomo medicamento pra dormir. Mesmo assim, eu não durmo bem, mas eu ainda tô conseguindo, eu tô funcional ainda por conta disso, e eu tenho muita, tenho muita consciência disso, né? (Eduarda, transcrição de áudio, 2021).

Kátia aponta para o cansaço como o gerador de outros sintomas de adoecimento físico e mental como stress e insônia. Ela afirma que ainda não foi ao médico mas que por conta própria toma medicação natural para conseguir dormir devido ao excessivo trabalho de professora, entretanto ainda às vezes não consegue resultados com a medicação, o que a faz pensar ser necessário procurar ajuda médica.

Vinícius: E ao longo desse ano, quais foram suas emoções mais presentes durante a pandemia?

Kátia: Stress, cansaço, insônia (risos). Esses foram meus companheiros nesses últimos tempos. Sobretudo o cansaço porque eu acho que o cansaço é que gera os outros. (Kátia, transcrição de áudio, 2021)

Vinícius: Você acha que de alguma forma a pandemia prejudicou a sua saúde mental assim no trabalho?

Kátia: Prejudicou porque com o excesso de carga, eu estou, por exemplo, com insônia. Eu acho que isso é um efeito *rebot*, eu estou sem conseguir direito. Estou tomando remédio natural para dormir, eu estou sem querer ir ao clínico para solicitar a ele um remédio mais forte para dormir porque eu não queria, mas eu estou vendo que vou ter que fazer isso.

O cansaço e a sobrecarga são categorias analisadas em áreas de pesquisa que pensam a condição da mulher na sociedade atual. O trabalho de dissertação de Raquel Lustosa Alves (2020) apresenta dados em relação às mulheres mães e os seus cuidados de crianças com

Síndrome Congênita do Zika Vírus (SCZV) e possui narrativas semelhantes ao trabalho em relação às professoras mães.

Quando escrevo sobre a sobrecarga das cuidadoras, refiro-me principalmente à pluralidade de tarefas que essas mulheres exercem que, além de resultar no cansaço rotineiro, são pouco ou nada reconhecidos enquanto uma atividade laboral, conquanto sejam primordiais à manutenção da vida [...] O cansaço se estabiliza na relação de desvantagem social que captura os corpos com deficiência, assim como as pessoas que deles cuidam, inclusive dentro de uma lógica de capacitismo no ato de quem realiza o cuidado. Não se trata, portanto, de atribuir o corpo com deficiência como relativo à experiência de sofrimento e exaustão dessas mulheres, mas de comunicar as infraestruturas que permitem que o cansaço seja uma constante em dinâmicas, muitas vezes, invisibilizadas. (ALVES, 2020, p.62).

As narrativas das professoras mães convergem com as falas das mães estudadas por Raquel Alves (2020), considerando que elas também relatam uma rotina cansativa, com a pluralidade de tarefas, principalmente com a chegada da pandemia da covid-19 e o não reconhecimento das atividades laborais seja em casa, na escola ou pela dedicação da maternidade. Rayssa relata desgastes emocionais por ter que dar conta da criação do filho num período pandêmico em um apartamento pequeno. Isso que chama atenção para as diferentes condições de realização do isolamento social, estratégias para diminuir o desconforto, como ir à varanda ou sair na rua próximo de sua casa para poder dar conta. A angústia também fazia parte do dia a dia de Maryna, já Kátia não conseguir dormir. Maryna permeava a vida ao pensar em como seria o próximo dia, o que a fez recorrer à psicóloga da escola em que trabalha de forma remota devido à “pressão” que sentia no trabalho.

Eu tinha muito stress e muita descarga emocional. Criar um filho pequeno não é fácil em meio a tudo isso, sem você sair de casa o trabalho às vezes é uma válvula de escape então... É, eu tive sim descargas emocionais por conta do stress por causa que não ia dar conta de tudo muitas vezes.... Sei lá... Eu morava num apartamento pequenininho e aí saía pela varanda ou até mesmo pela rua assim só pra descarregar sabe? (Raysa, transcrição de áudio, 2022).

Eu não dormia direito... Eu ficava sem saber como seria o dia de amanhã né? Então eu me angustiava muito... E também até fiz a consulta com a psicóloga da escola. Na época, eu fiz uma consulta online porque era muita pressão, muita pressão porque o mais trabalhoso era ter que cumprir a demanda. Você ter que dá aquelas aulas ali, cumprir a demanda dos assuntos, daqueles quatro livros durante o ano de pandemia foi muito difícil porque a gente não tinha uma ideia de uma aula remota; é totalmente diferente de presencial... O que você planejava de aula presencial de um determinado assunto fazendo todo o roteiro dos assuntos do capítulo do livro, remotamente, não era daquele jeito. Então a gente teve que aprender a replanejar, a dar os conteúdos no tempo que dava na aula remota. Então essa diferença foi o que pressionou muito a gente, a gente tinha que cumprir a demanda entende? Então pra poder saber como

funcionava foi muito ruim. Até que quando chegou perto do final do ano muitos professores não conseguiram cumprir todos livros. Então a gente teve que fazer uma seleção de assuntos, quais os principais assuntos, então foi muito ruim. (Maryna, transcrição de áudio, 2022).

Nesta categoria, não há como não associar a gestão da pandemia para com os trabalhadores da educação e de trabalhadores de uma maneira geral. O que compete aos professores e professoras é que eles estavam na linha de frente digital um mês após o anúncio da pandemia da covid-19, principalmente os professores da rede privada que, historicamente, possuem condições de trabalho mais fragilizadas inclusive em sua remuneração, conforme foi destacado no capítulo anterior. Com condições de trabalho precarizadas ainda mais na pandemia e com as demandas da maternidade das atividades domésticas, as interlocutoras ainda relatam o medo do isolamento e de contrair a covid-19, o que acarretou problemas físicos e emocionais. Um dado que chama a atenção é a quantidade de escolas em que elas trabalham e o pouco tempo que possuem para si próprias, o que se viu refletido na dificuldade de algumas delas responderem as entrevistas. Mesmo tendo interesse, somente tinham disponibilidade nos finais de semana ou durante o período da noite.

3.6 Ainda sobre o tempo: a professora mãe em tempos de pandemia da covid-19

Em suas falas, as profissionais muitas vezes trazem questões centrais para se pensar os efeitos da pandemia em suas vidas: as mudanças drásticas nas suas relações com o trabalho, o desafio de aprender ferramentas online de uma hora para outra, lecionar em plataformas virtuais, a mudança no tempo de trabalho ou do retorno às aulas presenciais, a procura dos alunos e pais pelas redes sociais (Instagram e Whatsapp, por exemplo) ou até quando as professoras eram solicitadas em horários fora do expediente de trabalho e as transformações no trabalho no ambiente doméstico.

O tempo é uma categoria crucial para pensarmos os relatos das interlocutoras. Em meio à pandemia da covid-19, uma nova dinâmica no cotidiano das professoras precisou ser ajustada para que elas pudessem desempenhar suas atividades. Planejamento de aulas, reuniões no formato remoto frequentes com a direção das escolas, execução das aulas remotas, o contato com os alunos e os pais por meio das redes sociais, correção de trabalhos e provas, o cuidado com o(s) filho(s), o auxílio ao(s) filho(s) que estão nas aulas remotas, os cuidados domésticos e ter ainda que lidar com a pandemia transformou sobremaneira a vivência temporal dessas mulheres. Os tempos destinados às atividades diferentes, que eram separados pelos espaços onde essas atividades ocorriam (aulas na escola, trabalhos domésticos e cuidados com os filhos

nas casas), no momento mais crítico da pandemia, se concentraram exclusivamente em suas casas, embora não esqueçamos, o trabalho docente nunca ficou limitado ao espaço da escola. Nesse sentido, vale a pena discorrer com um pouco mais de atenção sobre a categoria tempo. A forma como apreendemos essa dimensão aqui considera o aspecto eminentemente social da vivência e organização do tempo, bem como sua dimensão subjetiva e experiencial. De acordo com Lasén (2000), “diferentemente do tempo da física, sobretudo em sua tradição newtoniana, o tempo social é qualitativo, relativo e resultado de convenções arbitrárias” (LASÉN, 2000, p.XV).

O tempo permite a organização da vida em sociedade, a partir do estabelecimento de ritmos e de formas de marcar e de contar o tempo que permitem a sincronização das atividades, servindo igualmente aos indivíduos como uma forma de orientação no seu mundo e no seu dever. Nessa perspectiva, o tempo pode ser entendido como um “fato social” (TABBONI, 2006, p.33), uma vez que a forma como o organizamos e percebemos depende de instituições, valores e normas construídos coletivamente e impostos aos indivíduos através de processos de socialização, sem que, na maioria das vezes, eles tenham consciência disso (ADAM, 1990; ARAÚJO, E., 2005). Entretanto, o tempo não se apresenta apenas como uma realidade externa aos indivíduos. Do ponto de vista dos sujeitos, ele é também uma experiência construída nas relações das pessoas entre si e com os eventos ao seu redor (CARBONELL, 2004; LECCARDI, 2006). A clássica aporia objetivo/subjetivo encontra aqui, um de seus cenários (FRANCH, 2008, p.24).

Ao falar na experiência do tempo das mulheres professoras na pandemia, é necessário situar inicialmente, a própria produção do tempo enquanto mercadoria promovida pelo modo de produção capitalista. Em seu clássico estudo sobre o tempo e a disciplina no capitalismo, E.P. Thompson (1998) demonstra o modo como o capitalismo industrial transformou a percepção interna do tempo dos trabalhadores, passando a ser norteadada pelo tempo do relógio e relacionada a uma partição espaço-temporal das atividades, sendo o trabalho delimitado ao espaço da fábrica. Obviamente, como mostraremos mais adiante, essa compreensão não contabilizava os múltiplos tempos que as mulheres precisam equacionar em seu cotidiano, mas ela é útil para nos ajudar a compreender alguns dos desafios narrados pelas mulheres entrevistadas.

A partir do século XX há uma fetichização maior do tempo, ou seja, o caráter de mercadoria negociável do tempo se acirra cada vez mais. As técnicas de administração do tempo

e os conhecimentos científicos trabalharam juntos para diminuir os intervalos entre uma atividade e outra e ir retirando os “vácuos” que não são desejáveis pelo capitalismo (ARAÚJO, 2012). Com a pandemia da covid-19, estes intervalos se tornam ainda mais estreitos nas atividades laborais, tendo em vista o ponto comum entre o espaço e o tempo: “fique em casa” e “trabalhe em casa”. Emília Araújo (2020), em texto publicado no mês de abril do ano em que se iniciou a pandemia, já destacava os impactos do trabalho feito em casa:

Ao funcionar como um espaço-tempo de convergência destas atividades e multiplicando-se em várias funções cujas temporalidades se distinguem e opõem, o teletrabalho também pode conviver com ansiedade e aumento de responsabilidades para um ou vários membros dos agregados. Daí muitas pessoas relatarem também que o teletrabalho os leva, não a desacelerar relativamente às funções que tinham ou teriam se a rotina de saída fosse sair e entrar em casa, mas a acumular ainda mais as atribuições (ARAÚJO, 2020, p. 04).

O *home office* já era uma atividade comum para algumas categorias, principalmente aquelas que lidam diretamente com tecnologia como Design, profissional de Marketing, Analista de dados, entre outros. Este tipo de serviço requer do trabalhador uma atenção maior em relação aos horários que deve se iniciar o trabalho e quando se deve encerrar. Como não há um “bater o ponto” no espaço doméstico, a lógica capitalista de produção e busca por resultados utiliza dos mecanismos de comunicação como redes sociais – Facebook, WhatsApp, Instagram e outros – para cobrar atribuições do trabalhador muitas vezes fora do seu expediente de trabalho. Quem nunca recebeu uma mensagem do chefe após o horário de trabalho? Nesse sentido, vemos que a pandemia, no caso da docência, funcionou como um acelerador de tendências já em curso no momento atual do capitalismo, que passam pela diminuição paulatina dos tempos liberados do trabalho, com auxílio de tecnologias que penetram o cotidiano e aumentam a possibilidade de controle. Com base nos relatos das professoras, observamos que elas recebiam mensagens via Whatsapp da direção da escola, dos familiares, dos alunos, ou seja, a comunidade escolar concentrava a expectativa dos resultados educacionais na figura do professor. Emília Araújo (2020) continua sua reflexão sobre a “casa” como um lugar de descanso e observa como isso vai se modificando com a chegada da pandemia:

A “casa” que se deseja como espaço de repouso e desconpressão, rapidamente pode passar a ser, sobretudo, um espaço-tempo de “confinamento”. Quer dizer, o dia a dia, obriga-se a ser “passado”, minuto a minuto, no mesmo espaço físico, ainda que uma estratégia seguida por muitas pessoas, e por vezes, inconscientemente, seja, não só a de criarem as suas próprias rotinas que estruturam o dia, como a de alterar os espaços usados em casa, dispersando a sensação de estar sempre no mesmo local. Isso pode ser mais facilmente

exequível, se o trabalho implicar o uso de um computador portátil, ou outros média equivalentes (ARAÚJO, 2020, p. 05).

O lugar do “descanso” vai se tornando categoricamente o lugar do “confinamento”. Trancar-se em casa devido aos riscos sanitários causou angústia, cansaço e exaustão nas interlocutoras. Elas sentiram a invasão da rotina escolar para dentro de suas casas. O que houve foi uma mudança de dinâmica. Anteriormente, o professor ia para a escola, batia o seu ponto, entrava em casa de aula, dava um número x de aula e retornava para casa. Não podemos esquecer que habitualmente os professores levam trabalhos para casa, seja quando precisam planejar ou corrigir eventuais avaliações. Mas, para um momento em que todo o processo educacional era exercido em casa, toda a rotina da casa teve que ser reconfigurada, como no caso de Eduarda. Tanto ela como o companheiro se trancavam em seus cômodos para poder dar aula, enquanto deixavam o filho aos cuidados de uma “babá eletrônica”. O cotidiano da casa ainda é socialmente entendido como de domínio feminino. Quando em tempos pandêmicos, todos se voltam à esfera privada, o que se percebe é que a mulher continua a manter suas atividades laborais, domésticas e no caso das interlocutoras, também maternas e ainda de forma acentuada. E como este trabalho foi visto socialmente no início da pandemia?

Como sugerido pelas charges incluídas neste trabalho, parte da opinião pública acreditava que com o fechamento dos espaços físicos das escolas, os professores não trabalhavam mais ou tinham diminuído drasticamente suas atividades laborais, o que não é verdade se considerarmos os relatos das professoras. O tempo encurtou e as demandas das docentes aumentaram. O fato de estar em casa não quer dizer necessariamente que elas estavam de folga, precisavam cumprir suas atividades e muitas vezes, com a vigilância da direção e dos familiares dos alunos.

Avançando na compreensão de como ocorreu o entrelaçamento de tempos no cotidiano das professoras mães na pandemia, trazemos para o debate as análises de Maria Betânia Ávila (2010), no texto “O tempo do trabalho produtivo e reprodutivo na vida cotidiana”, no qual coloca a divisão sexual do trabalho como fundamental para pensarmos o tempo de trabalho dos indivíduos.

A divisão sexual do trabalho é um elemento central na conformação das formas de sociabilidade que constituem a vida cotidiana. A vida cotidiana tem como seu movimento interno o vivido no dia a dia, e o tempo do trabalho é parte do vivido e do que conforma esse cotidiano. Na vida cotidiana, está o tempo do trabalho e, por isso, as regras, as dinâmicas e as tensões impostas pela divisão social e sexual do trabalho. O tempo do trabalho é uma forma de utilização do tempo como instituição social que está no centro do cotidiano (ÁVILA, 2010, p. 55).

Como podemos pensar o cotidiano de trabalho de homens e mulheres com base numa perspectiva sócio-histórica? O homem voltado para a esfera pública, o trabalho fora de casa, a política etc. A mulher como voltada para a esfera privada, a casa, o lar, o trabalho formal quando envolvesse o “cuidado”. Em tempos atuais, apesar da mulher atuar cada vez mais na esfera pública, ainda é esperado dela o papel de “dona de casa” e de mãe incondicionalmente disponível para o filho, o que não é esperado em relação à figura paterna. Ou seja, a vida cotidiana dessas mulheres professoras mães com base nas desigualdades sociais de gênero são ajustadas para que elas possam desempenhar todas essas funções causando o que podemos observar por meio das entrevistas e das experiências relatadas, cansaço e exaustão por conta do acúmulo de atividades.

O tempo do trabalho doméstico do cuidado com a reprodução da vida das pessoas não é levado em conta na organização do tempo social, na relação entre produção e reprodução. Na análise marxista, a reprodução é tratada apenas como substrato do processo produtivo, e o trabalho reprodutivo, realizado no espaço doméstico e elemento central para reprodução social, não é levado em conta. Os custos da reprodução da força de trabalho são contados apenas a partir do consumo dos produtos necessários à manutenção e reprodução dos trabalhadores/as, mas todo trabalho investido no cuidado, na produção da alimentação, na organização e manutenção do espaço de convivência familiar está fora da conta que configura a mais-valia, e, portanto, fora da equação entre trabalho necessário e trabalho excedente que está na configuração da relação de exploração entre capital e trabalho (ÁVILA, 2010: 55).

Este tempo para atividades domésticas e do cuidado voltado para as mulheres não é considerado como produtivo; o capitalismo aproveita das desigualdades sociais de gênero para manter a organização da vida social. Assim, o discurso naturalizante do papel materno da mulher ou do papel de “dona de casa” se torna hegemônico e não reconhecido como trabalho que precisa ser dividido: o trabalho do cuidado com filhos com a figura paterna e o trabalho doméstico com aqueles que dividem a mesma moradia. Nas entrevistas acima, percebemos como ter companheiros que dividem de modo mais igualitário as tarefas domésticas fez diferença no modo como foi vivenciado o momento mais crítico da pandemia, com isolamento social e novas demandas no trabalho docente. Porém, é o recurso a outras mulheres (as avós) que consegue liberar de forma mais efetiva as entrevistadas de parte do peso do trabalho doméstico e de cuidado.

Encontramos semelhanças do trabalho exercido majoritariamente por mulheres, como é o caso das enfermeiras, até mesmo antes da pandemia da covid-19. Audrey Vidal Pereira, Lúcia

Rotenberg e Simone Santos Oliveira (2012) desenvolveram um artigo intitulado “Relações de gênero e usos do tempo vivenciados por enfermeiras e enfermeiros a partir do trabalho no hospital” que muito nos ajuda a pensar as relações entre o público e o privado e a imposição feita às mulheres.

As correlações existentes entre as esferas pública e privada, observadas a partir do trabalho no hospital vivenciado por enfermeiras e enfermeiros, torna possível a identificação de interdependências caracterizadas através dos usos constrangidos do tempo de trabalho, que podem ser analisadas à luz das relações de gênero [...] As relações conflituosas entre o valor dado ao tempo de trabalho remunerado, mediante jornadas realizadas com plantões noturnos, diurnos, feriados e finais de semana; e os acontecimentos que envolvem família e atividades quotidianas, produzem incômodos, insatisfações e desgastes. Essas vivências podem ser identificadas pela constante sensação de falta de tempo ou de aceleração do tempo (PEREIRA et al., 2012, p. 328).

Essas profissões relacionadas ao cuidado como enfermagem, docência, pedagogia, serviço social, são consideradas ofícios do feminino pela sua atenção e responsabilidade pelo outro. São estas profissões que muitas vezes são mal remuneradas e que tarefas são impostas para além do que é acordado. Essas questões são vivenciadas por estas profissionais diariamente. Na pesquisa, os resultados encontrados por Pereira et al (2012) foram:

Em geral, pode-se observar o convívio de questões que tanto reforçam as desigualdades de gênero, quanto questionam os modelos tradicionais existentes nas relações quotidianas vivenciadas por enfermeiras e enfermeiros. A rede de dependências, identificadas a partir de conflitos de interesses e disputas de poder, permite refletir que os espaços e tempos público e privado se encontram ou se confundem, no dia a dia da vida dessas e desses trabalhadores, salvo particularidades individuais. Ainda a partir do gênero, existem diferenças em relação à realização do trabalho doméstico e de atividades simultâneas, ao uso do tempo para si e para os outros, à maneira como percebem a saúde e às estratégias utilizadas para equilibrar tensões advindas de relações e usos do tempo desiguais (PEREIRA et al. 2012, p. 328).

E o que muda com a pandemia? Com a chegada da pandemia as desigualdades de gênero já existentes se intensificam porque alguém vai ter que assumir as tarefas de cuidar da saúde, do educacional das crianças, do social, entre outros. E esse alguém prioritariamente foram as mulheres. As professoras estavam e ainda estão na linha de frente digital quando assumem o processo de educar dentro dessas condições sanitárias que ainda preocupam o mundo atual. As docentes precisaram repensar suas práticas educacionais. A autora Miriam Fernanda Costa (2021) realizou uma pesquisa com professoras da educação básica no contexto da pandemia.

Segundo a pesquisadora, essas mudanças inesperadas causaram um impacto significativo na forma preparar as aulas e realizar os seus trabalhos, como podemos ver na citação a seguir:

Devido ao rearranjo do trabalho docente por conta da pandemia da Covid-19, os professores tiveram que reinventar em diversos aspectos, com isso, outras formas e modos de preparar as atividades em meio às situações novas e inesperadas que lhes foram apresentadas ganharam outros arranjos. Consequentemente, todas essas transições repentinas e inesperadas das atividades docentes fizeram com que a preparação do material acompanhasse um ritmo acelerado, o que provavelmente pode ter gerado certos conflitos (COSTA, 2021, p. 200).

O rearranjo do trabalho docente, como podemos verificar nas narrativas das interlocutoras, gerou circunstâncias que foram nocivas às professoras, como a sobrecarga exagerada do trabalho, a cópia que os alunos fazem da internet para realizar um trabalho, a expectativa que a comunidade escolar tem para que o professor utilize redes sociais (como no exemplo da professora Kátia que afirmou que “tinha que ser um tiktoker”), e ainda, compreender de forma rápida, uma nova dinâmica do retorno às aulas presenciais por meio do modelo híbrido, cujo aluno escolhia se assistia aula em casa ou na escola e a professora precisava dar conta do grupos que estavam na sala de aula e do grupo que estava nas plataformas digitais como o Google Meet. Ou seja, uma série de demandas que custaram a saúde mental e as emoções dos docentes que vivenciaram a pandemia. Costa (2021) também traz informações importantes para pensarmos estas questões:

No que se refere aos sentimentos relacionados à pandemia e ao fechado das escolas, observamos que o conflito que se deu quando as professoras, por motivos diversos, não conseguiam mais realizar aquilo que antes já haviam realizado, e com isso surgiram sentimentos como angústia, frustração e tristeza, devido às limitações para a realização de suas atividades profissionais. Consideramos que tais questões afetam tanto o trabalhador quanto o seu trabalho, em que a relação entre o vivendo e o vivido pode ser considerado um tipo de conflito (COSTA, 2021, p.176).

Na pesquisa realizada por Miriam Fernanda Costa (2021), os sentimentos de angústia, frustração e tristeza apareceram devido às dificuldades das professoras em desempenhar suas atividades laborais, o ofício de ser professora. Neste trabalho podemos perceber que tais sentimentos foram despertados por diversos fatores: a preocupação com o amanhã, tendo em vista a ascensão de uma doença que pouco se sabia sobre ela, a falta de rede apoio em casa, por passar muito tempo em casa foi preciso uma nova adaptação, o cansaço, o stress, insônia e a pressão para cumprir as metas de trabalho. Algumas interlocutoras dessa pesquisa precisaram recorrer à psicoterapias ofertadas na instituição escolar, medicamentos como ansiolíticos ou até

mesmo os considerados naturais para dar conta dos diversos trabalhos que deveriam ser desempenhados e pela vigilância que estes trabalhos se submetiam.

A vigilância é considerada por Foucault(2002) em sua perspectiva histórica que pode ser observada a partir da Idade Moderna, iniciando-se no final do século XVIII e estendendo-se até meados do século XX. Segundo Foucault (2002) ela passa a ser a condição fundamental para o exercício do poder moderno, acompanhada pela sanção normalizadora e o exame. Este ponto se relaciona com o objeto analisado na medida em que as aulas ministradas via Google Meet e pelas redes sociais durante a pandemia de covid-19 aumentam enormemente o potencial de vigilância sobre as professoras.

É importante salientar o argumento foucaultiano em “Vigiar e Punir” (2002) e sua relação com o processo de modernização, sobretudo no que diz respeito ao aprofundamento dos pressupostos da modernidade. A vigilância, por sua vez, tem se ramificado em diversas esferas da vida em sociedade, e este fato pode ser observado, por exemplo, com o fenômeno analisado: as aulas por videochamada. Surgindo para desempenhar poder sobre os indivíduos, o que desencadearia na punição dos corpos através da complexificação e do refinamento dos mecanismos de controle das instituições prisionais características do final do século XVIII, os instrumentos de vigilância se refinaram, isto é, modernizaram-se com o passar dos anos.

Destarte, não é objetivo deste trabalho se aprofundar no tema da vigilância ou neste caso, da cyber vigilância, mas relacionar a importância do argumento foucaultiano para a sociologia contemporânea, considerando que, segundo o autor, o olhar opera por meio de “vigilâncias múltiplas e entrecruzadas” (FOUCAULT, 2022, p. 154), das quais é difícil escapar.

Como foi mencionado nos relatos das interlocutoras, a atividade laboral de professoras da educação básica vem sendo monitorada, isto é, vigiada pelos pais de alunas e alunos, que após a pandemia de covid-19 têm acompanhado as aulas de casa. Como foi observado através da pesquisa, a contemporaneidade tem abrigado formas ainda mais intensas e complexas de controle e vigilância dos indivíduos, surgidas na modernidade. Deste modo, analisamos sociologicamente que não somente o produto do trabalho vem sendo vigiado, mas principalmente, o método ou a forma como as aulas são ministradas. Através da análise da fala das interlocutoras é perceptível situações de interferências online das aulas por pais de alunas e alunos, o que denuncia uma outra problemática não discutida no presente trabalho, porém não menos importante: o controle.

Segundo a teoria foucaultiana, são muitas as formas e os momentos de vigilância e são inúmeros os registros feitos a respeito dos comportamentos, e este ponto se relaciona, sobretudo, aos fatos recentes que têm caracterizado o controle docente em salas de aula.

Nesse sentido, por meio das narrativas das professoras pudemos perceber que elas tiveram que se adaptar às novas demandas trazidas pelo fechamento das escolas e pela consequente implementação do ensino remoto, o que ocasionaram mudanças drásticas nas relações de trabalho, fragilização da saúde física e mental, assim como o lugar da casa como espaço de trabalho, do exercício da maternidade e das atividades domésticas, do uso das redes sociais (Tiktok, Facebook, Instagram) como ferramentas de trabalho sem formações e capacitações e, as especificidades do ensino híbrido que demandam uma nova forma educar em tempos de pandemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste texto de dissertação, busquei fazer um diálogo sociológico entre gênero, docência e maternidade no contexto da pandemia da covid-19, levando em consideração que o trabalho analisa o cruzamento destas três categorias, algo que não encontrei durante o levantamento bibliográfico a respeito destes temas. Os trabalhos encontrados até aqui estudaram de forma isolada os impactos da pandemia na docência, na maternidade ou na vida das mulheres. O que propus aqui foi apresentar as narrativas de professoras do ensino básico com filhos de até cinco anos de idade que estiveram na “linha de frente digital” no período mais crítico da pandemia da covid-19.

Sendo assim, é possível dizer que a condição de gênero influenciou em algum sentido nessa experiência coletiva da pandemia por parte das professoras? E como elas chegaram à linha de frente digital nas escolas? As mulheres ainda hoje são maioria nas salas de aula do ensino básico, principalmente no ensino infantil e fundamental (ALMEIDA, 1998; LOURO, 2003). Ou seja, são direcionadas a elas o papel do cuidado e do educar com zelo. Quando a pandemia da covid-19 se iniciou, as escolas da Paraíba por decretos estaduais e municipais fecharam os portões e após trinta dias dos decretos, as escolas particulares, em sua maioria, reabriram os portões para os alunos. Entretanto, essa reabertura foi centralizada na figura da professora que a partir desse momento precisou dar conta de suas novas atribuições ou como disse a professora Maysa, “a professora que se vire”.

Nestas novas atribuições há o desafio de aprender ferramentas tecnológicas até então raramente utilizadas, em pouco tempo. Este aprendizado não é contabilizado e remunerado. Temos ainda, o gravar aulas ou transmitir aulas em tempo real, as mudanças qualitativas da atividade do ensino (o que causava cansaço e frustração), a procura dos pais e alunos pelos professores através das redes sociais (Instagram e Whatsapp), o aumento na carga do trabalho das professoras em detrimento do tempo de estudar com os filhos, o retorno às aulas por meio do modelo híbrido, os desafios e inseguranças no cotidiano das professoras e, por fim, as demandas que fragilizaram enormemente a saúde física e mental dessas profissionais, com relatos de diagnósticos de depressão e transtorno de ansiedade e busca pela medicalização.

Esta pesquisa é resultado também da minha experiência profissional enquanto professor de Sociologia que vivenciou o cotidiano de salas de aulas de escolas particulares e públicas do estado da Paraíba. Ao longo da minha trajetória profissional pude perceber a precarização das condições de trabalho, o piso salarial ainda muito ineficaz para a sobrevivência do docente que muitas vezes precisa trabalhar em diversas escolas — a depender de sua carga/horária para adquirir um salário confortável no final do mês —, o atraso de salários, os conflitos de um ensino precarizado. Enfim, circunstâncias que permeiam a vida dos professores e que num momento de pandemia estas dificuldades citadas anteriormente e diversas outras demandas se intensificaram, sobretudo, para mulheres professoras mães e impactaram de forma adoecedora o trabalho produtivo e reprodutivo.

No início da pandemia, momento em que as pessoas chamam hoje de período mais crítico da covid-19, anterior à vacina, dizia-se que o trabalho do cuidado e as atividades domésticas iriam ser mais valoradas socialmente ou que as sociedades se tornariam mais humanizadas. Estes discursos não se concretizaram com o passar do tempo, muito pelo contrário, este trabalho é uma demonstração que os grupos mais vulneráveis socialmente tiveram as desigualdades sociais acentuadas.

Como ficará um cenário pós pandêmico para as professoras mães? Em uma pandemia, apesar dos avanços das vacinas, ainda em curso, não há como responder a esta questão. O que podemos identificar como caminhos sólidos até aqui é que o uso das tecnologias, das redes sociais, da possibilidade de apelar para o ensino híbrido, considerando que vez por outra aparece uma nova onda da covid-19, uma nova variante, vieram para ficar. Na prática, isso resulta na precarização da organização do tempo na vida cotidiana o que dificulta categoricamente o cuidado de si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Cristina. Gênero na prática docente em Educação Física: “Meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar”? **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis. v.19, n. 2, maio/agosto, 2011, p. 491-501.

ALVES, Raquel Lustosa da Costa. “**É uma rotina de muito cansaço**”: narrativas sobre cansaço na trajetória das mães de micro em Recife/PE. Universidade Federal de Pernambuco. Dissertação. [Pós-graduação em Antropologia]. UFPE. 2020.

ARAÚJO, Emília. Questões de tempo e espaço: Do teletrabalho, ao “ficar em casa”, passando pelo confinamento. **Communitas Think Tank – Ideias**. [Online]. Disponível em: <http://www.communitas.pt/ideia/questoes-de-tempo-e-espaco-do-teletrabalhoao-ficar-em-casa-passando-pelo-confinamento>. Acesso em 2022.

ÁVILA, Maria Betânia. O Tempo do trabalho produtivo e reprodutivo na vida cotidiana. **Revista ABET** vol. IX — n. 2/2010.

BITENCOURT, Silvana Maria. A maternidade para um cuidado de si: desafios para a construção da equidade de gênero. **Estud. sociol.** Araraquara v.24 n.47 jul.-dez. 2019. pp.261-281

CARNEIRO, Rosamaria. MULLER, Elaine. Afinal quando de extraordinário a Pandemia de COVID-19 soma na vida das mulheres? **Altera**. João Pessoa. V.1. n.10. jan/jun. 2020. p.441-450.

COSTA, Miram Fernanda. **Os conflitos vivenciados em torno do trabalho docente na perspectiva de professoras da educação básica em contexto de pandemia**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Dissertação [Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação]. Juiz de Fora. UFJF. 2021.

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ESCOLAS PARTICULARES (FENEP). Orientações da FENEP às escolas particulares sobre o Coronavírus. In **FENEP**. [S.I.], 13 mar. 2020. Disponível em: <https://www.fenep.org.br/orientacoes-da-fenep-as-escolas-particulares-sobre-o-coronavirus/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução. Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tr. Coletivo Sycorax. Editora Elefante: 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Taquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002

FRANCH, Gutiérrez Mónica. **Tempos, contratempos e passatempos: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens populares do Grande Recife**. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. [Programa de pós-graduação em Antropologia e Sociologia]. Rio de Janeiro. UFRJ.2008.

FRASER, Nancy. Contradições entre capital e cuidado. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, [S. l.], v. 27, n. 53, p. 261–288, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/16876> . Acesso em: 5 set. 2022.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1991.

HARVEY, D. Políticas anticapitalistas em tempos de COVID-19. In: DAVIS, M. *et al.* **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra Sem Amos, 2020, p. 13-23. *E-book*.

JOÃO PESSOA. Decreto 9.456 de 15 março de 2020. **Semanário Oficial da cidade de João Pessoa**. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=391558> Acesso em: 14 de Abril de 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____ (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed., 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____.; GOELLNER, Silvana Vilodre.; NECKEL, Jane Felipe (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MAGENTA, Matheus. Um terço das mortes no mundo: 3 gráficos fundamentais para entender a pandemia no Brasil. (Notícia) In. **BBC BRASIL**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56607007>. Acesso 04 de Abril de 2021.

MENDONÇA, Lúcia Glicério. **Parteiras em Londrina (1929-1978)**. Fundação Oswaldo Cruz. Dissertação [Pós-graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz]. Rio de Janeiro. FIOCRUZ. 2004.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio. 2016.

PARAÍBA. Decreto-lei n° 40. 122, de 13 de março de 2020. **Paraíba: Governo do Estado** [2020]. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doe/janeiro/marco/diario-oficial-14-03-2020.pdf> Acesso em: 13 de Abril de 2022.

PARAÍBA. Decreto-lei n° 41. 010, de 07 de fevereiro de 2021. **Paraíba: Governo do Estado** [2020]. Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doe/2021/fevereiro/diario-oficial-07-02-2021.pdf> Acesso em: 13 de Abril de 2022.

PIAUI, São Paulo. Elas na Sala de Aula. **Grupo Folha**. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/elas-na-sala-de-aula/>. Acesso 09 de Abril de 2021.

PICHONELLI, Matheus. A pandemia me fez saber quem eram os pais dos meus alunos, isso me deprimiu. **Tab Uol**. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/colunas/matheus->

pichonelli/2021/05/01/pandemia-me-fez-saber-quem-eram-os-pais-de-meus-alunos-isso-me-deprimiu.htm. Acesso: em 20 de dezembro de 2021.

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, L. (Org.). A prática feminista e o conceito de gênero. **Textos Didáticos**, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 2002, p. 7-42.

ROCHA, Geovane dos Santos da. **Saúde Mental e Pandemia: um estudo com os professores do ensino fundamental - Anos Iniciais do Município de Cascavel/PR**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Dissertação de Mestrado. [Pós-graduação em Educação]. Cascavel. UNIOESTE. 2021.

SALES, Ana Luiza Honorato de. “**Eu sou mãe, não sou professora**”: **Mediação familiar no ensino remoto durante a pandemia de COVID-19**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. [Pós-graduação em Educação]. Rio de Janeiro. PUC RIO. 2021.

SARAIVA, Karla. TRAVERSINI, Clarice. LOCKMAN, Kamila. A Educação em tempo de Covid-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**. Ponta Grossa, vol. 15 2016289.2020. p.1-24.

SCAVONE, Lucila. Maternidade e feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu** (16) 2001: pp.137-150.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SEGATA, Jean. A colonização digital do isolamento. **Cadernos de Campo**, n.1 São Paulo:USP. Vol.29.2020. p.163-171.

SILVA, Ana Paula Marcelino da. **Os riscos do cuidado: experiências do trabalho das profissionais de enfermagem na pandemia de covid-19**. Universidade Federal da Paraíba. Dissertação de Mestrado.[Pós-graduação em Antropologia]. João Pessoa. UFPB. 2022.

SOUZA, Kátia Reis de; SANTOS, Gideon Borges dos; RODRIGUES, Andrea Maria dos Santos; FELIX, Eliana Guimarães; GOMES, Luciana. Diários de professores(as) na pandemia: registros em cadernetas digitais de trabalho e saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. 26(Interface (Botucatu), 2022.

SOUZA, Maysa Carvalho de. “**Trabalhos de Agulha e pandemia da covid-19 no Brasil: mulheres na produção de máscaras artesanais**”. Universidade Federal da Paraíba. Dissertação de Mestrado. [Pós-graduação em Antropologia]. João Pessoa. UFPB.2022.

THOMPSON, Edward Palmer. **Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial: costumes em comum—estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIANNA, Claudia. O Sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**. Campinas, Vol.17/18. 2001. p. 81-103.

VINUTO, Juliana. A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um debate em aberto. **Temáticas**. Campinas. Vol.22. n 44. Ago/dez.,2014

WERNECK, Guilherme Loureiro. CARVALHO, Marília Sá. A Pandemia de COVID-19 no Brasil: uma crise sanitária anunciada. Rio de Janeiro. **Caderno de Saúde Pública**. 2020.

Apêndices

ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Vinícius Gabriel da Silva

PPGS/UFPB

DADOS GERAIS

NOME:

IDADE:

CIDADE:

FORMAÇÃO:

QUANTAS PESSOAS MORAM COM VOCÊ:

NÚMERO DE FILHOS:

NÚMERO DE ESCOLAS QUE TRABALHA:

FONTES DE RENDA

1. COMO ERA SUA ROTINA ANTES DA PANDEMIA DA COVID-19?

2. COMO FOI O INÍCIO DA PANDEMIA PARA VOCÊ? O QUE MUDOU EM SUA ROTINA?

3. EM QUE CONDIÇÕES VOCÊ FEZ O ISOLAMENTO SOCIAL?

4. VOCÊ, SEUS FILHOS OU FAMILIARES ADOECERAM DURANTE A PANDEMIA?

5. VOCÊ PERDEU ALGUM FAMILIAR PRÓXIMO?

6. AO LONGO DESTA ANO, QUAIS FORAM SUAS EMOÇÕES MAIS PRESENTES?

7. COMO ERA SUA ROTINA DE TRABALHO ANTES DA PANDEMIA?

8. COMO A ESCOLA QUE VOCÊ TRABALHA ATUOU DURANTE A PANDEMIA?

9. HOUVE ALGUM APOIO POR PARTE DA ESCOLA – CAPACITAÇÃO, APOIO PSICOLÓGICO, ETC?

10. COMO ERA FEITO O ENSINO REMOTO?

11. QUAIS AS DIFICULDADES DO ENSINO REMOTO?

12. EM RELAÇÃO ÀS TAREFAS DOMÉSTICAS, COMO VOCÊS SE ORGANIZAM? QUEM É RESPONSÁVEL PELO QUÊ?

13. A PANDEMIA TROUXE ALGUMA MUDANÇA EM TERMOS DAS RESPONSABILIDADES DOMÉSTICAS?

14. O SEU FILHO ESTAVA NA ESCOLA ANTES DA PANDEMIA? COMO FOI CUIDAR DOS FILHOS NESSA SITUAÇÃO DE TRABALHO REMOTO - PARA VOCÊ E PARA ELES?

15. VOCÊ TEVE ALGUMA REDE DE APOIO? COM QUEM VOCÊ CONTOU NESSE PROCESSO?

16. EM 2021 HOVE RETORNO DAS AULAS PRESENCIAIS? COMO FOI?

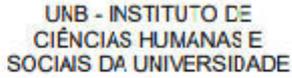
17. VOCÊ PODE FAZER UM BALANÇO DO ANO LETIVO DE 2020 E INÍCIO DE 2021?

18. O QUE VOCÊ PENSA QUE DEVERIA TER SIDO FEITO E O QUE VOCÊ PENSA QUE DEVERIA SE FAZER DE AQUI EM DIANTE, EM RELAÇÃO À PANDEMIA E ÀS ESCOLAS?

19. VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR MAIS ALGUM RELATO OU INFORMAÇÃO PARA ESSA ENTREVISTA?

Anexo

IMAGEM: PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

 				
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP				
DADOS DO PROJETO DE PESQUISA				
Título da Pesquisa: Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social				
Pesquisador: Sônia Weidner Mauf				
Área Temática:				
Versão: 1				
CIAE: 44876821.7.001.5540				
Instituição Proponente: Instituto de Ciências Humanas				
Patrocinador Principal: JES S/A				
DADOS DO PARECER				
Número do Parecer: 4.644.496				
Apresentação do Projeto:				
A Pesquisa "Estado, populações e políticas locais no enfrentamento à pandemia de Covid-19: análise social e diretrizes de ação e intervenção não farmacológica em populações em situação de vulnerabilidade e precariedade social" visa elaborar diretrizes e ações para intervenções não farmacológicas no combate à pandemia de COVID-19. Para tal, serão analisados as diferentes respostas e ações não farmacológicas de enfrentamento à pandemia de Covid-19, praticadas tanto através das políticas estatais de saúde quanto das políticas locais de diferentes populações em situações de precariedade social e de vulnerabilidade, como mulheres, idosos, crianças, pessoas com comorbidades e deficiências, população carcerária e pacientes psiquiátricos.				
Objetivo da Pesquisa:				
De acordo com a Pesquisadora, o objetivo geral da proposta é analisar as diferentes respostas sociais praticadas tanto através das políticas públicas de saúde quanto das políticas locais das diferentes populações em situações de precariedade social, em risco e vulnerabilidade criadas neste projeto.				
Avaliação dos Riscos e Benefícios:				
De acordo com a Pesquisadora, os riscos identificados na elaboração da proposta são os seguintes:				
<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td>Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Toriêto de</td> </tr> <tr> <td>Bairro: ASA NORTE CEP: 70.510-900</td> </tr> <tr> <td>UF: DF Município: BRASÍLIA</td> </tr> <tr> <td>Telefone: (51)2107-1552 E-mail: cep_dta@unb.br</td> </tr> </table>	Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Toriêto de	Bairro: ASA NORTE CEP: 70.510-900	UF: DF Município: BRASÍLIA	Telefone: (51)2107-1552 E-mail: cep_dta@unb.br
Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Toriêto de				
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.510-900				
UF: DF Município: BRASÍLIA				
Telefone: (51)2107-1552 E-mail: cep_dta@unb.br				
Página 01 de 04				